



ISSN 1980-1742

Revista
Santa Rita

Ano 01 - Número 02 - Primavera de 2006

copyright by autores
todos os direitos desta edição estão reservados

Revista Santa Rita

Ano 01, número 02, primavera de 2006

ISSN 1980-1742

Ficha Técnica

Diretor Geral da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia	Anunciato Storopoli Neto
Conselho Editorial	Eduardo Satochi Uchida Eleandro T. Monteiro Flávia Rodrigues Formigoni Hélio Cezário José Ap. dos Santos Luiz Carlos Magno Noeli Mercedes Mussolini Rosiley Ap. Teixeira Souto Taís Cecília dos Santos Lima Walter Kindro Andreoli
Corpo Editorial	Adriano de Alencar Matos Barbosa José Paulo Mazocolo Luciane Alves Santos Luís Donisete da Silva Fernandes Manoel Matias Fausto Rafael Anunciato Neto
Editor	Ricardo Meirelles
Revisão	Luciane Alves Santos
Projeto e Editoração	Torre de Pedra Editoração Eletrônica torredepedra@gmail.com
Capa	Self Portrait as Mona Lisa. Salvador Dali.1954. Photographic elements by Philippe Halsman from: Marcel Duchamp http:// www.studiolo.org/Mona/MONA14.htm em 10/11/2006

Revista Santa Rita

www.santarita.br
rsr@santarita.br

Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas

Santa Rita de Cássia

Unidade Jaçanã: Avenida Jaçanã, 648

Jaçanã – São Paulo – SP – CEP 02273 001

Telefone (11) 6241 0777

Permitida a reprodução desde que citada a fonte.

Editorial

Ricardo Meirelles



Capa:

Self Portrait as Mona Lisa.
Salvador Dalí. 1954.
Photographic elements by
Philippe Halsman

from: Marcel Duchamp
[http://www.studiolo.org/
Mona/MONA14.htm](http://www.studiolo.org/Mona/MONA14.htm) em 10/
11/2006

Sumário

05. Papel das Instituições Financeiras frente a Responsabilidade Social Corporativa: Um Estudo De Caso, *Maria Ivani Pereira* et alli.
19. Um Olhar Filosófico sobre a Educação, *Rafael Annunziato Neto* et alli.
27. O Leite de Búfala: Um Alimento Nutritivo e de Alto Valor Biológico, *Bruna da Conceição de Matos*
31. Aprendendo ciências na feira, *Eliane Maria de Lima Righi*
39. Educando e Educador “Enredados”, *Claudia Castro* et alli
43. Climatério: Assistência De Enfermagem Nos Principais Distúrbios Relacionados, *Luis Donizeti da Silva Fernandes*
53. Ensinando alunos a ler textos autênticos e facilitados em inglês, *Adelaide Ferreira Margato*
61. A Importância dos Fatores Motivacionais no Processo Organizacional, *Rogério Nascimento Venancio*
69. A História da Escrita e a Escrita da História, *Ricardo Meirelles*
-

O Papel das Instituições Financeiras frente a Responsabilidade Social Corporativa: Um Estudo de Caso

Prof. Ms. Maria Ivani Pereira
Prof. Dr^a Maria Teresa Saraiva
Prof. Dr^a Raquel Pereira

Resumo

Este trabalho tem como propósito analisar a construção do conceito de responsabilidade social corporativa no contexto bancário, bem como os motivos que levam as instituições financeiras a adotarem seus princípios. Para tanto, foram selecionadas algumas ações que caracterizam a gestão de responsabilidade social corporativa, para relacioná-los com ações sociais do segmento bancário. Elaborou-se uma revisão bibliográfica sobre o assunto, na qual pôde-se constatar a relevância do tema responsabilidade social corporativa, bem como sua complexidade no setor bancário. A partir dos conceitos encontrados na literatura formulou-se um referencial teórico que orientou um estudo de caso realizado em uma instituição financeira. Discorreu-se sobre os principais conceitos relacionados à responsabilidade social corporativa e sustentabilidade, bem como o processo de incorporação da responsabilidade social no contexto bancário. O resultado da pesquisa sugere que o banco estudado, por meio de várias ações, construiu e disseminou o conceito de responsabilidade socioambiental em seu conglomerado e vem implementando ações corporativas voltadas para tal fim.

Palavras-chave:

responsabilidade social, responsabilidade social corporativa, sustentabilidade, setor bancário.

Abstract

This work has as intention to analyze the construction of the concept of corporative social responsibility in the banking context, as well as the reasons that take the financial institutions to adopt its principles. For in such a way, some actions had been selected that characterize the management of corporative social responsibility, to relate them with social actions of the banking segment. A bibliographical revision was elaborated on the subject, in which the relevance of the subject could be evidenced corporative social responsibility, as well as its complexity in the banking sector. From the concepts found in literature a referencial was formulated theoretical that guided a study of case carried through in a financial institution. One discoursed on the main concepts related to the corporative social responsibility and sustentabilidade, as well as the process of incorporation of the social responsibility in the banking context. The result of the research suggests that the studied bank, by means of some actions, constructed and spread the concept of socioambiental responsibility in its conglomerate and comes implementing corporative actions directed toward such end.

Key-words

social responsibility, corporative social responsibility, suportability, banking sector.

O Papel das Instituições Financeiras frente à Responsabilidade Social Corporativa: Um Estudo de Caso

1 - Introdução

A escolha do tema responsabilidade social corporativa no ambiente bancário decorre da percepção de que está havendo uma preocupação global com relação aos aspectos socioambientais por parte das empresas e da sociedade como um todo. Inclusive a participação da iniciativa privada na solução de necessidades públicas está sendo integrada aos objetivos e às metas organizacionais.

Neste contexto, o presente estudo almeja entender os fatores que estão levando o segmento bancário a adotar a responsabilidade social corporativa, bem como de que forma estão construindo e disseminando o conceito junto aos *stakeholders*. Tem como objetivo específico pesquisar: o papel das Instituições Financeiras frente às questões socioambientais e o retorno do investimento em Responsabilidade socioambiental para a sociedade e bancos.

Em particular, analisar como foi construído e disseminado o conceito de responsabilidade social corporativa no Banco ABN AMRO REAL, por meio de um estudo de caso no qual abordou-se o contexto da instituição financeira pesquisada, sua estrutura e sua estratégia de responsabilidade social corporativa e ambiental.

A escolha do tema também foi motivada pelo desafio de buscar um entendimento da seguinte questão: Como e por quê uma instituição financeira constrói, adota e dissemina as ações de responsabilidade social corporativa?

Devido às exigências de um mercado globalizado de alta competitividade em todos os segmentos, as instituições financeiras também estão mudando seu perfil em função às questões socioambientais. Nos discursos institucionais e campanhas publicitárias de alguns bancos, percebe-se a preocupação de verificar o destino dos financiamentos oferecidos às empresas e indústrias pertencentes a suas carteira de clientes por ser o principal financiador de seus projetos.

De acordo com o exposto, parece estratégico que as Instituições Financeiras assumam uma função social importante e passem a incorporar e disseminar o conceito de responsabilidade social corporativa, junto a seus funcionários, parceiros e fornecedores, buscando minimizar os impactos negativos da sua atuação na cadeia produtiva como um todo, como, por exemplo, não aprovando linhas de crédito para empresas que não são socialmente responsáveis.

2 - Revisão Bibliográfica

2.1 - Responsabilidade Social Corporativa

Borger (2001) enfatiza que a responsabilidade social corporativa tem se tornado um dos temas mais propagados e debatidos tornando-se uma variável estratégica importante, pois as organizações estão competindo em um ambiente de negócios cada vez mais complexo e são pressionadas a avaliar suas operações dentro e fora das instalações bem como verificar o impacto de suas políticas e ações junto aos *stakeholders*.

Ashley (2004) evidencia que a *“responsabilidade social das organizações tem sido amplamente debatida como uma nova tendência no comportamento organizacional”* (ASHLEY, 2004, p.145). Assim tornou-se fundamental, tanto para as empresas públicas quanto para as privadas, que assumam não só o papel de produtoras de bens e serviços, mas também o de responsáveis pelo bem estar de seus colaboradores e comunidade na qual estão inseridas.

Nasce no ambiente organizacional uma crescente preocupação em vincular valor à imagem organizacional por meio de ações de cidadania, responsabilidade social, gestão ambiental com sustentabilidade, traduzindo-se numa crescente conscientização por parte da iniciativa privada de que as organizações podem e devem contribuir e assumir um papel mais amplo dentro da sociedade.

Para Bicalho (2003) à evolução do capitalismo, o acirramento da concorrência, o aumento do poder de escolha dos clientes e o despontar de necessidades nos consumidores que vão além dos fatores de sobrevivência, contribuem para a *“crescente importância da construção de uma imagem empresarial positiva que possa estimular seus públicos a construir julgamento favorável a respeito da organização”* (BICALHO, et al 2003, p.382).

As organizações mudam quando o ambiente, o mercado e as tecnologias mudam. Do mesmo modo, as organizações modificam e transformam o ambiente no qual atuam. É inegável que as atividades das organizações afetam a sociedade como um todo, despertando no público a preocupação e o questionamento do comportamento socioambiental das empresas. Sendo assim, observa-se que a construção de uma imagem social das organizações tornou-se estratégico para manutenção de sua competitividade (Borger, 2001).

Desta forma, algumas organizações passam a assumir parte da responsabilidade pelo desenvolvimento social e implantam ações voltadas para tal fim. Fossá e Sartoretto (2002) enfatizam que, cada vez mais o setor privado tende de abraçar a responsabilidade até então atribuída aos governos e passam a interagir com a comunidade e o terceiro setor, constituindo um fenômeno que começa a ganhar espaço em discursos acadêmicos, empresariais e governamentais, traduzido por termos como responsabilidade social e cidadania corporativa.

Neste novo contexto, tornou-se fundamental que as empresas assumam não só o papel de produtoras de bens e serviços, mas também o de co-responsáveis pelo bem estar de seus colaboradores e comunidade na qual atuam. Assim, observa-se que a nova postura das empresas resgata princípios éticos e morais de natureza estratégica. Elas participam diretamente das ações comunitárias na região em que estão inseridas, diminuem os possíveis danos ambientais decorrentes do tipo de atividade que exercem e investem no bem estar dos funcionários.

2.1.1 – Conceitos de Responsabilidade Social Corporativa

De acordo com a Comissão das Comunidades Europeias (2001, p.4 in Barreto 2003), a responsabilidade social das empresas é, essencialmente, um conceito segundo o qual as organizações decidem, numa base voluntária, contribuir para uma sociedade mais justa e para um ambiente mais limpo. Essa responsabilidade manifesta-se em relação aos trabalhadores e, mais genericamente, em relação a todas as partes interessadas afetadas pela empresa e que podem influenciar os seus resultados.

Para o Instituto Ethos *“a responsabilidade é uma cultura de gestão que procura aplicar princípios e valores a todas as atividades e relações da empresa”* (ETHOS, 2004 p.1). Neste sentido, uma empresa pode ser considerada como socialmente responsável quando assume um papel de co-responsável pelo desenvolvimento social da localidade na qual está instalada e também quando procura saber os interesses dos *stakeholders* e passa a incorporá-los no planejamento de suas atividades, buscando atender às demandas de todos e não apenas dos acionistas ou proprietários. Para Ashley (2004) é:

o compromisso que uma organização deve ter com a sociedade, expresso por meio de atos e atitudes que a afetem positivamente, de modo amplo, ou a alguma comunidade, de modo específico, agindo proativamente e coerentemente no que tange a seu papel específico na sociedade e a sua prestação de contas para com ela. Assim, numa visão expandida, responsabilidade social é toda e qualquer ação que possa contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade (ASHLEY, 2004 p.6 e 7).

Assim a responsabilidade social é qualquer forma de atuação que tenha o propósito de contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade, com transparência e responsabilidade quanto às gerações atuais e futuras, compreendendo o contexto social e econômico do país e com preocupação de estabelecer parcerias comprometidas com os mesmos conceitos, desde que não seja de forma isolada e esporádica.

Observa-se que a busca da responsabilidade social corporativa tem algumas características específicas. Hoje as organizações devem prestar contas aos funcionários, à mídia, ao governo, ao terceiro setor e, por fim, às comunidades nas quais opera. Também são responsáveis pelas conseqüências de suas operações, incluindo os impactos diretos e indiretos que afetam terceiros. Isto envolve toda a cadeia produtiva e o ciclo de vida dos produtos e devem fazer valer seus códigos de ética aos produtos e serviços usados ao longo de seus processos produtivos (Borger, 2001).

De acordo com a entrevista de Grajew (2001), Diretor Presidente do Instituto Ethos de Responsabilidade Social, a responsabilidade social e empresarial enquanto estratégia de gestão está ganhando força entre os empresários brasileiros. Algumas organizações estão trabalhando para balizar suas ações com os funcionários, meio ambiente, fornecedores, concorrentes, governo, comunidade e outros, de forma responsável, mostrando assim ética e precaução com as questões sociais e ambientais, dentre elas, algumas instituições financeiras.

Particularmente em relação aos colaboradores, a empresa socialmente responsável respeita o equilíbrio entre o trabalho e a vida privada; incentiva a participação dos empregados em sindicatos, favorece o desenvolvimento pessoal por meio da formação, promove um clima de trabalho agradável e preocupa-se com o bem estar dos funcionários.

Em relação aos fornecedores, a empresa luta contra as práticas do trabalho infantil, do trabalho forçado, dentre outros, como pode também desenvolver uma política de comércio justo que garanta aos fornecedores rendimentos regulares. As medidas contra a corrupção também fazem parte das práticas que as empresas têm de implementar.

Curado (2003) retrata três padrões de atuação socialmente responsável: responsabilidade social como imagem, direciona a preocupação das empresas em associar a marca a causas sociais; responsabilidade social como negócio pressupõe a necessidade de desenvolver a atuação social como fonte de vantagem competitiva e responsabilidade social como cidadania, traduz em investimentos de recursos financeiros, tecnológicos, humanos, em projetos de interesse público, visando melhorar a sociedade.

Observa-se que uma gestão socialmente responsável pode trazer uma larga gama de benefícios às empresas. Lourenço e Schröder (2003) enfatizam que em muitos depoimentos e pesquisas, a responsabilidade social aparece como responsável pelo apoio da sociedade e dos consumidores, pela preferência de investidores internacionais, por um espaço crescente aberto pela mídia, por um bom clima organizacional, pelo recrutamento e retenção de pessoas talentosas.

De acordo com Melo Neto e Fróes, 1999 apud Guedes, 2000, esses ganhos com a responsabilidade social resultariam no chamado retorno social institucional que ocorre:

quando a maioria dos consumidores privilegia a atitude da empresa de investir em ações sociais, e o desempenho da empresa obtém o reconhecimento público. Como conseqüência, a empresa vira notícia, potencializa sua marca, reforça sua imagem, assegura a lealdade de seus empregados, fideliza clientes, reforça laços com parceiros, conquista novos clientes, aumenta sua participação no mercado, conquista novos mercados e incrementa suas vendas (MELO NETO E FRÓES, 1999 apud GUEDES, 2000, p. 56).

Para os autores, o retorno social institucional empresarial se concretiza por meio dos seguintes ganhos: em imagem e em vendas, pelo fortalecimento e fidelidade à marca e ao produto; aos acionistas e investidores, pela valorização da empresa na sociedade e no mercado; em retorno publicitário, advindo da geração de mídia espontânea; em tributação, com as possibilidades de isenções fiscais em âmbitos municipal, estadual e federal para empresas patrocinadoras ou diretamente para os projetos; em produtividade e pessoas, pelo maior empenho e motivação dos funcionários e; os ganhos sociais, pelas mudanças comportamentais da sociedade.

Por outro lado, Lourenço e Schröder (2003) observam que uma empresa que trata os seus *stakeholders* com negligência, ocasionando problemas econômicos, sociais e ambientais, pode sofrer varias perdas empresariais: má imagem e diminuição nas vendas, pelo enfraque-

cimento e boicote à marca e ao produto; *quedas das ações e afastamento dos investidores*, pela desvalorização da empresa na sociedade e no mercado; *publicidade negativa*, advindo da geração na mídia de denúncias e propagandas contrárias às ações da empresa; *reclamações de clientes e perda de futuros consumidores*, devido à propaganda enganosa e a falta de qualidade e segurança dos produtos; *pagamentos de multas e indenizações*, ocasionadas por desastres ao meio-ambiente; danos físicos ou morais aos funcionários e consumidores; desobediência às leis e escândalos econômicos e políticos; *baixa produtividade*, pela maior exploração, insatisfação ou desmotivação dos empregados.

Assim, a resposta das empresas às crescentes demandas da sociedade, adquire status de natureza estratégica, na medida que a elevada consciência social, o exercício da cidadania empresarial e os investimentos sociais, incorporados aos tradicionais objetivos empresariais podem garantir a sobrevivência, a longo prazo, da organização (Orchis et al 2002).

2.2 – A Responsabilidade Social Corporativa do Setor Bancário

Fortuna (2002) aponta que os bancos estão firmemente arraigados no cenário econômico-financeiro-social do País, atuando como prestadores de serviços, como agentes reguladores do mercado financeiro, como intermediadores na movimentação de valores ou mesmo como absorvedores de mão-de-obra, pois mesmo após as fusões aquisições, automação bancária as instituições financeiras ainda empregam milhares de funcionários.

Pelo histórico do setor bancário no Brasil, nota-se que ao longo dos anos as instituições financeiras tiveram que se adaptar aos vários panoramas econômicos. Muitos bancos fecharam no decorrer desses anos, outros reduziram o número de funcionários para adaptar-se as exigências do mercado. Para ser mais eficiente e competitivo o segmento bancário teve que agilizar processos e formas de trabalho, gerando conseqüentemente o desemprego no setor. O número de funcionários passou de 824.316 em 1989 para 664.562 em 1994, aproximadamente 450 mil em 1997 e 477.291 em 2004.

Com os recursos que os bancos dispõem, poderiam atuar como instrumentos de mudanças na sociedade, agindo eticamente, favorecendo negócios que beneficiem as comunidades e rejeitando aqueles que tenham características contrárias (ZEEGERS, 2001 in COSTA FILHO, 2003).

2.2.1 - O papel das Instituições Financeiras frente às questões sociais e ambientais.

O setor bancário por estar presente em praticamente todos os municípios brasileiros, pode ser um forte indutor da disseminação da prática da responsabilidade social no Brasil, tanto pelo exemplo, como pela influência que pode exercer junto a seus clientes em suas relações negociais. Desta forma, as instituições financeiras têm atentado para o ambiente social onde se inserem por meio da *“Incorporação interna da gestão estratégica da responsabilidade social das organizações e a valorização de práticas de responsabilidade social das organizações dos clientes no domínio das relações comerciais do banco, por exemplo, em processos de financiamento”* (MATA et al, 2003, p 2 e 3)

Neste sentido, os autores vêem como fundamental o surgimento do papel dos agentes financeiros, enquanto difusores do conceito de responsabilidade social corporativa e suas práticas. Ressaltam que, grandes instituições como os bancos, normalmente empregadores de um elevado número de trabalhadores, podem assumir o papel que falta à difusão da responsabilidade social das organizações.

De acordo com *site* institucional da Federação Brasileira das Associações de Bancos - FEBRABAN, várias iniciativas têm procurado sistematizar, organizar e formalizar o papel do segmento financeiro em conceitos e práticas de sustentabilidade e responsabilidade social corporativa. No começo dos anos 90 tiveram início as Iniciativas Financeiras da UNEP - Programa Ambiental das Nações Unidas, quando então mais de 270 bancos, instituições financeiras e seguradoras se articularam para viabilizar uma relação pragmática entre performance financeira e meio ambiente. São enormes as conseqüências para o meio ambiente e para a qualidade de vida das iniciativas da UNEP.

Em todo o mundo foram criados indicadores que medem a performance das empresas. Em 1995 foi lançado o SAM - Gerenciamento Sustentável de Ativos, que depois se uniria a *Dow Jones & Company* para a criação do DJSI - *Índice de Sustentabilidade Dow Jones*; este indicador oferece uma avaliação de empresas para fins de investimento, levando em conta

tanto os aspectos financeiros tradicionais quanto a performance ambiental e social das empresas. Surgindo dois anos depois, na mesma linha, o índice FTSE4Good - *Financial Times Stock Exchange*.

Em 2002, a convite da IFC - Companhia Financeiras Internacionais, várias das maiores corporações bancárias mundiais se reuniram e divulgaram em Johannesburgo, os "Princípios do Equador". No documento estão definidas as diretrizes que o setor bancário utiliza como referência, os padrões do IFC e do Banco Mundial, para concessão de crédito que levam em conta questões de sustentabilidade.

Atualmente os projetos e produtos ligados ao microcrédito, bem como os fundos de investimento socialmente responsável, apontam para uma trajetória de expansão. As iniciativas ao redor do mundo abrem perspectivas significativas para todos os envolvidos e representam novos negócios e novos mercados para os bancos; representam apoio às políticas públicas de desenvolvimento e à inclusão econômico-social; representam o acesso efetivo à cidadania e melhores condições de vida para muitas pessoas e famílias. A atuação do segmento financeiro da economia se torna cada vez mais importante para o desenvolvimento sustentável e para o incentivo à responsabilidade empresarial.

Observa-se que muitas instituições financeiras estão indo nesta direção, disseminam os conceitos sociais, estão sendo mais criteriosas na concessão de financiamentos para projetos com impactos sócio-ambientais e adotando em seus processos e práticas os padrões consagrados de responsabilidade sócio-ambiental, pois a lei brasileira considera co-responsável pelo crime, aquele que, de alguma forma, contribui para o fato (Santos, 2002).

Percebe-se que pela lucratividade do segmento, os bancos podem direcionar somas significativas para os projetos socioambientais e estão paulatinamente incorporando-se à vida das comunidades, concorrendo para a solução de problemas sociais e exercendo um papel relevante como intermediário das relações financeiras e negociais entre os diversos agentes econômicos, em seus ambientes nacional e internacional (Costa Filho, 2003).

Nos relatos da atuação no âmbito social e ambiental das dez maiores instituições financeiras, publicados no último balanço social dos bancos no Brasil, percebe-se o nível de envolvimento do segmento bancário, tanto nas questões sociais das comunidades quanto nas de seus funcionários. As ações desenvolvidas pelos 10 maiores bancos demonstram a atuação em responsabilidade social e ambiental perante a sociedade por meio de projetos sociais em meio ambiente, educação, saúde, cultura, em apoio à criança e ao adolescente, em voluntariado e em imagem ambiental para fins de marketing.

2.2.2 – Uma perspectiva crítica de responsabilidade social corporativa no setor bancário

Dowbor (2003) ressalta que o cidadão comum não escolhe o banco, pois este lhe é atribuído junto com o emprego. O cliente abre a conta onde a empresa lhe paga. Este ponto é muito importante, pois significa que para o cidadão comum, não há realmente concorrência de mercado, e os bancos podem elevar tarifas ou cobrar juros que quiserem, cuidando de vez em quando, olhar o comportamento dos outros bancos, para não se distanciarem demasiado.

Cortez (2003) questiona se oferecer crédito e financiamento não são atividades relacionadas com o negócio de qualquer banco. Questiona também a quantia que os banqueiros investem em projetos sociais, culturais e ambientais, pois se forem excluídos os valores dos projetos com incentivo fiscal, o que sobra é um número irrelevante.

O Economista Eduardo Gianetti da Fonseca, em entrevista ao Jornal O Estado de São Paulo, publicada em 27/02/2004, faz uma crítica ao sistema bancário ao afirmar que:

O Sistema bancário do Brasil não cumpre o seu papel, que é o de fazer intermediação entre poupança das famílias e o investimento do setor privado, além de financiar consumo a taxas razoáveis. Os bancos não fazem isso. Eles emprestam dinheiro para o governo, que paga as taxas exorbitantes, e financiam o consumo de uma forma condenável (FONSECA, 2004 p.J4).

Com relação ao lucro exorbitante dos bancos, particularmente do Itaú, Bradesco, Banco do Brasil e o Unibanco, que juntos lucraram em 2004 R\$ 11,20 bilhões, declara que são valores que invocam o questionamento ético do lucro.

De acordo com o Banco Central, no relatório *Consolidado Bancario I*, 2004, no período de entre dezembro de 2003 e julho de 2004 o Banco do Brasil, 1º lugar no ranking dos Maiores Bancos do Brasil, empregou 4.672 funcionários; Caixa Econômica Federal, 2º maior banco do Brasil, empregou 3.291 funcionários. Já os Bancos Bradesco, 3º ranking, desempregou 1.645 funcionários; o Itaú, 4º no ranking, desempregou 1.009 funcionários; o ABN, 6º maior

banco do Brasil, desempregou 1.439 funcionários, a Nossa Caixa, 7º do ranking, desempregou 409 pessoas. Já o Santander/Banespa, 9º no ranking, empregou 109 pessoas, o HSBC, 8º no ranking, também empregou 4.423 pessoas e Votorantin, 10º no ranking, empregou 22 pessoas.

Percebe-se que os bancos que estão em maior destaque na mídia, o Bradesco, o Itaú e o ABN AMRO REAL, tanto pelo lucro exorbitante, quanto pelas ações sociais, como no caso do ABN, são as instituições que mais desempregam. Em seis meses os três bancos juntos desempregaram 4.093 funcionários.

3 – Metodologia de Pesquisa

O presente trabalho é de caráter explanatório e trata de um estudo de caso realizado no Banco ABN AMRO REAL, o sexto maior banco no ranking das instituições financeiras, objetivando o entendimento de um fenômeno organizacional, entendido como responsabilidade social corporativa no contexto bancário.

A escolha do banco deve-se ao fato de ser uma instituição que vem investindo em responsabilidade social e divulgando maciçamente sua atuação neste contexto nos diversos meios de comunicação e também por ser uma instituição internacionalmente conhecida e estar entre as primeiras no ranking dos bancos nacionais e estrangeiros.

Existem poucas pesquisas sobre responsabilidade social no segmento bancário. O presente estudo de caso caracteriza-se como pesquisa explanatória orientada para análise de “Como” e “Por quê” os bancos estão incorporando as questões sociais e ambientais em sua gestão.

Desta forma os objetivos da pesquisa determinam o método, o tipo de pesquisa e a estratégia a ser utilizada. Para o desenvolvimento do trabalho optou-se pela técnica do estudo de caso. De acordo com Yin (1989), a preferência pelo uso do Estudo de Caso deve ser dada quando do estudo de eventos contemporâneos, em situações que os comportamentos relevantes não podem ser manipulados, mas é possível fazer observações diretas e entrevistas sistemáticas. Apesar de ter pontos em comum com o método histórico, o Estudo de Caso se caracteriza pela “... capacidade de lidar com uma completa variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações” (YIN, 1989, p. 19).

Yin (1981) enfatiza que o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que busca examinar um fenômeno contemporâneo em profundidade, conduzido-o em detalhes e com base em várias fontes de dados. Também é enfatizado pelo autor que, questões do tipo “*como e por que são mais explanatórias e é provável que levem ao uso de estudo de casos, pesquisas históricas e experimentos como estratégias de pesquisa escolhidas*” (YIN, 2001, p.25). Também considera que o “*estudo de caso contribui, de forma inigualável, para compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos*” (YIN, 2001 p. 21).

Um dos pontos fortes do estudo de caso é a habilidade em lidar com diferentes fontes de evidência, documentos, artefatos, entrevistas e observações (Yin, 1989). Desta forma, para coleta de dados foram utilizadas as técnicas de pesquisa bibliográfica, levantamentos documentais, por meio de manuais, materiais promocionais, publicações produzidas pelo banco e entrevistas de campo junto a clientes da instituição.

A pesquisa bibliográfica foi realizada com base nos diversos autores e suas publicações em livros, teses, dissertações e artigos sobre o tema, para embasamento teórico. Além disso, foram utilizadas as informações do *site* institucional do Banco, matérias, entrevistas, panfletos e encartes publicitários publicados em jornais e revistas, divulgando os projetos sociais do banco.

A pesquisa documental foi baseada na análise dos documentos disponibilizados pela instituição, cujas informações também foram colhidas em material de circulação interna do Banco ABN AMRO REAL, material publicitário do banco enviando aos clientes e funcionários, tais como: Guia Rápido ABN Sudameris, Perguntas e Respostas ABN Sudameris; jornal Empresas publicação do ABN, Realidades, publicação do Banco Sudameris e Integração; cartas do presidente aos Funcionários e clientes; folhetos Real Prev, Real universitário, correspondências das campanhas “O banco de sua vida” e da nova campanha publicitária “Fazendo mais que o possível”, entre outros.

4 – O Estudo de Caso: Responsabilidade Social Corporativa do Banco ABN AMRO REAL

Em 1914 empresas holandesas unem-se para formar o Banco Holandês da América do Sul, sendo os principais acionistas a *Rotterdamsche Bankvereening N. V.* e a *Nederlandsche Handel-Maatschappij (NHM)*. Em 1917, o Banco iniciou suas atividades no Brasil, com a abertura de uma agência no Rio de Janeiro e outra em Santos. Em 1993, adota o nome ABN AMRO Bank. E em 1998 quando adquirem o Banco Real e o Bandepe – Banco do Estado de Pernambuco. Hoje, está presente também em mais de 70 países, sendo um dos maiores bancos do mundo.

O ABN AMRO REAL, objetivando ampliar sua presença na região Sudeste e aumentar sua participação nos segmentos de clientes de alta renda, adquire em 2003 o controle acionário do Banco Sudameris Brasil S/A, o nono maior banco privado do País. Com a aquisição, passou a ser o quarto maior Banco privado brasileiro em depósitos e empréstimos e o quinto maior em ativos.

No relatório trimestral “*Structure and Share Data for U.S. Offices of Foreign Banks*” a diretoria do Banco Central Americano (*US Federal Reserve Board*) divulgou o ranking dos maiores bancos estrangeiros nos Estados Unidos. De acordo com o relatório da diretoria do Banco Central Americano de outubro de 2003, o Banco ABN AMRO aparece em primeiro lugar, a classificação foi baseada no total de ativos em dólares.

4.1 – A missão e os valores corporativos da instituição

Segundo dados obtidos na pesquisa documental, a missão da organização é satisfazer os clientes, gerar valor para os acionistas, funcionários e comunidade, por intermédio de uma postura ética nos negócios, diferenciando-se pela qualidade dos produtos, serviços e, especialmente, pelo atendimento.

O ABN quer resgatar o papel dos bancos, enquanto agente do desenvolvimento social, ambiental e econômico. Ressalta que a mudança pela transformação do próprio Banco é contínua e focada nos investimentos que estão direcionados para geração de resultados que agreguem valor a todas as pessoas com as quais se relaciona, pois deseja manter um relacionamento de longo prazo com os clientes e sociedade, sendo essa a idéia de sustentabilidade do Banco.

Os valores corporativos foram definidos mundialmente pelo Banco em 1997 e disseminados para todos os funcionários por meio de “*workshops*”. Desde então as situações críticas enfrentadas pela Organização são discutidas de forma rotineira, buscando sempre o alinhamento, bem como a aplicação dos valores corporativos: integridade, respeito, trabalho em equipe, profissionalismo.

Para que esses valores se perpetuem o Banco investe na conscientização e mobilização do público interno, adequando as atitudes e práticas do dia-a-dia aos seus princípios e valores, em sintonia com os anseios da sociedade para que as mudanças sejam desencadeadas de dentro para fora. Todas as ações de responsabilidade social são desenvolvidas por grupos de trabalho formados por funcionários.

4.2 – Ações de Responsabilidade Social implementadas pelo ABN AMRO REAL

O ABN AMRO REAL criou a Diretoria de Responsabilidade Social em dezembro de 2001, tendo como papel fundamental, ser um elo entre o Banco e a sociedade. Sua missão é disseminar na Organização essa nova maneira de fazer negócios com base nas questões socioambientais.

No relatório ABN AMRO REAL: *Human and Economic values, together* (2002/2003), constam os indicadores e as ações de responsabilidade social implementadas pelo Banco, bem como a experiência na busca do desenvolvimento sustentável.

As ações de responsabilidade social são desenvolvidas por grupos de trabalho formados por funcionários, tendo como objetivo principal o envolvimento de toda a organização. Foi criado um movimento para revisão dos processos e produtos que vão desde o recrutamento e seleção de funcionários, à contratação de fornecedores, desde a criação de produtos e serviços à relação estabelecida com a comunidade.

A organização iniciou em março 2003 uma nova campanha publicitária na qual mostrava pessoas comuns e tratava de temas importantes como a preservação do meio ambiente, o compromisso de ouvir o cliente, o aperfeiçoamento constante dos produtos bancários e o convite a sociedade para adoção de um relacionamento maduro e duradouro com a instituição.

Na busca de concessão de linhas de crédito sustentável, a instituição promoveu um programa de treinamento em julho de 2002, do qual participaram desde sua implantação 1.500 gerentes e analistas em todo país, para conscientizá-los de que a tomada de decisão de crédito pode ter impacto positivo ou negativo sobre o meio ambiente e o bem estar social, pois os negócios de muitas empresas dependem da utilização dos recursos naturais, renováveis ou não, recursos estes que não pertencem à empresa, mas à sociedade. Este programa resultou num dos maiores treinamentos ambientais feitos por qualquer banco do mundo.

O treinamento dos funcionários foi Coordenado pela ONG Amigos da Terra, contou com a participação do IFC-International *Finance Corporation*, entidade que faz parte do Banco Mundial, tendo como objetivo principal a preparação do corpo gerencial e de analistas de crédito para avaliarem adequadamente o risco socioambiental da concessão de crédito.

Para uma atuação inédita no sistema financeiro, o ABN AMRO REAL contratou Christopher Will, em 2003, para atuar como Gerente de Risco Socioambiental e montar uma metodologia para detectar riscos sociais e ambientais nas empresas clientes do Banco.

O Banco criou linhas de crédito especiais na área ambiental, para empresas com alto risco sócio ambiental, porém com ações voltadas para o desenvolvimento sustentável. São oferecidos diversos produtos nessa área para as empresas, dentre elas linhas de financiamento para tratamento de efluentes, controle de emissões de gases na atmosfera e outros equipamentos de redução do impacto ambiental.

De acordo com o ABN AMRO REAL é possível à construção de um capitalismo humano e integrador, o banco vem transformando sua gestão para atingir esse objetivo. Busca uma relação equilibrada entre o lucro, as pessoas e o meio ambiente. Acredita que os bancos, enquanto agentes do sistema financeiro na sociedade, podem ajudar as pessoas a gerenciar seus recursos de uma forma mais consciente. Nesse aspecto é que o ABN AMRO REAL acredita ser um agente do novo capitalismo, pois quer obter lucros e resultados com essa consciência e o propósito de construir de fato uma sociedade melhor.

Principais ações e atitudes de responsabilidade social do implementadas pelo ABN AMRO REAL a partir de 2001: *ação social* - projetos de educação e cultura; *diversidade* - prática que valoriza diferenças de raça, sexo e culturas; *fornecedores* - integração de fornecedores à responsabilidade social; *fundo Ethical* - investimento pioneiro que privilegia governança corporativa; *meio ambiente* - ações para o uso inteligente dos recursos naturais; *microcrédito* - linha de crédito para a baixa renda, rápida e sem burocracia e *financiamentos Socioambientais* - quesitos para avaliação do crédito.

São várias as iniciativas e ações do banco ABN AMRO REAL no âmbito socioambiental. Muitas das iniciativas mereceram destaque e o banco foi premiado por meio de diversos órgãos representativos na sociedade.

O Banco ABN AMRO REAL foi selecionado como um dos três finalistas ao Prêmio Valor Social, criado pelo o jornal "Valor Econômico", para homenagear empresas que destacam-se por seu trabalho em responsabilidade social. A homenagem tem como principal objetivo mostrar ao Brasil como as organizações estão adotando uma nova postura frente à sociedade. Postura esta que busca a integração dos aspectos ambientais, sociais e econômicos, além do diálogo com os mais diversos públicos na administração de seus negócios.

O Banco foi reconhecido como Empresa Amiga da Criança e passou a adotar o selo da Fundação Abrinq em parte dos materiais de divulgação. O selo representa o reconhecimento do trabalho em favor dos direitos e do desenvolvimento da criança e do adolescente. O programa Empresa Amiga da Criança foi criado para envolver a sociedade na erradicação do trabalho infantil e estimular as empresas a investir em projetos para a infância e a juventude.

Percebe-se que o ABN AMRO REAL está comprometido com as questões socioambientais de forma substancial. O Banco ressalta por meio dos diversos veículos de comunicação seus principais objetivos na área social e dissemina os conceitos de responsabilidade social, de cidadania, da exclusão social, da diversidade, do voluntariado, dentre outros.

5 – Discussão dos resultados

Em particular, o Banco ABN AMRO REAL, objeto do estudo, investe muito nos eventos relacionados às questões sociais por meio de parcerias com entidades e associações atuantes, dentre elas o Instituto Ethos e a Fundação Abrinq, que trabalham na promoção e divulgação da responsabilidade social.

Na análise dos dados nota-se que na missão do ABN, denota um comprometimento com a postura ética como meio de gerar valor para a comunidade além dos acionistas e dos funcionários. Esse comprometimento se faz palpável quando o Banco redefine seu modo de interagir com os *stakeholders* e a sociedade em geral numa ação estratégica diretamente associada a sustentabilidade.

Nota-se que a missão do Banco foi embasada no conceito de responsabilidade social quando comparada com as definições de responsabilidade social empresarial comumente aceitas. Entende-se que a postura ética proposta na missão do Banco é justamente esse comportamento voluntário para além das prescrições legais.

Percebe-se também que a missão do ABN tem respaldo na definição de Melo Neto e Fróes (2001) ao afirmar que a responsabilidade social “*é um valor pessoal e institucional que reflete nas atitudes das empresas, dos empresários e de todos os seus funcionários e parceiros*”. Esse tipo de valor é notado na atitude do Banco de redefinir seu modo de interagir com os *stakeholders* e a sociedade em geral.

As condições consideradas importantes pelo Banco, para atingir seus objetivos são expressas no chamado Modelo ABN AMRO REAL. Dentre os objetivos que o modelo propõe atingir está o compartilhamento dos resultados com os funcionários, acionistas e a sociedade. Observa-se nesta proposta uma forte coerência com a definição de Ashley (2004) “*(...) responsabilidade social é toda e qualquer ação que possa contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade*” (Ashley, 2004 p.6 e 7).

O Banco ABN AMRO REAL tem se mostrado maduro quanto à questão da responsabilidade social. Uma das ações que demonstra essa seriedade é a organização da Diretoria de Responsabilidade Social. O trabalho de Lourenço e Schroder (2003) que destaca uma larga gama de benefícios que uma gestão socialmente responsável pode trazer. Melo Neto e Fróes, 1999 apud Guedes, 2000 citam o retorno social institucional como resultado da responsabilidade social. Tal retorno traz em seu bojo os seguintes ganhos: em imagem e em vendas; aos acionistas e investidores; em retorno publicitário; em tributação; em produtividade e pessoas; e os ganhos sociais. Responsabilidade social, portanto, está ligada com assuntos de importância vital para a empresa e a organização de uma diretoria para tratar especificamente desse tema, denota a preocupação da instituição com tais questões.

A instituição pesquisada promove melhorias sociais no âmbito da saúde, educação, esportes, lazer e cultura, responsabilidades que até pouco tempo atrás eram atribuídas ao governo. Assim, cada vez mais, as empresas privadas estão abraçando de forma responsável as questões sociais e passam a interagir com a comunidade e o terceiro setor. Pode-se observar que ABN AMRO REAL age de acordo com esse espírito quando se analisam as parcerias feitas com as ONGs para promoção de diversas ações sociais nas comunidades carentes e pelos projetos desenvolvidos.

De acordo com Souza (2000), o desenvolvimento econômico e o social devem caminhar juntos. “*Para haver sustentabilidade social é preciso haver uma idéia global das necessidades humanas, que agregam outras variáveis não econômicas, como saúde e educação*” (SOUZA, 2000 p.25). Analisando-se outras ações sociais do Banco, pode-se observar que estão em consonância com as declarações de Souza, tais como: Instituto Escola Brasil – ação voluntária para promover auto-estima do aluno e retenção escolar; Trilha dos Ladrilhos – Revitalização do espaço urbano; Talentos da Maturidade – um concurso nacional que premia talentos; Brincando na Rede – *site* para crianças; ADD Training – capacitação profissional para portadores de deficiência; Softwares para Deficientes Visuais; Amigo Real – Incentivo para profissionais se engajarem em projetos que beneficiam crianças; Atividades Culturais – restauração de patrimônio histórico; Banco na Escola – desenvolvimento da comunidade escolar para melhor gerenciamento dos recursos; Universidade Solidária – mobilização das universidades pelo social; e Alfabetização de Jovens e Adultos.

Uma outra ação do Banco ABN que demonstra um forte comprometimento com a responsabilidade social nos negócios é o tipo de análise que o banco faz para a liberação dos empréstimos, utilizando critérios que considera o risco ambiental dos, ou seja, existe uma consciência de que a responsabilidade social se estende ao longo da cadeia produtiva. Conforme Borger (2001), não somente o produto final deve ser avaliado por fatores ambientais ou sociais, mas também todo o processo produtivo, por se tratar de um conceito de interesse comum.

Assim, oferecer crédito a empresas não responsáveis socialmente e negociar com empresas que não são éticas, não exime o banco das conseqüências futuras, por conta disso, que o ABN AMRO REAL vem estimulando seus parceiros a adotarem e contribuírem com causas sociais.

As estatísticas apontam que empresas socialmente responsáveis são mais lucrativas, crescem mais e são mais duradouras. A página da *Dow Jones* na Internet traz um levantamento que compara a lucratividade dessas empresas com a média da *Dow Jones*. Observa-se que a rentabilidade das socialmente responsáveis é o dobro da média das empresas da Bolsa de Nova York (Grajew, 2000).

Karam (2001), cita como exemplo o *Fundo Ethical*, lançado em setembro de 2001 pelo Banco ABN AMRO BANK, como o primeiro fundo de investimento socialmente responsável do mercado brasileiro, obteve resultado acumulado de 20,3% entre 1º de novembro de 2001 a 19 de dezembro de 2001. Somente, em dezembro de 2001, o lucro já somava 3,4% até o dia 19.

Fossá e Sartoretto (2002) enfatizam que as empresas estão passando a assumir a responsabilidade pelo desenvolvimento social e implantam ações voltadas para tal fim. Percebe-se que a iniciativa do setor privado é de abraçar a responsabilidade até então atribuídas aos governos, passando assim, a interagir com a comunidade e o terceiro setor.

Desta forma o Banco ABM AMRO REAL iniciou todo um trabalho de construção e disseminação do conceito de responsabilidade social e ambiental que se inicia com a disseminação da visão e dos valores da instituição para o público interno. De acordo com a instituição, a única forma de repassar as visões e os valores da organização para o conglomerado é por meio de treinamento e comunicação eficiente.

Desde o início do treinamento em 2001, os funcionários aprenderam sobre os valores do Banco, sua postura ética e como praticá-la. Para Diretora de responsabilidade social do ABN AMRO REAL, Maria Luiza, é importante a promoção de debates e conscientização do público interno, por tratar-se de uma mudança de longo prazo. Enfatiza que a preocupação com a responsabilidade social deve ser presente e fazer parte da rotina dos funcionários da instituição. Destaca que uma outra prática ganha força no Banco, é a de fiscalizar a ética e a responsabilidade nos diversos contratos de financiamentos para empresas clientes do ABN no Brasil, fiscalização esta realizada por funcionários especializados e com auxílio de várias ONG,s.

Assim, o objetivo principal é conseguir que todos funcionários do Banco entendam os conceitos e passem a encorporá-los no seu cotidiano. Para atender este fim, foram abertas nove fontes de trabalho, agrupadas por temas como: microcrédito (em particular o trabalho na favela de Heliópolis), diversidade e meio ambiente, liderados por profissionais de diversas áreas.

Desta forma entende-se que o Banco segue os padrões da atuação socialmente responsável descritos por Curado (2003), no qual a responsabilidade social é vista como:

- Imagem: percebe-se a preocupação do banco em focar, por meio do marketing institucional, suas ações sociais com intuito de fortalecer a marca. Desta forma o ABN AMRO promove ações para vincular sua bandeira a imagem de uma instituição socialmente responsável.

- Cidadania: entende-se que o banco também se preocupa com este item. Em seu discurso, demonstra comprometimento com a sociedade. Promove diversas ações sociais, direciona recursos humanos, financeiros, tecnológicos, de conhecimentos, dentro outros.

- Negócio: também é percebido o uso da responsabilidade social de forma estratégica pelo ABN AMRO, como fonte de vantagem competitiva pelo fortíssimo marketing institucional em torno da questão. Nota-se que o banco investe muito em divulgação de suas ações sociais nos principais veículos de comunicação.

Esteves (2003) reforça que apesar do crescente progresso em torno das questões sociais, a maior parte das organizações percebe os investimentos sociais como necessários apenas para acompanhar uma tendência de mercado, simplesmente atender as exigências dos *stakeholders*, ou ainda, "atender a um direcionamento da estratégia de marca" (ESTEVES, 2003 p. 434).

Curado (2003) retrata que um dos padrões de atuação socialmente responsável é a responsabilidade social como imagem: no qual a preocupação dos gestores está focada no marketing e no público externo. Assim, pela divulgação maciça das ações sociais do ABN AMRO nos diversos veículos de comunicação, entende-se que é válida a hipótese que uma instituição financeira, mesmo tendo alta rentabilidade, até por força do mercado, necessita incorporar a responsabilidade social corporativa para transmitir uma imagem de credibilidade para os clientes, os funcionários, a sociedade e os acionistas.

Por fim, entende-se que o ABN AMRO REAL está fazendo um grande esforço para adotar a responsabilidade social corporativa objetivando sim, ganhos de imagem, mercado e lucro, porém a ação pela própria ação já é um passo importante para a comunidade, pois suas ações sociais vão além da filantropia, traduzidas muitas vezes em mera doações. E também pode ser considerado um Banco socialmente responsável pelo fato de colocar a serviço da sociedade recursos financeiros e projetos sociais diversos, que até então não eram disponibilizados para as populações mais carentes.

Considerações finais

Em função da prosperidade do segmento bancário, e por ser atualmente um dos segmentos de melhor desempenho econômico e financeiro, a cobrança não é apenas com relação a responsabilidade social de seus clientes, mas sim, em relação do lucro *versus* retorno para sociedade. Desta forma, fica-nos bastante claro que o setor financeiro, ao reagir às exigências da sociedade, o faz com grande sucesso, pois consegue, pela força do capital, demonstrar uma abrangente ação social.

Desta forma, o papel das instituições financeiras passa a ser, não é apenas o de gerar lucros, pagar e receber impostos, tarifas e tributos, gerar empregos e prover a sociedade com produtos e tecnologias que facilitem a vida dos clientes, mas também resgatar seu papel social e disseminar o conceito de responsabilidade social empresarial, fazendo com que essas instituições sejam vistas como co-responsáveis pela promoção do desenvolvimento e do bem-estar da comunidade na qual estão inseridas.

Devido ao aumento da importância dos conceitos sociais, as instituições financeiras também estão incluindo as questões ambientais e de responsabilidade social corporativa entre seus objetivos, com vistas a alcançarem vantagem competitiva em imagem. Nesse sentido elas adotam o papel de disseminadoras do conceito de cidadania e responsabilidade social, bem como trabalham de forma clara e transparente com as questões da exclusão social, da diversidade, do voluntariado dentre outras, com o intuito de preparar os atores organizacionais para aderirem a uma nova cultura empresarial.

Nota-se que, devido a sua força econômica, o setor bancário reage de forma abrangente e rápida as exigências da sociedade. Assim, observa-se que a adoção da responsabilidade social traz uma série de benefícios para as instituições financeiras, como motivação do público interno, ganho de imagem de credibilidade, maior satisfação do consumidor, promoção da diversidade no ambiente de trabalho, cooperação da comunidade, dentre outros.

O estudo permitiu verificar que um aspecto considerado importante para que uma organização se torne socialmente responsável é a formação de uma "cultura de responsabilidade social". Evidenciou-se que a simples existência de um projeto social institucional não surtirá os efeitos desejados, se a sua filosofia e propósitos não estiverem incorporados à cultura organizacional, envolvendo todos os escalões da organização, num processo que deverá contar com o apoio integral da alta gerência.

Constatou-se também que a preocupação com as questões sociais deverá fazer parte do cotidiano, sendo que alguns fatores auxiliam esse processo, como a existência de uma "missão" compreendida e partilhada por todos. Como conseqüência, pode-se esperar que os colaboradores venham a incorporar às suas vidas princípios de cidadania e se tornem formadores de opinião em suas comunidades.

Percebeu-se que há dificuldades em se definir os limites da responsabilidade social de determinada empresa, bem como mensurar essa responsabilidade; no entanto, é importante que se tenha consciência de que a entidade deva agregar valor à comunidade onde está inserida, sem se escusar de cumprir para com os objetivos para os quais foi constituída, de forma ética, oferecendo serviços e produtos de qualidade e com preço justo.

Constata-se com o estudo, que os principais bancos do Sistema Financeiro Nacional estão promovendo e investindo em ações de responsabilidade social, objetivando solucionar, em parte, as questões de natureza social que afetam a comunidade e o meio ambiente, o que deixou de ser uma preocupação essencialmente do Estado, passando também a ser partilhada de forma mais ativa pela iniciativa privada.

Observa-se, tomando por base o último balanço o balanço social das instituições bancárias no Brasil, que elas têm envidado esforços no sentido de serem agentes de mudança, contribuindo com recursos humanos, financeiros e materiais, agindo em parceria com o poder público, com as organizações não governamentais e a sociedade em geral, na construção de um País mais justo e próspero.

Desta forma, conclui-se que as instituições financeiras, de uma forma geral, buscam serem consideradas socialmente responsáveis, por motivos vários, levando-as a atuarem mais in-

tensamente junto às comunidades a sua volta, seja formando parcerias com os órgãos governamentais e ONGs, por meio de doações a entidades beneficentes, por meio do incentivo ao corpo funcional para atuar no voluntariado, e também por meio de suas próprias fundações e institutos.

Como sugestão para estudos futuros propõem-se: investigar se as instituições financeiras estão investindo no microcrédito com objetivo de auxiliar os micro-empresendedores das regiões mais carentes, ou por vislumbrarem um mercado emergente e atrativo; mensurar o impacto das ações sociais dos bancos na comunidade; avaliar o nível de satisfação dos diversos *stakeholders* do setor bancário; pesquisar as políticas de responsabilidade social dos bancos nos casos de demissões por conta dos processos de automação bancária, fusões e aquisições; pesquisar as políticas de pessoal implementadas pelos bancos com vistas a realocar os funcionários demissionários por conta do enxugamento do setor.

Espera-se que a soma de esforços de todos os atores sociais, particularmente do segmento bancário, possa efetivamente promover uma sociedade mais justa e igualitária, na qual o exercício da cidadania seja uma realidade para todos os brasileiros.

Referências Bibliográficas

- ASHLEY, Patrícia Almeida (coordenação). *Ética e responsabilidade social nos negócios*. São Paulo: Saraiva, 2004. (vários autores).
- BARRETO, Carlos Eugênio F. *Responsabilidade Social das Empresas: Estudo de Caso*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2003 (Tese de Doutorado).
- BANCO ABM AMRO REAL - Disponível em <<http://www.bancoreal.com.br>> Acesso em 10 mar 2004, 20 mai 2004 e 19 jul 2004.
- BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (BNDES). *Balanço Social e Outros Aspectos da Responsabilidade social corporativa*. Relato Setorial nº 2, mar. 2000. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br>>. Acesso em: 01 nov. 2004.
- BICALHO, Aline G. D., SIMEONE, Augusto, TEODORO, Daniela de S., SILVA, Luciana O., SOUZA, Magda M^a de e PINHO, Olga F. de. *Responsabilidade social das empresas: a contribuição das universidades*, v. II. São Paulo: Petrópolis: Instituto Ethos, 2003 – vários autores.
- BORGER, Fernanda Gabriela. *Responsabilidade Social: efeitos da atuação social da dinâmica empresarial*. São Paulo: USP/FEAC, 2001 (Tese de Doutorado).
- CASTRO, A. M. G. *Competitividade da cadeia produtiva de soja na Amazônia Legal*. Belém: Sudam, OEA, 2001. 120 p.
- COOPER, Donald R. e SCHINDLER, Pámela S. *Métodos de pesquisa em administração*; tradução de Luciana de Oliveira DA Rocha. 7^a ed. – Porto Alegre: Brookman, 2003.
- CORTEZ Henrique. *Cadê a tal responsabilidade social?* Artigo Publicado no Jornal do Comércio, de 12 de setembro de 2003
- COSTA FILHO, Alexandre Vieira. *Um estudo dos balanços sociais dos bancos no Brasil. 2003*. Disponível em <http://www.ethos.org.br/_ethos/documents>. Aceso em 14 jun 2004.
- CURADO, Isabela Baleeiro. *Responsabilidade legal, responsabilidade social e compromisso social: uma questão de autoridade?* ENANPAD 2003. Atibaia Anais do Anpad 2003.
- DOWBOR, Ladislau. *Gestão social e transformação da sociedade*. Novembro 1999 Disponível em <<http://dowbor.org>>. Acesso em 25 out 2004.
- DOWBOR, Ladislau. *Altos juros e descapitalização da economia. Novembro 2003*. Disponível em <<http://www.vanzolini.org.br/seminariosp2000>>. Acesso em 14 nov 2004.
- ESTEVES, Sergio A P. Manual de Gestão de pessoas e equipes: *Estratégia e tendências*, volume 1-São Paulo: Editora Gente, 2002. Vários autores
- FEBRABAN – *Federação Nacional de Bancos*. Disponível em <www.febraban.org> Acesso em: 12 abr 2004
- FORTUNA, Eduardo. *Mercado financeiro: produtos e serviços*. 15^a edição – Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 2002.
- FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan e SARTORETTO, Paola Madrid. *Responsabilidade Social Empresarial e Comprometimento Organizacional: Uma Relação Possível?* ENANPAD, 2002. Bahia: ANPAD, 2002.
- GUEDES, Rita de Cássia. *Responsabilidade social e cidadania empresarial: conceitos estratégicos para as empresas face à globalização*. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).São Paulo: PUC/SP, 2000. 170p.
- GRAJEW, Oded. *Por um mundo mais seguro*. Guia da boa cidadania corporativa - parte integrante da revista exame. São Paulo: Ed.754, 2001.

INSTITUTO ETHOS DE EMPRESAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL. <<http://www.ethos.org.br>>.

Acessos entre: mar. e jul. 2004.

KARAM, Miriam. "Fundo Ethical, do ABN, rende 20,3%". *Jornal Valor Econômico*, edição n. 412 de 20/12/2001.

LOURENÇO, Alex Guimarães e SCHRÖDER R Débora de Souza. *Responsabilidade social das empresas: a contribuição das universidades*, v. II. São Paulo: Peirópolis: instituto Ethos, 2003 – vários autores.

MATA, C. M. S. da. SANTOS, F. M. dos RODRIGUES, J. J. M. e SIMÕES, J.A.M. *Responsabilidade social na estratégia das instituições financeiras: Os Bancos Portugueses*. No Psi 20. Artigo publicado em 2003 no Instituto Politécnico de Setúbal -Escola Superior de Ciências Empresariais-Campus do IPS, Estefanilha, 2914 - 503 Setúbal – Portugal.

OLIVEIRA, Alenir Alves de TEIXEIRA, Maria Luisa Mendes. *Recuperação de Crédito com Responsabilidade Social: Um Estudo dos Valores e Atitudes dos Gestores*. Artigo publicado em 2003 na ENAMPAD - ATIBAIA-SP (Cd-rom).

ORCHIS, Marcelo A. YUNG, Mauricio e MORALES, Santiago. Impactos da responsabilidade social nos objetivos e estratégias empresariais. *Ethos* Volume 1

ORCHIS, Marcelo A. et al. *Responsabilidade social das empresas: a contribuição das universidades*. São Paulo: Petrópolis, 2002.

PEREIRA, Raquel da Silva. *Responsabilidade social na universidade: estudo de caso da faculdade de ciências sociais da PUC - SP*. São Paulo: PUC, 2003 (Tese de Doutorado).

RELATÓRIO ABN AMRO REAL: *Human and economic values, together*. Trip Editora, 2002/2003.

SANTOS, Rubens da C. dos. *Instituições financeiras e responsabilidade socio-ambiental*. In.Seminário Franco-Brasileiro, 27 de Junho de 2002. Escola de Administração de Empresas de São Paulo – FGV - Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, Brasil.

SOUZA, Maria Tereza S. de. *Organização Sustentável: Indicadores setoriais dominantes para avaliação da sustentabilidade – Análise de um segmento do setor de alimentação*. São Paulo: EAESP/FGV, 2000 (Tese de Doutorado).

TOLDO, Mariesa, 'Responsabilidade Social Empresarial' in: INSTITUTO ETHOS: Prêmio Ethos Valor. Vários autores. *Responsabilidade social das empresas: a contribuição das universidades*. São Paulo: Editora Fundação Petrópolis, 2002.

VENTURA, Elvira Cruvinel Ferreira. *Responsabilidade social das organizações: estudo de caso no Banco Central do Brasil*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro : FGV/EBAPE, 1999.

YIN, Robert K. Estudo de Caso: *Planejamento e Métodos*, 2 ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.

_____ & HEALD, Karen A. - *Using the Case Survey Method to Analyse Policy Studies*. Administrative Science Quartely, Vol 20, September 1975.

ZEEGERS, Jacques. *What should be the social responsibility of banks?* In: GUENE, Christophe; MAYO, Edward. (Org). *Banking and Social Cohesion*. Charlbury: Jon Carpenter Publishing, 2001.

Um Olhar Filosófico sobre a Educação

Rafael Annunziato Neto, Pedagogo e Professor Universitário;
Álvaro Augusto S. Neto, Filósofo e Professor Universitário;
Maria de Lourdes Camargo Toledo, Pedagoga e Professora Universitária;
Rosa Lídia Pacheco Pontes, Psicóloga e Terapeuta;
Sylvia Paula de Almeida T. Vilhena, Pedagoga e Professora Universitária.

Resumo

A filosofia é uma expressão humana de interação entre o sujeito-objeto e está comprometida com a prática existencial humana, proporcionando à reflexão histórica, garantindo autonomia e liberdade. A educação como processo de construção do conhecimento e formação de um pensamento crítico favorece a reflexão sobre a condição humana.

Palavras-chaves:

filosofia, educação, sujeito-objeto, conhecimento e significação.

Resumé

La philosophie est une expression humaine d'interaction parmi le sujet objet et il s'est engagé avec l'entraînement existentiel humain, en fournissant à la réflexion historique, garantir autonomie et liberté. L'éducation comme processus de construction de la connaissance et formation d'un faveurs de la pensée critiques la réflexion au sujet de la condition humaine.

Mots clef

philosophie, éducation, sujet-objet, connaissance et signification.

Um Olhar Filosófico sobre a Educação

1. Introdução

Saber como surgiu o universo, a terra, a vida; descobrir quem somos e por que vivemos, são questionamentos feitos pelos seres humanos, desde que passaram a habitar este planeta. Não é conhecida nenhuma cultura que não se tenha perguntado quem é, e de onde veio o mundo. O homem sabe que o mundo não é mentira ou ilusão, pois vive nele, percebe seus mistérios e necessita descobrir o seu funcionamento.

Um olhar filosófico sobre a educação é uma reflexão sobre o trabalho docente que não se limita ao processo de ensino-aprendizagem, pois educar é também filosofar.

2. Filosofia

Na Grécia antiga acreditava-se que a filosofia era fruto da capacidade do homem de se admirar pelas coisas. Nesta busca de entendimento e compreensão, os povos mais primitivos criaram mitos para tentar entender os mistérios da natureza. Todas suas questões eram respondidas pelas diferentes religiões que forneciam explicações que foram transmitidas de geração para geração. Por volta de 600 AC, na Grécia, “ocorreu à evolução de uma forma de pensar atrelada ao mito para um pensamento construído sobre a experiência e a razão” (GAARDER, 1998, p. 40). A Filosofia é uma nova forma de pensar (Filo - sofo = amante da sabedoria, alguém cujo objetivo é chegar à sabedoria).

Pode-se dizer que, neste momento, o pensamento humano deu um salto, pois os indivíduos passaram a questionar, sem recorrer à tradição dos mitos. A grande mudança foi que o homem passou a pensar por si mesmo, deixando de repetir sem questionamento o que havia aprendido como certo.

Os primeiros filósofos buscavam encontrar explicações naturais para os fenômenos da natureza e tentam provar que as explicações míticas, até então consideradas verdadeiras, não eram confiáveis.

A filosofia surgiu da curiosidade, da necessidade do homem entender o grande enigma que é a vida. No entanto, apesar das questões filosóficas serem inerentes ao ser humano, o questionamento ingênuo, é absorvido pelo cotidiano que reprime a capacidade de admirar os fatos. As questões importantes para as quais não é fácil de se encontrar respostas adequadas, tendo em vista que grande parte das pessoas assume dois tipos de comportamento: enganando a si mesma e ao resto do mundo, assumindo uma postura de que já sabe tudo o que necessita saber, ou se aliena, fechando os olhos e desistindo de ir em frente, demonstrando absoluta certeza ou indiferença.

O filósofo, aquele que ama a sabedoria e cujo objetivo é o saber, nunca é capaz de se habituar com o mundo, está sempre se perguntando sobre a vida; os seres humanos sempre apresentam aspectos enigmáticos, incompreensíveis, que precisam ser esclarecidos. Reage sempre como uma criança sensível e receptiva que observa, critica e pergunta. Nunca é errado fazer perguntas.

O filósofo sabe que sabe muito pouco, reconhece que existem muitas coisas além do que consegue entender, atormenta-se por isto e busca, incansavelmente, chegar ao conhecimento. Não se interessa por questões efêmeras e cotidianas, tenta mostrar o que é eterno e imutável. Sua tarefa é auxiliar as pessoas a manterem seus olhos abertos, a olhar o mundo com ceticismo, criticidade e se voltarem para o que é realmente importante. A pergunta é importante, entretanto, sabe que não se deve ter pressa em responder, ao contrário, deve estar sempre atento quanto ao perigo das conclusões precipitadas. Sabe que é mais fácil perguntar do que responder e mesmo que seja difícil responder a uma pergunta, não significa que não haja uma resposta.

O filósofo sabe também que uma questão filosófica tem que ser apresentada para cada geração, para cada ser humano: a história tem mostrado diferentes respostas para perguntas semelhantes. A imaginação para o filósofo é importante, pois deve ter a coragem de se deixar levar por ela, se quer chegar a algo novo.

Todos os seres humanos podem ter uma postura filosófica perante a vida desde que se admirem com os fatos do mundo, nunca se habituando a eles, devem ser capazes de se libertar de opiniões preconcebidas, devem estar alertas quanto ao perigo de conclusões precipitadas, soltar a imaginação e serem críticos, persistentes e humildes.

“A única coisa de que precisamos para nos tornar bons filósofos é a capacidade de nos admirarmos com as coisas” (GAARDER, 1998, p. 27). O mundo para um filósofo sempre será incompreensível, onde ele nunca será capaz de se habituar, tornando-se receptivo e sensível como um bebê.

2.1. Breve relato sobre a evolução do pensamento filosófico

No anseio de explicar os fenômenos da natureza e buscar a compreensão da própria existência os povos primitivos utilizavam os mitos para explicar a vida como ela é, tais como: Tor (Deus do trovão), Odin (Deus do Olimpo).

Os primeiros filósofos gregos foram chamados de “filósofos da natureza” pois estavam interessados na natureza e nos processos naturais. A princípio destaca-se:

- Tales de Mileto, que considerava a água a origem de todas as coisas;
- Anaximandro, que acreditava que o nosso mundo era apenas um dos muitos lugares no infinito;
- Anaxímenes, que defendia a idéia de que o ar era a substância básica de todas as coisas. Todos acreditavam que existia uma substância fundamental, mãe de todas as coisas;
- Parmênides que afirmava que tudo que existe sempre existiu, eliminando qualquer transformação das coisas;
- Heráclito, que foi mais longe ao afirmar que tudo flui, ou seja, tudo é movimento e transformação, a essência é o vir-a-ser;
- Empédocles, que complementou os conceitos, que quando afirmou que a natureza possuía quatro elementos básicos (terra, ar, fogo e água), atuando em duas forças: o amor e a disputa;
- Anaxágoras, que não acreditava na idéia de elemento básico e defendia a posição que a natureza era constituída por uma infinidade de partículas que podem ser subdivididas em partes menores;
- Demócrito que criou as teorias atômicas, definindo que todas as coisas eram constituídas por pedrinhas eternas e imutáveis.

Sócrates, imortalizado pelo seu discípulo Platão, “estava preocupado justamente em encontrar definições claras e válidas universalmente para o que é certo e o que é errado. Acreditava que a capacidade de distinguir entre o certo e o errado estava na razão, e não na sociedade” (GAARDER, 1998, p. 84). Dedicou-se a meditação e ao ensino filosófico, o seu interesse filosófico esta voltado para o mundo humano com finalidades práticas, dedicando-se ao estudo do homem em geral para finalidades morais. “A gnosiologia de Sócrates – a qual se concretizava no seu ensinamento dialógico, donde é preciso tirá-la – pode-se esquematicamente resumir nestes pontos principais: ironia, maiêutica, introspecção, ignorância, indução, definição”. (PADOVANI; CASTAGNOLA, 1978, p. 138).

Após a morte de Sócrates, Platão criou uma escola chamada de Academia (sobreviveu por quase um milênio), onde ensinava filosofia, matemática e ginástica a partir do diálogo vivo. Platão, como Sócrates, indica que a filosofia tem uma aplicação prática, pois é a grande ciência que soluciona os problemas da vida, realiza-se intelectualmente, através da especulação, conhecimento e da ciência, acreditando que

numa realidade autônoma por trás do ‘mundo dos sentidos’. A este lugar ele deu o nome de mundo das idéias. Nele estão as ‘imagens padrão’, as imagens primordiais, eternas, imutáveis, que encontramos na natureza. Esta notável concepção é chamada por nós de Teoria das Idéias de Platão. (GAARDER, 1998, p.100).

Aristóteles entrou na acadêmica platônica onde ficou por vinte anos, estudou a natureza usando a razão e os sentidos para registrar de forma sóbria e pormenorizada os seus escritos, enquanto Platão escrevia poeticamente. Segundo Aristóteles, “a filosofia é essencialmente teórica, deve decifrar o enigma do universo: o seu problema fundamental é o problema do ser, não o da vida.” (PADOVANI; CASTAGNOLA, 1978, p. 141). A partir da doutrina da dedução, Aristóteles foi levado a elaborar a doutrina da indução que se torna objeto essencial da lógica aristotélica.

Na história da civilização e da cultura, o helenismo foi um movimento que inseriu a cultura grega no cenário internacional. Promoveu o sincretismo religioso e continuou a investigar os problemas levantados por Sócrates, Platão e Aristóteles, inserindo a ética como tema importante no contexto internacional. A filosofia, nesta fase de evolução do pensamento grego, não destaca os atores (como no período anterior), valorizando somente as linhas de pensamento em forma de afirmações dogmáticas.

Os estoícos surgem como uma escola em que ainda há uma metafísica elementar em contradição consigo mesma e com a moral. Esta escola afirmava que todas as pessoas partem de uma mesma razão, influenciando a construção do chamado direito natural, que vale para todas as pessoas. “Os estoícos dividem a lógica em dialética e retórica. A mente humana e concebida como um tabula rasa.” (PADOVANI; CASTAGNOLA, 1978, p. 147).

Aristipo, aluno de Sócrates, acreditava que o prazer era o bem supremo. Contribuiu para o desenvolvimento da filosofia epicurista, que tinha como propósito afastar toda forma de sofrimento. Esta filosofia baseava-se na busca do prazer não se restringindo aos sentidos, era considerada a arte da vida. A conquista da Grécia pelos Romanos proporcionou a incorporação da filosofia grega de caráter pragmatista e moral representada, pela escola eclética, estoíca e epicurista que condizia com o temperamento prático deste povo.

A contribuição universal da Grécia foi à filosofia, enquanto que a grande contribuição do mundo romano foi o Direito, desenvolvido a partir da razão.

A última fase do pensamento Grego pode ser chamada de religiosa, caracterizada pela busca dos seres humanos para a solução integral do problema da vida e do mal em uma religião ou em várias religiões. O sistema predominante é neoplatonismo que é considerado como o esforço supremo do pensamento clássico para resolver o problema filosófico, acreditando existir experiências místicas.

Com o crescimento do cristianismo e seus desdobramentos no mundo ocidental, a filosofia foi ofuscada pela teologia. Em relação ao pensamento grego, pode-se entender que, no cristianismo, foi utilizado para justificar-lhe o pressuposto metafísico.

A necessidade de construir e sistematizar o conhecimento após o renascimento é representado pelo empirismo e pelo racionalismo, tendências que abrangem os séculos XVII e XVIII. Estes dois movimentos apresentam formas diferentes de abordar o conhecimento. A construção do pensamento filosófico e a sistematização do pensamento científico com base intelectualista – Racionalismo - acompanham a clareza e logicidade do espírito francês tendo como expoente Descartes, fundador da filosofia dos novos tempos, ele “chegou à conclusão de que a única coisa sobre a qual podia ter certeza era a de que duvidava de tudo. Se ele duvidava, isto significava que ele pensava. E se ele pensava, isto significava que ele era um ser pensante. Ou, como ele mesmo dizia: ‘cogito, ergo sum’” (GAARDER, 1998, p. 257). Spinoza, pertencente à mesma corrente de pensamento, promoveu uma leitura crítica da Bíblia que permitiu reconhecer uma série de contradições entre os textos. Ele defendeu a liberdade religiosa e enxergava as coisas em uma perspectiva da eternidade, considerando o homem como uma substância nem corpórea nem espiritual, mas um complexo de fenômenos de modos psicofísicos derivados de substância divina única.

O empirismo entende que o nosso conhecimento é reduzido não à razão e sim aos sentidos. Seu iniciador foi Bacon que enaltece a experiência e o método indutivo. Locke, um dos filósofos da experiência, tentou explicar a origem do pensamento e de suas noções, bem como se é possível confiar no que os nossos sentidos nos dizem. Hume afirma que a ciência existe a partir da regularidade de um fenômeno, e que as ‘leis da natureza’ ou ‘de causa e efeito’ são hábitos humanos e não de algo racional. Berkeley, mais um empirista, refuta o racionalismo, afirmando que “tudo que existe é só o que percebemos, mas que aquilo que percebemos não é ‘matéria’ ou ‘substância’. Não percebemos as coisas como ‘coisas’ tangíveis” (GAARDER, 1998, p. 303).

O pensamento filosófico contemporâneo começa com Kant e se estende até os nossos dias. Ele concordava em parte com os racionalistas e com os empiristas, pois acreditava que ambos estavam certos, mas que também tinham exagerados nas suas posições. Kant afirmava que a razão também é importante para compreendermos o mundo a partir das impressões dos sentidos. Esta forma de pensar foi denominada de Criticismo.

Kant e Spinoza foram à fonte essencial do Idealismo clássico, que desenvolveu o conceito de criatividade e autonomia do espírito; correspondente ao movimento filosófico do Idealismo, surgiu o movimento artístico e literário denominado romantismo. Os “românticos viam a razão mais profunda da existência no chamado espírito do mundo” (GAARDER, 1998, p. 385). Hegel atribuía-lhe outro sentido, considerando a razão como se fosse toda a manifestação humana. A filosofia de Hegel de fato é um método utilizado para compreender o curso da história, ensinando a pensar de forma frutífera.

Kierkegaard acreditava que o mais importante era a busca das verdades que são importantes para cada um, sendo que o fundamental para ele era a existência de cada um. Ele afirmava que a maioria das pessoas se relacionava de forma inconseqüente com a vida.

Marx, que além de filósofo foi historiador, sociólogo e economista achava que as condições materiais de vida eram fundamentais para a evolução da história. As condições materiais, além de determinar uma sociedade, também determinavam as condições espirituais.

Darwin, a partir da análise da vida animal e com base na Teoria de Lamarck, elaborou a teoria da evolução e seleção natural que explica os saltos da evolução humana.

Freud, a partir da análise do homem, identifica três elementos fundamentais para a compreensão do ser: o id, o ego e o superego. Seus estudos trazem como conseqüência a abertura para o entendimento do inconsciente humano.

Tudo flui na filosofia. A análise desta pequena trajetória indica que o rio do conhecimento é visto, interpretado e demarcado em toda a sua extensão, entretanto, a água nunca é a mesma.

3. Filosofia, conhecimento e significação

A delimitação do objeto de estudo fica clara a partir da definição de filosofia, pois a discussão proposta por Severino (1994) não está nas diferentes definições que a história da filosofia cunhou, mas no próprio processo do filosofar. O processo do filosofar, enquanto atividade intelectual desenvolvida pelas pessoas, será investigada não com o intuito de se definir a filosofia, mas procurando definir o que é o conhecer. A preocupação central do texto está em responder de que maneira conhecemos o mundo real? E onde se ancora esse processo? Em outras palavras, como o sujeito apreende e se apropria do objeto produzindo conhecimento e como o sujeito se certifica e legitima este conhecimento. Na análise da relação entre o filosofar e o conhecimento, discute as diferentes tendências do processo do filosofar ao longo da história, notando que a filosofia teve e tem diferentes expressões culturais e que estas, na medida em que não se sujeitaram as suas historicidades, proclamando-se como absolutas, acabaram por perder a medida de sua contingência. Segundo Severino (1994) a riqueza do conhecer não está na sua estabilidade, ao contrário, está no seu dinamismo, no seu eterno processo dialético. A estabilidade é uma tendência da concepção metafísica, onde o conhecer coincide com aquilo que está além do mundo, além da *phísis*. O conhecer dialético está imbricado ao próprio dinamismo do mundo, também chamado de história. É neste sentido que o processo do filosofar não pode estar separado da existência humana, ou seja, "falar da prática da filosofia nos remeteu ao exercício da subjetividade: toda atividade intelectual e conhecimento como expressão dessa subjetividade emerge no plano histórico e antropológico imbricado no todo da prática existencial. O conhecimento surge como uma estratégia da existência." (SEVERINO, 2001, p.40)

Severino (1994a) a reflexão filosófica é no fundo a busca do sentido da existência. O pensar filosófico é a busca de sentido daquilo que se está vivendo dentro de processo histórico, embora aparentemente busque a compreensão pela compreensão, a reflexão filosófica só é um fim quando pretende compreender o sentido da existência. O esforço da reflexão filosófica não é diletantismo intelectual, devaneio ou uma tentativa de representar o mundo de forma pragmática é a busca do significado da existência, para torná-la adequada.

A prática do filosofar direcionada para a busca do sentido da existência é reforçada por Severino (1994a), articulando o sentido da existência diante do mundo natural, diante da vida social e cultural, resultado da atividade humana, afirmando:

Não há dúvida alguma de que a filosofia contemporânea continua abordando e aprofundando o grande problema que, afinal, sempre foi à questão básica de toda a filosofia ocidental nestes últimos três milênios: qual é o significado da existência humana. E não há dúvida também de que esse longo e lento amadurecimento da consciência filosófica possibilitaram que ela chegasse hoje a uma concepção mais integrada dessa existência. (SEVERINO, 1994a, p. 150)

A prática filosófica do homem contemporâneo não se expressa mais na busca de uma essência humana sob a forma de uma entidade metafísica, nem sob a forma de uma pura realidade físico-biológica. O reino do dogmatismo e do determinismo está superado. Como um ser histórico, o homem conhece o sentido da sua existência a partir da sua prática e ação concreta no mundo, "o homem é, de fato, um ser em permanente construção, que vai se fazendo no tempo pela mediação de sua prática, de sua ação. Ele é, assim, um ser histórico, que vai se criando no espaço social e no tempo histórico. Portanto, o homem não é apenas uma realidade dada, pronta e acabada, mas fundamentalmente um sujeito que vai construindo aos poucos sua própria realidade." (SEVERINO, 1994a, p. 150)

A construção histórica que o homem faz de si mesmo começa a partir de seu relacionamento com a natureza, posteriormente com os seus semelhantes e finalmente com a simbolização desenvolvida pela subjetividade humana. A chave da concepção do sentido da existência segundo Severino (1994a), está no relacionamento do homem com estas três práticas: a natural, que determina as relações produtivas do homem no mundo do trabalho; a social, que envolve as relações políticas e de poder entre os homens; e finalmente, a simbólica, que representa os diferentes aspectos envolvidos nas relações anteriores. As três práticas estarão presentes como a chave para a compreensão da existência humana. A prática produtiva, a prática social e a prática simbólica subjetiva apesar de serem apresentadas sob o ponto-de-vista lógico separadas estão na verdade integradas compondo um bloco único de referência.

A filosofia, pois, está sob este ponto-de-vista totalmente comprometida com a prática existencial humana. E neste viés, totalmente aberta à construção da reflexão histórica dos homens, que lhe garante autonomia e liberdade. Neste sentido a filosofia procura fugir dos determinismos, das respostas prontas, dos dogmas, reagindo contra os comportamentos de intolerância, prepotência e arrogância. A filosofia se instala no reino da indagação, do questionamento, da crítica alimentada pelo diálogo, na humildade, no respeito à dignidade da pessoa humana. Não se pode cobrar da filosofia um papel mais concreto e prático, pois a prática filosófica é o pensar da existência, que em seu estado como tal pode se apresentar nebulosa e repleta de enigmas, mas que enquanto pensada se revela cheia de sentido. O que antes era apenas prática, através da reflexão filosófica, torna-se conhecimento, que irá dinamizar a construção de uma humanidade melhor que segundo Queiroz (2002), por isso, para educar, filosofar é preciso!

4. Compartilhando idéias

Queiroz (2002) ao explicar as raízes das palavras educar e filosofar – fazer brotar e amor à sabedoria-apresenta ambas vinculadas à busca da verdade, do bem e do belo, pelo amor: componente fundamental do processo educacional. É o amor que, dialogando, permitirá ao educador e educando criticar, comunicar-se, reagir à violência, indagar-se das origens, do sentido e da intencionalidade, da matéria constitutiva e da essencialização dos seres, sempre se voltando para um além que desvele as raízes, as conexões do fenômeno com o contexto cultural e ético, bem como as conseqüências para o indivíduo e para o todo social, referindo-se à filosofia pura que implica entender que para educar, filosofar é preciso.

Severino (2001) ao conceituar filosofia como um esforço para compreender a realidade, onde se busca a significação mais profunda, sendo uma atividade reflexiva na esfera dos processos cognitivos, situando-a como uma forma de conhecimento, observando que a filosofia precisa ser entendida como uma ação investigação crítica.

A questão colocada a seguir volta à discussão sobre o que é conhecer ressaltando o fato de que para se falar em conhecimento usa-se o único equipamento disponível: subjetividade que conhece.

Tanto filo como ontogeneticamente há uma busca espontânea do homem por compreender o que o circunda nas suas diversas formas fenomênicas, daí a atividade subjetiva desenvolver-se e integrar-se à existência. Ao tentar compreender a realidade, há uma atribuição de sentido, de significação que por sua vez ocorre por meio da explicitação de nexos entre objetos e situações. Estes nexos devem satisfazer à subjetividade e possibilitar-lhe alguma modalidade de intervenção prática sobre a realidade.

Severino (2001) indica os problemas enfrentados ao explicar o conhecimento, que ocorre subjetivamente. Retoma as críticas aos metafísicos que entendiam que atingíamos o núcleo essencial dos objetos pela razão. Menciona a crítica de Kant aos metafísicos uma vez que em havendo a essência numeral não haveria como se chegar a ela. Kant concluiu que cabia apenas investigar as condições de possibilidades do ato do conhecimento. Severino (2001) retoma a questão da justificativa do conhecimento em sua radicalidade não ser possível já que seria feita pela própria subjetividade, entende que a subjetividade imanente à vida real se basta, uma vez que não dispõe de recursos extras para dar conta de si.

Severino (2001) reconhece a necessidade de um substrato orgânico para dar ocasião à subjetividade, porém, reitera que os sentidos e as significações são inerentes a esta subjetividade, tendo em vista que são funcionais para ela, o são por conta da função simbólica. É dentro das possibilidades do conhecimento que se explicita o sentido de filosofar. A questão do conhecimento é estudada, sobretudo por psicólogos, por biólogos e neurocientistas e mesmo à luz dos avanços da tecnologia em informática, além da filosofia. Destaca que Jean Piaget se dedicou a responder, cientificamente, um aspecto da epistemologia: como se dá o conhecimento (gênese e desenvolvimento), afirmando que para Piaget há disposições

invariáveis de funcionamento, similares ao que ocorre no aspecto biofisiológico, na construção do conhecimento. O indivíduo assimila do ambiente o que lhe tem significado, acomoda-o, ou seja, trabalha este objeto, conforme as suas estruturas. Desta maneira reconstrói o que já conhecia, incorporando assim, sucessivamente, novos conhecimentos às suas estruturas. Este todo está contido numa organização, móvel, portanto, cujo objetivo é sempre se manter em funcionamento, em equilíbrio, em relação a si mesmo e ao ambiente, daí a utilização do termo *equilíbrio*. O objeto entendido como qualquer coisa, situação, pessoa e etc. são apreendidas por aproximações sucessivas e jamais integralmente. Há uma complexificação neste processo que, graças à função semiótica (simbolização), incluída a linguagem, pode se relacionar cada vez mais sofisticadamente com o ambiente.

Severino (2001) relata que em meticolosas pesquisas experimentais, ao longo de sua vida, Piaget demonstrou a gênese e o desenvolvimento do conhecimento, como fruto da ação do indivíduo sobre o ambiente, num contexto de recorrência, já que ao agir ele modifica o ambiente e é por ele modificado. Portanto não há inatismo, o a priori, nem há determinação hereditária ou do ambiente e sim, o desenvolvimento a partir da ação do sujeito. A ação é entendida como prática sensório-motora e como puramente abstratas que trabalham com signos, sempre flexibilizando estruturas, ampliando-as e entrelaçando-as.

Severino (2001) questiona a epistemologia genética por entendê-la vinculada a reducionismo biológico, dado o pressuposto da embriogênese. De maneira similar questiona a inteligência. Ainda questiona o desenvolvimento da consciência uma vez que esta supõe uma estruturação lógica, a qual também se forma ao longo desse processo de estruturação.

Severino (2001) aponta Vygotski como avançado em relação a Piaget, tanto porque afirma ser o conhecimento uma das funções superiores da psique humana, como no que se refere à apropriação dos significados culturais pelo sujeito que os internaliza Vygotski destaca a importância da linguagem, uma vez que esta é a formadora do pensamento, sendo as palavras portadoras dos “significados objetivos que os indivíduos internalizarão, vivenciando subjetivamente seus sentidos” (SEVERINO, 2001, p. 28). Assim, no contexto cultural, há grande relevância da intervenção pedagógica para a formação do sujeito interior. A importância está na cultura uma vez que é ela quem agrega os sistemas simbólicos, detendo o conjunto de significados. O indivíduo se aproxima deste pela internalização, torna o interpsicológico em intrapsicológico.

Severino (2001) reitera seu apreço pelos pesquisadores soviéticos ao falar de seus avanços visto que estes destacam a questão cultural na formação da vida subjetiva em geral, lembrando que o acervo cultural foi criado mediante processos significadores os quais precedem a internalização, mencionando as propostas de pesquisa em bioneurologia, ciências cognitivas que tratam da natureza do conhecimento, seus componentes, fontes, desenvolvimento e utilização. Estabelece ainda um paralelo com os avanços na área da tecnologia informacional questionando a inadequação do termo inteligência artificial, por ser esta produzida a partir de homens e por não ter prevalência do sentido intencionalizante. É o ser humano quem dá intencionalidade, sentido à ação cognocente.

Qualquer processo fisiológico e mental envolvidos na atividade cognoscente importa apenas na medida da intencionalização da realidade, destacando-se aí a capacidade de simbolização que permite alçar vãos maiores. A importância dos epistemologistas construtivistas dado que estes se juntam num desenvolvimento histórico, vinculado a uma pragmaticidade, ligando-as à necessidade de esforço pela busca do sentido das coisas-filosofia.

Severino (2001) afirma que todas as expressões da subjetividade, no contexto do desenvolvimento histórico-antropológico, confirmam a finalidade utilitária, seja mítica, religiosa, técnica, tecnológica, retomando a questão dos estabelecimentos de nexos entre fenômenos e objetivos. O que acaba implicando à filosofia a tarefa de pensar em dupla dimensão: a pragmaticidade – demandas do ser humano – e a subjetividade – formas alienantes que falseiam os objetivos pretendidos. Estabelece um paralelo com a ciência, indica a nova pragmaticidade filosófica como um esforço da existência humana como um todo, busca o sentido para delinear referências balizadoras do conjunto de práticas. Explica e integra nexos, vincula elementos da realidade experienciada, utilizando recursos da subjetividade. Conhecer “é ter claro os nexos, é se apropriar, no íntimo da consciência subjetiva, desse sentido” (SEVERINO, 2001, p. 35).

Severino (2001) retoma a história sobre o pensar filosófico, abordando o significado da metafísica, filosofia, essência, fenômeno, transcendentalidade e observa a submissão da filosofia, pela metafísica, a serviço da teologia (id. Média) e posteriormente à ciência (id. Moderna). Na filosofia moderna houve a concentração do pensar sobre o sujeito destacando-se Kant e Hegel como referências de uma epistemologia que se debruçava sobre o ato de conhecer e o sujeito que conhece, o que implica entender que os objetos ganham sentidos a partir do pensamento, da identidade, da subjetividade.

Severino (2001) considera também esta epistemologia pretensiosa porque ao manifestar um idealismo, autônomo à existência, coloca-se passível de crítica positivista. Contrapõe novamente ciência e filosofia ao dizer que esta não se resume a fazer metateoria e dá um encaminhamento, de certa maneira, solidário à ciência, ao atribuir-lhe um papel analítico em relação ao discurso científico, o que eliminaria todos pseudoproblemas. Cabe então à filosofia, a elucidação e assepsia da linguagem. Retoma críticas as Piaget quando este contrapõe ciência e filosofia atribuindo a esta a sabedoria. Severino (2001) apresenta uma citação de Jeanson pela qual a tarefa da filosofia é “marcar o domínio da ação na história, articular as diversas informações que temos sobre o comportamento dos homens e descrever uma espécie de racionalidade histórica, a partir do que sabemos dos homens segundo fontes diversas, segundo uma multiplicidade de informações” (SEVERINO, 2001, p. 40).

Severino (2001) discorrer sobre a intencionalização da prática existencial, cabendo a filosofia explicar as referências na condução dessa existência, como intencionalização das práticas. Seria o refletir filosófico a busca insistente do significado mais profundo da existência, para torná-la mais adequada a si mesma, uma vez que o “espírito humano insiste em compreender a especificidades da existência para torná-la mais plena” (SEVERINO, 2001, p.41). Alerta para os perigos da análise, da reflexão eivada de viés ideológico ou auto-alienado.

A atividade consciente é dispor de sentido, é o que constrói a compreensão da realidade e, compreende e reconhece subjetividade, nexos com determinada coerência entre si, a partir do processo vital.

A importância do refletir filosófico está documentada na história ao se constatar a elaboração de modelos antropológicos, cruzamentos com a ciência, religião, delineando explicações sobre o mundo, à existência e a vida.

5. Considerações finais

A filosofia é uma expressão humana de interação entre o sujeito-objeto. A análise dos primórdios da filosofia indica que o processo de construção do conhecimento e reflexão sobre a existência é uma atitude poética ao se deparar com as coisas ao redor.

A educação é uma extensão do processo de reconhecimento de mundo, entretanto a análise da evolução do pensamento filosófico, demonstra que em muitos momentos o homem se distanciou da abordagem direta (sujeito/objeto), favorecendo o surgimento de múltiplas visões e múltiplos significados filosóficos.

As diversas escolas filosóficas indicam que não existe um caminho único ao conhecimento e apreensão da realidade. No entanto a educação não pode se distanciar da natureza humana, desprezando os processos de desenvolvimento humano que se inicia a partir da interação sujeito versus objeto.

A educação como processo de construção do conhecimento e formação de um pensamento crítico favorece a reflexão sobre a condição humana, portanto, deve em seu cerne considerar a contemplação da vida (coisas ao redor), a experimentação (sentidos) e a razão como elementos indutores do saber.

6. Bibliografia

GAARDER, Jostein. O mundo de Sofia – romance da história da filosofia. 32ª. Reimpressão. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998, 555p.

JOLIVET, Régis. Curso de filosofia. Rio de Janeiro: Agir, 1972, 445p.

MIZUKAMI, Maria das Graça Nicoletto. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MONROE, Paul. História da educação. São Paulo: Editora Nacional, 1983, 387p.

PADOVANI, Umberto; CASTAGNOLA, Luís. Historia da Filosofia. 12ª. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978, 587p.

QUEIROZ, J. J. Para educar, filosofar é preciso. Revés do Averso. São Paulo CEPE, Nov-Dez 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Educação, sujeito e historia. São Paulo: Olho d'Água, 2001, 175p.

_____. Filosofia. São Paulo: Cortez Editora. 1994a.

_____. Filosofia da educação. São Paulo: FTD. 1994b.

O Leite de Búfala: Um Alimento Nutritivo e de Alto Valor Biológico

Bruna da Conceição de Matos
Zootecnista Formada UNESP Faculdade Veterinária e Ciências Agrárias –Campus,
Jaboticabal, São Paulo, S.P em 2005. Contato: matosbruna@yahoo.com.br

Resumo

O leite e seus derivados podem ser denominados como alimentos funcionais, pois além de serem fontes de energia, proteínas de alta qualidade e certa variedade em vitaminas e minerais, alguns estudos mostraram contribuição destes na prevenção e tratamento de algumas doenças. Um outro fator de incremento na qualidade do leite é a alta concentração de ácidos graxos poliinsaturados, em especial, o ácido linoléico conjugado (CLA) devido ao seu efeito fisiológico benéfico frente a algumas doenças como diabetes, doenças cardiovasculares, hipertensão, obesidade e câncer. O leite de búfala e seus derivados podem ser considerados alimentos altamente nutritivos e benéficos à saúde humana, devido ao alto valor biológico de seus constituintes. Assim como para a indústria processadora de leite, que obtém produtos de melhor rendimento no processo de produção de queijos e produtos fermentado.

Palavras-chaves:

Abstract

Milk and your industrialized products can be named functional feed, because are source of energy, high quality protein and variety of vitamins and minerals, some researches are showed their contribution on prevention and treatment about some diseases. An increase in a concentration of poliinsaturads fatty acids, especially, Conjugated linoleic acid (CLA), is an important factor for milk quality, due to your physiologic benefits in front of some diseases like diabetes, cardiovasculares diseases, hypertension, obesity and cancer. Milk buffaloes and your industrialized products are considered feeds highly nutritious and beneficial for human health because of the high biological value of your components. Furthermore, Milk industry receive milk whom will improve the quality of cheese and fermented products.

Key-words

O Leite de Búfala: Um Alimento Nutritivo e de Alto Valor Biológico.

Introdução

Em seres humanos, uma dieta associada a bons hábitos de vida assume importante papel na prevenção de várias doenças. Para isto, a composição desta dieta deve conter alimentos tidos como funcionais. O termo funcional descreve alimentos e componentes alimentares que promovam efeitos benéficos associados ao seu valor nutritivo. Pode-se então considerar o leite e seus derivados como alimentos funcionais, pois além de serem fontes de energia, proteínas de alta qualidade e certa variedade em vitaminas e minerais alguns estudos mostraram contribuição destes na prevenção e tratamento de algumas doenças. Os principais componentes para uma produção de leite de qualidade incluem elevados teores de constituintes, baixos níveis de contagem de células somáticas e ausência de produtos químicos e medicamentosos.

Um outro fator de incremento na qualidade do leite é a alta concentração de ácidos graxos poliinsaturados, em especial, o ácido linoléico conjugado (CLA) devido ao seu efeito fisiológico benéfico frente a algumas doenças como diabetes, doenças cardiovasculares, hipertensão, obesidade e câncer (Miyazaky & Ntambi, 2003, citado por Fernandes, 2004).

Os ácidos linoléicos conjugados (CLA) representam uma mistura de isômeros geométricos e posicionais de um ácido graxo com 18 carbonos e duas duplas ligações. Seus isômeros variam de acordo com a posição de suas duplas ligações, sendo os isômeros cis-9, trans-11 e o trans-10, cis-12 os que apresentam atividade biológica (Pariza et al., 2000) Produtos provenientes de ruminantes, principalmente os lácteos, são as fontes ricas em CLA, sendo o isômero cis-9, trans 11 envolvidos na ação anticarcinogênica e o isômero trans-10, cis-12, particularmente envolvido na síntese de gordura no organismo (Fernandes, 2004)

Ainda, com relação aos aspectos qualitativos do leite, devemos mencionar o método de contagem de células somáticas (CCS). Este método serve para avaliar a saúde do úbere por detectar o aumento de leucócitos no leite sendo que, do total oriundo das células epiteliais provenientes da descamação que ocorre no tecido de revestimento da glândula mamaria (Ribas, 1994).

Por estes motivos alguns laticínios utilizam “bonificações” para estimular a produção de leite com baixas contagens de células somáticas, e altas concentrações de gordura e proteína.

O Rebanho bubalino no Brasil.

O rebanho bubalino brasileiro vem demonstrando um acentuado crescimento nos últimos anos, consolidando-se como o maior rebanho das Américas (A.B.C.B., 2006). Dentre as raças exploradas, destaca-se as raças Murrah e Mediterrâneo, sendo a primeira de maior destaque por ser considerada mais eficiente como produtora de leite e gordura.

A exploração leiteira é um forte atrativo aos produtores devido ao retorno econômico e comercial, já que o leite é destinado em sua totalidade à produção de queijo “mozzarella”, apresentando, desta forma, mercado assegurado com preços compensatórios (Macedo, 2001).

Matos (2005) estudando rebanhos bubalinos no estado de São Paulo observou valores de produção de leite oscilando entre 4,83 a 8,94 Kg. Estes valores são similares aos obtidos por Fernandes (2004), estudando o levantamento exploratório da produção e perfil de ácidos graxos de búfalas na mesma região. Médias inferiores foram obtidas por Macedo et al (1997) estudando rebanhos da raça mediterrânea no Brasil, obtendo médias de 4,52 Kg de leite e Duarte et al (2001) estudando a produção de leite diária de búfalas criadas do estado de São Paulo obtiveram valor igual a 6,05 Kg.

Os valores de gordura oscilam em média entre 5,5 a 8,5%, sendo mais elevados que os valores encontrados no leite de bovinos, que oscilam em média de 3,5 a 4,0% (Tonhati et al., 2000; Duarte et al., 2001 e Matos, 2005). Apesar de bastante alta a porcentagem de gordura é variável em função das raças e regiões onde se encontram os animais, assim como das diversas fases de lactação e manejo nutricional adotado.

A gordura do leite de búfalas durante o período de lactação apresenta em torno de 64% dos ácidos graxos saturados, com predominância para os ácidos graxos de cadeia longa, como os ácidos palmítico (C16:0) e o esteárico (C18:0). Para os ácidos graxos saturados de cadeia curta e médias (C6-C14), o ácido graxo merístico (C14:0) é encontrado em maior concentração, o caprílico (C8:0) apresenta a menor porcentagem seguido pelo caprílico (C6:0) e cáprico (C10:0). Os ácidos graxos insaturados representam aproximadamente 36% da gordura do leite, sendo o ácido graxo oléico (C18:1n9c) o mais predominante, seguido do linoléico e palmitoléico (Tonhati et al, 2000).

O leite de búfalas pode ser considerado bastante rico em proteína, com valor médio de 4,2% (Matos, 2005). A caseína é a principal proteína no leite constituindo cerca de 77 a 79% da fração protéica. A porcentagem de proteínas é variável em função das fases de lactação, sendo mais elevadas nos meses finais. A curva para produção de proteína é muito semelhante á descrita para o percentual de gordura, mostrando a ocorrência de uma correlação positiva entre estes dois constituintes, uma vez que os animais com maiores percentuais de proteína, apresentam também maiores percentuais de gordura.

A lactose é o principal açúcar do leite, servindo de base para a obtenção dos derivados por meio da fermentação. Os valores oscilam entre 4,78 e 5,05% (Matos, 2005).

Os sólidos totais são constituídos por todos os componentes com exceção da água, ou seja, abrange conjuntamente os teores de gordura, proteína, lactose, vitaminas e minerais presentes no leite. Os valores para este constituinte oscilam entre 17,1 e 17,4% (Matos, 2005).

Com relação a CCS (Contagem de células somáticas), os valores são muito variáveis devidos aos inúmeros fatores que afetam esta característica tais como, idade, estágio de lactação, números de lactações variações sazonais (clima e temperatura), variações entre ordenhas, tendendo a ser mais elevadas na ordenha da manhã, manejo e individualidade.

Guthy (1979), Lee et al (1980) e Kehrli & Shuster (1994), definem células somáticas como sendo o conjunto de células epiteliais e de polimorfonucleares (PMN) presentes no leite. Estes mesmos autores citam que em glândulas mamárias sadias (não infectadas), a maioria das células são epiteliais, porém a irritação de um quarto do úbere pode aumentar o número de neutrófilos daquele quarto, de tal modo, que estes representam 90 a 95% do total das células presentes.

O número de células obtido de uma glândula mamária sadia e livre de infecção é usualmente menor que 200.000 cel/mL (Bramley, 1992). Quando ocorre alguma alteração na glândula mamária, seja por trauma, por infecção bacteriana, alergia, entre outros, a CCS aumenta primariamente como consequência da infiltração por neutrófilos (Schalm et al., 1971; Bramley, 1992).

Na portaria 46 do Ministério da Agricultura e Abastecimento (MAPA), aprovada como normativa 51, que regulamenta os critérios de qualidade do leite a ser disponibilizado para o consumo humano, com padrões mínimos e máximos para os mesmos, existe um programa de diminuição progressiva destes padrões de CCS, iniciando em um máximo permitido de 1.000.000 cel/mL e atingindo 200.000 cel/mL em 5 anos. Anteriormente a publicação desta normativa já se observava um declínio nas CCS nos rebanhos leiteiros brasileiros, sejam eles de bovinos, bubalinos, caprinos ou ovinos leiteiro, devido a imposição da industria beneficiadora no pagamento com base no critério de qualidade.

Em estudos realizados por Matos (2005) e Fernandes (2004), o valores médios e o desvio padrão para esta característica foram $126,5 \pm 344,54$ cel/mL. As médias obtidas por estes dois pesquisadores encontram-se abaixo do estabelecido pelas novas normas do Ministério da Agricultura e Abastecimento.

O teor de CLA no leite de bubalinos ainda é pouco conhecido e estudado. Os bubalinos parecem sofrer as mesmas influencias dietéticas dos bovinos, produzindo, sob a mesma dieta, perfil de ácidos graxos similares ao encontrado em bovinos (Fernandes, 2004). Fedele et al. (2003), estudando rebanhos bubalinos italianos em diferentes sistemas de produção encontraram valores médios de CLA de 0,39 a 0,63%. Valores superiores foram encontrados por Matos (2005), os teores médios oscilaram entre 0,7 a 1,68%, valores similares ao encontrados por Fernandes (2004) estudando populações bubalinas na mesma região.

Conclusão.

O leite de búfala e seus derivados podem ser considerados alimentos altamente nutritivos e benéficos à saúde humana, devido ao alto valor biológico de seus constituintes. Assim como para a indústria processadora de leite, que obtém produtos de melhor rendimento no processo de produção de queijos e produtos fermentados.

Revisão Bibliográfica

Associação Brasileira dos Criadores de Búfalos - A.B.C.B. Disponível em <http://www.bufalo.com.br/>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2006.

BRAMLEY, A. J. Mastitis. In: ANDREW, A. H.; BLOWEY, R.W.; BOYD, H.; EDDY, R.G. (Ed?). Bovine Medicine: diseases and husbandry of cattle. Oxford: Blackwell Scientific. cap.21. p. 289-300. 1992

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa nº 51 de 18 de setembro de 2002. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 15 ago. Seção 1, p. 2-4. 2002.

BRITO, J.R.F.; DIAS, J.C. A qualidade do leite. Juiz de fora: Embrapa/São Paulo: Tortuga. p.88. 1998.

DUARTE, J.M.C. Efeitos ambientais sobre a produção no dia do controle e características físico-químicas do leite em um rebanho bubalino no estado de São Paulo. Revista Instituto de Laticínios Candido Tostes. Juiz de Fora, v. 56, n. 5, p. 16-19. 2001.

FEDELE, E.; IANNIBELLI, L.; MARZILLO, G. et al. Conjugated linoleic acid content in milk and mozzarella cheese from búfalo fed with organic and traditional diet. In: WORLD BUFFALO CONGRESS, 6. Maracaibo, 2001, p. 404-409.

FERNANDES, S. A. A. Levantamento exploratório da produção, composição e perfil de ácidos graxos do leite de búfalas em cinco fazendas do estado de São Paulo. Dissertação (Doutor em Agronomia). Escola Superior de Agricultura. Piracicaba. 2004.

GUTHY, K.I. The significance of to the quality of heated – treated milk and milk products: A review. B. Int. Dairy Fed, La Haye. N. 114, p. 4-8. 1979. (Document).

KEHRLI, M.J.K.; SHUSTER, D.E. Factors affecting milk somatic cell and their role in health of bovine mamary gland. J. Dai. Sci. v. 77, p. 619-627. 1994.

LEE, S.H.; WOODING, P.F.B.; KEM, P. Identification, properties and differential counts of cell populations using electron microscopy of dry cows secretion, colostrums and link from normal cows. J. Dai. Sci. v. 47, p. 39-50. 1980.

MACEDO, M..P. et al. Chemical composition of milk from Mediterranean buffalo cows raised in Brazil. In: World Buffalo Congress, 5. Caserta, Itália. Proceedings...1 p. 213-216. 1997.

MACEDO, M.P. et al. Composição físico-química e produção de leite de búfalas da raça Mediterraneo no oeste do estado de São Paulo. Revista Brasileira de Zootecnia. Viçosa, v. 30, suppl 1. 2001.

MADALENA, F.E. Economic evaluation for milk and beef production in tropical environments. In: World Congress Genetic Applied Livestock Production, v. 9, p. 33-43. 1986.

MATOS, B.C. Avaliação da produção e qualidade do leite de rebanhos bubalinos no estado de São Paulo. Trabalho de Iniciação Científica apresentado à faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, SP, como parte das exigências para graduação em Zootecnia. 2005.

PARIZA, M.V. Conjugated linoleic acid: Unraveling the isomer paradox. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONJUGATED LINOLEIC ACID, 1, Alesund, 2001. Proceedings. 2000, v. 223, p. 8-13.

RIBAS, N.P. Analise do leite. Gado Hol, v. 57, n. 10, p. 92-94, 1994.

SCHALM, O.W.; NOOERLANDER, D.O. Experimental and observation leading to development of California Mastitis Test. J. American Vet. Medical Association. v. 139, p. 199-204. 1957.

TONHATI, H. et al. Parâmetros genéticos para produção de leite, gordura e proteína em bubalinos. Revista Brasileira de Zootecnia. Viçosa. V. 29, n. 6, p. 2051-2056, suplemento. 2000.

Aprendendo ciências na feira

Eliane Maria de Lima Righi
Escola São Teodoro de Nossa Senhora

Resumo

Palavras-chaves:

Abstract

Key-words

Aprendendo ciências na feira

Introdução

Foi há quatro anos atrás, quando pensava em uma forma diferente para ensinar um conteúdo de ciências, para meus alunos da primeira série do Ensino Fundamental, que percebi que as aulas teóricas não estavam dando tão certo quanto eu gostaria. Na ocasião, estava ensinando a classificação dos vegetais, onde eram plantados e colhidos (hortas, pomares ou jardins). As crianças possuíam a base do conteúdo, pois tinham um certo conhecimento, mas não sabiam classificá-los. Elas sabiam o que eram frutas, legumes, flores e verduras, mas na hora de separá-las, ficavam em dúvida.

As aulas estavam precisando de uma dinâmica diferente, de mudar o ambiente para tomá-lo mais ativo e envolvente. Havia uma necessidade de aumentar o relacionamento professor/aluno para obter um feedback positivo.

Esta forma de ensinar é agradável, enquanto elas pensam que estão apenas fazendo um passeio, estão aprendendo prazerosamente, o que possibilita um maior aprendizado.

Resolvi, então, levar as crianças para terem uma aula na feira, manter contato com tudo aquilo que estavam aprendendo naquele momento, na convicção de que a feira seria o local ideal para esclarecimentos de dúvidas e de novas descobertas.

Tenho repetido essa experiência várias vezes e é sobre um desses passeios que se baseia o presente relato.

Objetivo

Visando um melhor desempenho e estruturação de conhecimento dos meus alunos da primeira série do Ensino Fundamental, tive a idéia de trabalhar um dos conteúdos de ciências de forma prática pois, como diz Ana Maria Pessoa de Carvalho,

temos necessidade de procurar o conteúdo num recorte epistemológico isto é, conteúdos escolhidos dentro do mundo físico onde a criança vive e brinca, levando-a a construir os primeiros significados importantes do mundo científico, de tal forma que novos conhecimentos possam ser adquiridos posteriormente (1997, p.154).

Fundamentação

Se o ensino for agradável, se fizer sentido para as crianças, elas gostarão de Ciências e terão maior possibilidade de serem bons alunos nos anos posteriores. (Carvalho, 1997, p.153).

Esta afirmação de Carvalho vem ao encontro do que penso e está de acordo com as teorias de Piaget e Vygotsky, na medida em que ambos estimulam a interação ativa sujeito/meio, como fator essencial ao desenvolvimento e à aprendizagem como, também, destacam o papel fundamental do professor no sentido de transmitir a cultura, o saber e despertar nos alunos o desejo de aprender.

Descrição da mudança

Planejei, então, o desenvolvimento da experiência do passeio à feira em três momentos:

- . antes de mais nada, uma conversa informal em sala de aula;
- . depois, o trabalho desenvolvido no local;
- . para finalizar, o trabalho realizado em sala de aula e salão da escola.

Preparação do passeio

Como leciono no período da tarde, pedi que todos fossem à escola na quinta-feira no período da manhã para que chegássemos à feira, que fica em uma rua bem próxima à escola, logo cedo.

Todos chegaram e foram para a sala de aula, onde eu os esperava. Tivemos uma conversa informal sobre a feira para alguns esclarecimentos, tais como:

- . o que é uma feira
- . quem trabalha na feira
- . como estas pessoas trabalham na feira (roupas, tom de voz, sozinha?, tristes?, etc.)
- . como é o espaço de cada um (barracas)
- . o que se vende (vegetais, peixes, roupas, carnes, utensílios domésticos de cozinha, caldo de cana, refrigerante, pastel et.c)
- . como os produtos são vendidos (quantidades, como estão expostos, a divisão das barracas por produtos, a feira é dividida em panes: legumes, verduras, frutas, etc.)
- . como se comportar na feira (apesar da feira ser um lugar barulhento, as pessoas devem ter respeito, educação e só tocar no que realmente for comprar)

Realização do passeio

Foi preparado, previamente, um roteiro de passos/ comportamentos a serem seguidos no decorrer do passeio:

- . explorar ao máximo o passeio,
- . pedir para as crianças observarem tudo que há na feira,
- . ouvir as explicações de alguns feirantes,
- . como estão separados os vegetais,
- . onde cada vegetal foi colhido (horta, pomar ou jardim),
- . como os vegetais podem ser comidos (crus, fritos ou cozidos),
- . ir até o final da feira fazendo observações,
- . parar para comprar pastel, refrigerante ou caldo de cana,
- . como é feita a massa do pastel, o recheio, qual a origem deste alimento,
- . o caldo de cana é natural, industrializado ou transformado pelo homem,
- . depois que as crianças comerem, voltar pela feira fazendo as compras.

Fomos andando até a feira e chegando lá as crianças ficaram encantadas com o tamanho da feira, com as barracas e com a maneira dos feirantes falarem.

Passeamos por toda a feira, primeiro observando os vegetais e as demais mercadorias que são vendidas, conversando com os feirantes que já estão acostumados com a nossa visita e cada vez mais fazem questão de participar desta atividade, dando explicações de cada produto, dizendo como fazer para comê-los e onde os colhem. Eles já sabem que o meu objetivo é fixar a diferença entre horta, pomar e jardim, pois este é o quinto ano que desempenho esta atividade, mas agora não sou só eu que seguro um determinado vegetal e faço perguntas do tipo: Como é o nome deste vegetal? Como podemos comê-lo? Onde ele é plantado? Os feirantes fazem uma integração fantástica, as crianças gostam muito e aprendem brincando.

Eles gostaram muito quando um dos feirantes perguntou, inclusive, quem queria ficar atrás da barraca para ver como era ser feirante. Como pode ser verificado nas figuras 1 e 2, todos aceitaram com alegria.



Figura 1: Os alunos atrás das barracas.



Figura 2: Interação com os feirantes.

Os alunos perguntavam, observavam e comentavam tudo. Alguns diziam:

- Por que não tem caixa para cobrar?
- As pessoas precisam trazer carrinho, eles não têm sacolas?
- A feira é legal né pro? Podemos até experimentar as frutas!
- Aqui todos gritam e falam muito alto, é diferente do supermercado!
- Os feirantes são muito alegres e divertidos, mexem com todo mundo!
- Não tem banheiro na feira?
- Puxa, aqui vendem de tudo mesmo! Até consertam panelas!
- Tem até um homem fazendo "tapioca"! Meu pai é nordestino e gosta muito de comer.

Um aluno comentou que preferia ir ao supermercado porque ali parecia tudo muito sujo.

Um dos alunos perguntou ao feirante onde estava o brócolis, que é o vegetal que ele mais gosta, e ficou surpreso quando o feirante perguntou se ele queria ver o brócolis nacional ou o Ninja e então ele disse:

- E u sabia que o brócolis deixa todo mundo forte, mas não sabia que lutava!

O feirante explicou que era uma experiência que os japoneses haviam feito, misturaram o nacional com o japonês resultando o Ninja.

O meu aluno ficou tão admirado com a nova descoberta que foi dar aula para as demais crianças sobre o famoso Brócolis Ninja.

Depois de passear por toda a feira, os alunos voltaram a passar pelas barracas comprando o vegetal que queriam e muitos deles diziam, por exemplo, para dar um pé de alface que tinha sido colhido em uma horta ou, para dar uma maçã que era encontrada no pomar.

Quando todos haviam comprado o seu vegetal, fomos comer pastel e, em seguida, retomamos à escola. Nas figuras a seguir podemos ver outras coisas que existem na feira: o homem fazendo tapioca e a turma saboreando pastéis.



Figura 3: O homem fazendo tapioca. ,



Figura 4: A turma saboreando pastéis

Sistematização e socialização das informações colhidas

Voltando à escola, as crianças queriam mostrar e explicar tudo sobre o vegetal que haviam comprado. Por outro lado havia o seguinte conjunto de atividades que pretendia desenvolver a partir do passeio:

- . explorar como foi o passeio, . como era o local,
- . quais as mercadorias que foram vistas, . como foi o contato com os feirantes,
- . o que cada um comprou,
- . o que cada um comeu e bebeu,
- . qual a origem dos alimentos vistos na feira (animal, vegetal, industrializados, transformados pelo homem),
- . como é feito o pagamento das compras (tem um caixa igual ao supermercado),
- . como são carregadas e embaladas as mercadorias compradas na feira (sacolas, carrinhos de feira, etc.),
- . juntar as crianças em grupos, conforme os vegetais comprados, para realizarem atividades diversificadas,
- . fazer a exploração dos vegetais (cor, tamanho, casca, sementes e sabor),
- . separar os vegetais, em grupos, de acordo com o local em que cada um é plantado e fazer a exposição.

Pedi para que os alunos se separassem em grupos, observando o tipo de vegetal que haviam comprado e onde poderiam plantar cada um deles. Como coloca Ana Maria Pessoa de Carvalho, “ao deixar os alunos trabalharem em grupo com o material experimental, estamos dando oportunidade de eles agirem sobre o objeto para resolver o problema” (1997, p. 162) .

Nas paredes do salão estavam colocadas placas escritas POMAR, HORTA e JARDIM. Elas foram se agrupando perto das placas, correspondentes àquilo que haviam comprado. Depois de montados os grupos, pedi que formassem uma feira. Um grupo vendia enquanto os outros dois compravam e questionavam.

Um dos alunos que estava no grupo das frutas percebeu que haviam colocado um chuchu ali e logo disse:

- Ei, quem colocou este chuchu aqui? Ele deve ficar no grupo da horta!

Uma das meninas do mesmo grupo começou a feira dizendo:

- Venham, venham para o nosso pomar conhecer e saborear estas frutas tão gostosas.



Figura 5: Legenda.



Figura 5: Legenda.

E assim, os outros grupos foram se apresentando e explicando o que havia ali.

O grupo da horta dizia imitando um dos feirantes:

- Quem quiser fazer uma salada especial passe por aqui e compre as verduras mais fresquinhas da região.

O que eu achei muito interessante, foi uma menininha que estava na “barraca das flores” dizer:

- Este é o nosso jardim, flores cheirosas e coloridas para embelezar o seu lar.

Resultados

Para finalizar esta dinâmica, distribuí massinha de modelar, lápis de cor, papel pardo para as crianças representarem o vegetal que haviam comprado e escreverem o que aprenderam sobre ele. Sugerí que escrevessem o nome do vegetal, onde era plantado, se gostava de comer e como poderia comer. Desta forma, as crianças participaram de uma aula agradável, compromissada com a realidade, onde cada uma delas pôde resolver suas dúvidas concretizando e ampliando seus conhecimentos.

Conclusão

Foi aproximando o conteúdo da linguagem e da criança, e buscando meios de compreender a necessidade da sala de aula e as concepções que as crianças tinham que obtive um feedback muito bom, conseguindo assim atingir o meu objetivo: fazer com que as crianças fossem capazes de aprender construindo e assimilassem a diferença entre Horta, Pomar e Jardim

É muito importante aproximar a vivência do conteúdo. Fazer com que a criança saia do abstrato e parta para o concreto.

Aprender de uma forma lúdica é muito mais interessante, enriquecedora e com certeza, conteúdos estudados de uma forma prazerosa dificilmente será esquecida e facilmente serão assimilados.

Bibliografia

CARVALHO, Ana M P. Ciências no Ensino Fundamental. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas nº 101, julho 1997, p. 152-168.

SEGEI\REIa-I, S.CD. A pesquisa cmv prá1ica paia~' pdmca.s p1ÍHit:as e realidadt. v7Std:uaDnd. (texto encaminhado para publicação) Rio de Janeiro: PROEDES/UFRJ, agosto de 2001.

Educando e Educador “Enredados”

Claudia Castro - claudia@alcastro.com.br

Ana Mendonça - anapaula_furlan@ig.com.br

Márcia Deak - marcia@deak.com.br

Marly Fiamingue - mfiamingue@uol.com.br

Priscila Di Petta - pepsdipetta@yahoo.com.br

Resumo

As necessidades atuais do Projeto da Rede Salesiana de Escolas (RSE) com base na aprendizagem e conhecimento vêm adquirindo cores e tonalidades cada vez mais “holísticas”, ao considerar a totalidade integrada do “ser” que aprende em uma dinâmica complexa, envolvendo uma multiplicidade de fatores que se inter-relacionam e que se articulam, num movimento sempre aberto para novas conexões, novos laços ou nós desta tecelagem que se configura como uma “Rede”. O conhecer como “enredar” contrapõe-se à idéia de encadeamento lógico, de ordenação necessária e de linearidade na construção do conhecimento.

Tendo em vista esta concepção, o conhecimento é representado como um feixe de significados, uma teia de relações que se constrói no diálogo, buscando trabalhos convergentes que reflitam sobre esta visão de “Rede”, resignificando as metodologias, trabalhando a integração afetocognição, compreendendo as diferentes inteligências e buscando formas de construir saberes onde esta multiplicidade de fatores seja considerada através da transdisciplinaridade, reconhecendo a avaliação como parte do processo.

Palavras-chave:

Aprendizagem significativa; Conhecimento em rede; Habilidades e Competências; Transdisciplinaridade; Avaliação; Professor reflexivo.

Abstract

The current necessities of the Project of the Salesiana Net of Schools (RSE) on the basis of the learning and knowledge come acquiring “more holistic” colors and tonalities each time, when considering the integrated totality of the “being” that learns in a complex dynamics, involving a multiplicity of factors that if they interrelate and that if they articulate, in a movement always opened for new connections, new bows or us of this weaving that if configures as a “Net”. Knowing as “to tangle” opposes it the idea of logical chaining, necessary ordinance and linearity in the construction it knowledge. In view of this conception, the knowledge is represented as a beam of meanings, a teia of relations that if constructs in the dialogue, searching convergent works that they reflect on this vision of “Net”, resignificando the methodologies, working the integration affection-cognition, understanding different intelligences and searching forms to construct to know where this multiplicity of factors is considered through the transdisciplinaridade, recognizing the evaluation as party to suit.

Keywords

Significant learning; Knowledge in net; Abilities and *Competências*; Transdisciplinarity; Evaluation; Reflective professor.

Educando e Educador “Enredados”

Aprendizagem denota mudanças e exige flexibilidade para aceitar a diversidade de personalidades, tendo como ponto de partida o seu conhecimento prévio.

A este conhecimento vão sendo incorporadas, significativamente, novas informações que vão ampliando os conceitos. Este processo é permeado por uma interação entre educadores e alunos e entre os próprios alunos; através de questionamentos, levantamento de hipóteses que vão sendo aprimoradas individualmente e coletivamente.

A criatividade é um elemento essencial dentro deste processo de construção de conhecimento, pois possibilita a oportunidade de experimentar novas dimensões interiores.

Rubem Alves diz que a aprendizagem só pode acontecer no espaço tempo em que a vida está sendo vivida. Portanto, a aprendizagem deve ser considerada como um processo interativo, conflitivo e não como um produto final.

O professor deve renovar a práxis de ensino criando condições para que cada aluno reconheça a si mesmo e aos demais como pessoas que sentem, pensam e agem podendo expor seus interesses na busca do conhecimento.

É muito importante a afirmação que Perrenoud faz em relação ao papel do educador hoje e, junto a isso, o nosso compromisso como educadores.

A escola tem hoje a tarefa de ampliar esta visão, ajudando nosso aluno a compreender o mundo em que vive, utilizando no seu cotidiano o que aprende em sala de aula.

Nossa mediação deve proporcionar uma mobilização do aluno, a fim de que desenvolva competências a partir do que aprende na escola, com o objetivo de relacionar constantemente os saberes e sua operacionalização em situações diversas e complexas. As habilidades por si só, não levarão nosso aluno a dominar e compreender o mundo com clareza, objetividade e segurança. Ele necessita saber o porquê aprender tal coisa, para que lhe servirá e que tipo de competência lhe fará garantir e dominar.

O material da RSE vem bem ao encontro desse desafio que nos é apresentado hoje na educação: “ser referência, ser referencial através de uma educação de qualidade, baseada na competência do professor e do saber fundamentado do aluno”.

Não se pode mais conceber o ensino desligado do cotidiano e que mantenha o aluno como mero receptor. Nesse novo processo, ele tem que ser agente ativo, dinâmico e, para isso é fundamental a competência do professor através de sua profissionalização e capacidade de relacionar em sua prática de ensino as diversas áreas do conhecimento.

É fundamental para esta “construção do saber”, o desenvolvimento de habilidades e competências, tendo claro que as “situações problematizadoras” são o grande ponto de partida nesse processo.

Não há espaço em que a fragmentação do conhecimento esteja tão explícita quanto na escola, com sua estrutura tradicional de parcelamento do tempo em função de disciplinas estanques. A diversidade de sujeitos e objetos em busca de conexões faz da sala de aula um fenômeno complexo, ideal para iniciar o processo de mudança de mentalidades defendido por Morin.

A meta é a transdisciplinaridade, que busca superar as barreiras entre as disciplinas. Convinco de que tudo se liga a tudo e de que é urgente aprender a aprender, o educador adquirirá uma nova postura diante da realidade, necessária a uma prática pedagógica libertadora. A construção de uma sociedade mais justa e igualitária só é possível por meio de uma nova e complexa compreensão do mundo.

Aprender a pensar não é considerado produto de inescrutáveis processos cognitivos, mas complexas interações entre personalidades, interesses, contextos sociais e experiências de vida. Isso nos leva também a reconhecer a complexidade conceitual e vital dos alunos (desde as primeiras idades) e das situações de aprendizagem que vivem dentro e fora da escola.

Os projetos de trabalho supõem no ponto de vista de Fernando Hernández, um enfoque do ensino que trata de repensar, recriar as concepções e as práticas educacionais na escola e não simplesmente adaptar uma proposta do passado e atualizá-la. Aparecem como um veículo para melhorar o ensino e como distintivo de uma escola que opta pela atualização de seus conteúdos e pela adequação às necessidades dos alunos e dos setores da sociedade aos quais cada instituição se vincula.

A finalidade do ensino passa a ser a de promover a compreensão dos problemas que são investigados. Compreender é ser capaz de ir além da informação dada, é poder reconhecer as diferentes versões de um fato, buscar explicações e propor hipóteses sobre as consequências dessa pluralidade de pontos de vista.

No projeto da RSE o conhecimento acontece como um processo ininterrupto de transformação e de atribuição de significados e, ainda, de estabelecimento de relações entre esses significados. A cada nova interação com objetos do conhecimento, a cada possibilidade de diferentes interpretações, um novo ângulo se abre, significados se alteram, novas ações devem favorecer o processo múltiplo, complexo e relacional de conhecer e incorporar dados novos ao repertório de significados daquele que aprende, de modo que ele possa utilizá-los na compreensão orgânica dos fenômenos e no entendimento da prática social.

O projeto da RSE prevê que a integração entre as disciplinas e áreas se faça por meio do ensino para o desenvolvimento de habilidades comuns que constituem metas a serem seguidas pelo material didático, por todas as dimensões da escola e por todos os profissionais envolvidos.

Ao planejar o professor estabelece os objetivos a serem avaliados e metas para que os alunos possam chegar onde é previsto. “O planejamento pode ser visto como um instrumento para avaliar o processo de aprendizagem”, como bem observa DINIZ.

Apoiado na teoria de SMOLE, “Para que essa avaliação ocorra é preciso que saibamos que o conhecimento é dado por relações entre significados e que os alunos não podem ser medidos na avaliação, uma vez que são diferentes, possuem múltiplas competências e formas de aprender”.

Afim de que a avaliação se torne formativa devemos ter informações para conhecermos o grau de desenvolvimento dos alunos. Essa informação será adquirida através da observação sistemática de cada aluno durante a realização das tarefas propostas.

A observação só será possível se houver colaboração, cumplicidade entre professor e aluno. Conseguir um clima de respeito e de compromisso com um objetivo comum dará possibilidades ao professor de adequar as necessidades de uma aprendizagem baseada nas capacidades de cada aluno. É preciso trabalhar simultaneamente nos campos da didática, da relação professor-aluno, do funcionamento das escolas, da seleção. Tudo está ligado.

Assim, o aluno será o agente da própria aprendizagem e devemos partilhar com ele a responsabilidade por sua avaliação desde cedo e, para que isso aconteça, é necessário escolher instrumentos de avaliação que ensinem o aluno a ver-se dentro do processo.

O hábito de refletir sobre “avaliação” é um grande desafio a ser construído, pois o aluno tem muitas vezes como hábito, simplesmente “adivinhar” o que o professor espera dele e aguardar a devolução com uma nota ou um conceito. Fica, em geral, à espera de um novo comando e uma nova avaliação. Com as tarefas reflexivas fica explicitado que o aluno pare, pense, reflita, argumente sobre si mesmo e sobre o seu aprendizado.

Salientamos o portfólio como instrumento utilizado para que o aluno perceba suas conquistas e seus avanços, valorizando a aprendizagem e o conhecimento com cuidado e empenho. Funciona como regulador do processo educativo e é eficiente, pois, proporciona uma análise contínua do processo, além de fornecer dados para que o professor possa planejar as intervenções.

“A caracterização do portfólio não está especificamente no seu formato físico; o que o particulariza é a possibilidade de reflexão constante sobre o conjunto das produções do aluno, o contraste entre as metas do projeto e as ações realizadas para alcançá-las, a possibilidade de perceber a própria trajetória, seus momentos centrais e a superação de obstáculos”, o que se tem observado na RSE.

Outra ferramenta importante na estruturação da reflexão por parte dos alunos é a devolução com anotações do professor, isto é, mais do que simplesmente registrar certo ou errado, é necessário corrigir com mediações escritas, comentários, questionamentos, que levem o aluno a pensar e rever seus erros e reconhecer seus acertos. Este “diálogo escrito” aproxima aluno e professor: é um reconhecer-se e ser reconhecido, tanto pelo aluno como pelo professor.

Como bem observa Antônio Nóvoa: “O professor que reflete sobre a sua prática, que pensa, que elabora em cima dessa prática, é o paradigma hoje em dia dominante na área de formação de professores”.

O professor reflexivo questiona os seus saberes, encontra-se numa busca constante de reformulação através da reflexão sobre sua prática, o que o leva a aprimorar e reconstruir permanentemente a identidade do professor como profissional e como indivíduo.

Assume a sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa, de reflexão e também de análise. “Ele é, sobretudo uma pessoa que atende aos contextos em que trabalha, os interpreta e adapta a própria atuação a eles.”(ALARCÃO).

A busca do professor reflexivo é a busca do equilíbrio entre a reflexão e a rotina, entre o ato e o pensamento.

O material da RSE traz uma nova organização no trabalho, com formas inovadoras através de práticas diferenciadas, favorecendo uma reflexão crítica sobre os saberes.

Bibliografia

ALARCÃO, Isabel. Fragmento de uma entrevista na Revista Nova Escola. Acesso em 2006.

ALVES, Rubem. Fragmento retirado da revista Pátio. Acesso em 2006.

DINIZ, Maria Ignez (2006). Avaliação e planejamento para o professor “planejador”.

FAZENDA, Ivani. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum/docs/pdf/ivanifazendaartigo.pdf>
Acesso em agosto/06.

GARDNER, Howard. Disponível em: http://www.patiaoonline.com.br/patiaoonline/fr_conteudo_patio.php?codigo=1445&secao=680&pai=679. Acesso em julho/06.

HADJI, Charles. Disponível em: http://www.patiaoonline.com.br/patiaoonline/fr_conteudo_patio.php?codigo=1251&secao=628&pai=627

http://novaescola.abril.com.br/ed/138_dez00/html/hadji.doc

Acesso em agosto/06.

HERNANDEZ, Fernando. La organización del currículum por proyectos. Barcelona: Ed. Grão, 1992.

HOFFMANN, Jussara. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/int_a.php?t=008

Acesso em setembro/06.

MORIN, Edgar. Disponível em: <http://www2.ufpa.br/ensinofts/artigo3/setesaberes.pdf> Acesso em julho/06.

NOVOA, Antonio. Disponível em: http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/antonio_novoa.htm
Acesso em ago/06.

PERRENOUD, Philippe. Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/perrenoud2.htm>
Acesso em julho/06.

SMOLE, Katia Stocco (2001). Inteligência e avaliação: da idéia de medida à idéia de projeto. Tese de doutorado apresentada à FEUSP.

VITTA, Ericka C.

Disponível em: fragmento tese-Ericka C. Vitta.doc. Acesso em junho/06.

Disponível em: ensino globalizante- Cap. II Vitta, 2004.doc Acesso em agosto/06.

Climatério: Assistência de Enfermagem nos Principais Distúrbios Relacionados

Luis Donizeti Da Silva Fernandes
Enfermeiro obstetra, especialista em saúde pública. Mestrando em Ciências da Saúde, área
Ginecologia e Obstetrícia do Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual –
IAMSPE. Professorluis4@yahoo.com.br

Resumo

A expectativa de vida da mulher brasileira, próxima dos 70 anos, faz com que cerca de 10% da população feminina, viva um terço ou mais de sua vida após a menopausa. A busca de melhor qualidade de vida é a meta da assistência à mulher climatérica e o que se procura é maximizar a sua “expectativa de vida ativa”. O presente estudo objetiva descrever os principais aspectos do climatério, bem como seus principais sintomas e assistência de enfermagem correlatada. Trata-se de pesquisa bibliográfica com enfoque descritivo, onde foram consultados livros e artigos do período de 1995 a 2005, em base de dados como Scielo, Lillacs e BVS. Observou-se, que os sintomas do climatério são, de natureza física e neuropsíquicas, e que a principal assistência de enfermagem esta baseada na prática de informação e apoio, com objetivo de amenizar os sintomas da menopausa, mas que devem começar cedo, com base em uma alimentação balanceada e a prática de exercícios, com isso melhorar e até evitar varias doenças que podem se acumular com o tempo.

Palavras Chave:

climatério, saúde da mulher, enfermagem.

Abstract

The life expectancy of the woman Brazilian, next to the 70 years, makes with that about 10% of feminine, alive population one terço or more than its life after the menopause. The search of better quality of life is the goal of the assistance to the climatérica woman and what it is looked it is to maximize its “active life expectancy”. The present objective study to describe the main aspects of the climatério, as well as its main symptoms and assistance of correlatada nursing. One is about bibliographical research with descriptive approach, where books and articles of the period of 1995 had been consulted the 2005, in database as Scielo, Lillacs and BVS. One observed, that the symptoms of the climatério are, of physical nature and neuropsíquicas, and that the main assistance of nursing this basing on practical of information and the support, with objective to brighten up the symptoms of the menopause, but that must start early, on the basis of a balanced feeding and the practical one of exercises, with this to improve and until preventing you vary illnesses that can be accumulated with the time.

Keywords

climatério, health of the woman, nursing.

Climatério: Assistência de Enfermagem nos Principais Distúrbios Relacionados

Introdução

O estudo do climatério tem se destacado nos últimos 15 anos, apesar de há décadas a medicina em geral estar estudando formas de melhorar a qualidade de vida das mulheres decorrentes do aumento da expectativa de vida, desta forma, não poderia deixar de ser feito este trabalho, com intuito de demonstrar as principais manifestações relacionadas ao climatério, que afligem e afligirão muitas mulheres.

À medida que avançamos hoje na transição demográfica experimentada pelo Brasil, passamos a vivenciar um fenômeno novo: a expectativa de envelhecer. Estamos tornando-nos uma sociedade “retangular”, na qual um grande número de indivíduos atinge uma idade avançada, para entrar abruptamente numa faixa etária em que a morte ocorre ao redor dos 85 anos. A expectativa de vida da mulher brasileira, próxima dos 70 anos, faz com que cerca de 10% da população feminina viva um terço ou mais de sua vida após a menopausa. A longevidade e a conseqüente redução de mortes prematuras legaram-nos algumas doenças degenerativas e outras próprias do envelhecimento, muitas delas agravadas pelo “estado menopáusic”. Neste panorama, a preocupação com o “viver mais” se faz acompanhar pelos esforços em prol do “viver melhor”. A busca de melhor qualidade de vida é a meta da assistência à mulher climatérica e o que se procura é maximizar a sua “expectativa de vida ativa” (WHO/OMS, 2003).

O climatério é considerado um distúrbio endócrino de consumo de natureza genética que se caracteriza pela deficiência de hormônios esteróides ovariano (produzidos na adolescência, responsáveis pelo aparecimento dos sinais sexuais secundários) em decorrência da falência funcional das gônadas que por exaustão folicular se manifesta em todas as mulheres de meia idade, é um fenômeno fisiológico cujas conseqüências são potencialmente patológicas e de manifestação universal. Não é um evento breve na vida da mulher, mas uma condição suportada desde o momento em que seus ovários começam a surgir até o fim da vida (WHO/OMS, 2003; WOLFGANG, 2000; CUNHA, 1998).

Fernandes et al (1999) descrevem que o estrogênio é o hormônio básico da mulher, sua produção começa na adolescência, quando é responsável pelo aparecimento dos sinais sexuais secundários, e vai até a menopausa. A falta dele causa as ondas de calor, ou fogachos das mulheres que se manifestam principalmente à noite, também é responsável pela textura da pele feminina e pela distribuição de gordura no corpo.

Complementam ainda os autores, que sua falta causará a diminuição do brilho da pele e uma distribuição de gordura mais masculina, ou seja, na barriga. Secura vaginal afetando o desejo sexual, o estrogênio também é relacionado ao equilíbrio entre as gorduras no sangue, colesterol e a hdl-colesterol, explicando o porquê de uma chance muito maior de ataques cardíacos ou doenças cardiovasculares. A falta de estrogênio causa a irritabilidade e a depressão.

Baracat et al (1999) informam que o estrogênio está associado a sentimentos de auto-estima e a falta dele pode causar depressão em graus variados e é responsável pela fixação do cálcio nos ossos. Após a menopausa, grande parte das mulheres passa a perder o cálcio dos ossos, doença chamada osteoporose. Relatam que estudos recentes têm associado a falta de estrogênio ao Mal de Alzheimer. Muitos sintomas da menopausa variam de mulher para mulher e podem ser encarados como normais ou não, dependendo da sensibilidade.

A irregularidade menstrual pode ser o primeiro sinal de que as modificações hormonais estão ocorrendo no corpo da mulher, que cerca de 80% das mulheres apresentam outros sintomas de intensidade variável durante o período, enfraquecimento dos ossos (osteoporose), levando a uma diminuição da estatura e deformidade da coluna (WHO/OMS, 2003).

A presença dos sintomas citados, assim como as mudanças hormonais, não dependem da mulher e pode fazê-la sentir estado variado de humor. A perda da fertilidade, assim como o outro sintoma, é ocasionado pelas alterações progressivas e irreversíveis que ocorrem nos ovários como resultado desse processo.

O interesse pela temática, surgiu da observação desta autora, do grande desconhecimento e “mistificação” das mulheres e também, de muitos profissionais de saúde sobre os principais distúrbios relacionados ao climatério. E, diante a este desconhecimento, procura-se nesta pesquisa, responder a seguinte pergunta: quais os principais distúrbios causados pelo climatério?

Observa-se que este distúrbio endócrino afeta e irá afetar muitas mulheres, conforme exposto anteriormente, desta forma, a presente temática se revela de grande relevância para a área de Enfermagem, principalmente a relacionada à saúde da mulher.

O presente trabalho de conclusão de curso tem como escopo, descrever com mais vagar os principais distúrbios relacionados ao climatério, alinhavados de forma sucinta nos parágrafos acima, com o intuito de esclarecer e desmistificar dúvidas relacionados ao tema exposto.

Finalmente para melhorar a qualidade de vida das mulheres, é necessário o amplo domínio e compreensão do assunto, questão em que o estudo sugerido poderá auxiliar na futura assistência profissional que por ventura venha a ser realizada por esta autora.

Objetivos

- Descrever o climatério e suas principais características.
- Descrever os principais distúrbios relacionados ao climatério;
- Descrever assistência de enfermagem correlata.

Método

Este estudo foi elaborado através de pesquisa bibliográfica descritiva. Foram utilizadas referências, selecionadas por unitermos como: climatério, menopausa e saúde da mulher, datadas dos últimos 10 anos, priorizando-se os assuntos que sejam mais adequados ao objetivo da pesquisa.

A literatura pesquisada (livros e artigos) foi coletada em banco de dados como Scielo Lillacs e BVS e em outras instituições consideradas idôneas.

O estudo foi baseado em levantamento bibliográfico, onde foi efetuada uma leitura exploratória e seqüencialmente uma leitura seletiva, utilizando-se de fichamentos de todos os textos, que posteriormente, foram selecionados e analisados para a elaboração do presente estudo.

Descrição do climatério

Climatério é a fase da vida da mulher na qual ocorre a transição do período reprodutivo para o não reprodutivo. Menopausa é, simplesmente, a última menstruação. Estes são os conceitos oficiais emitidos pela Sociedade Internacional da Menopausa, durante o 1o Congresso Mundial de Climatério. Não obstante aceito universalmente, parece inconsistente o conceito de climatérico supra-exposto por encerrar apenas uma dimensão temporal pouco útil para a compreensão diagnóstico-terapêutica desta entidade. Por este motivo, e levando em consideração à necessidade de um enfoque contextual condizente com os conhecimentos atuais, pode-se conceituar hoje este estado como um distúrbio endócrino que se expressa por uma deficiência de hormônios esteróides sexuais resultante da insuficiência ovariana secundária ao consumo de folículos primordiais que constituem o patrimônio genético de cada mulher. Apesar de ser uma condição fisiológica presente em todas as mulheres de meia-

idade, pode ter conseqüências patológicas em considerável proporção delas sob a forma de manifestações genitais e extragenitais nem sempre sintomáticas e cuja resultante é a aceleração do processo de envelhecimento sabidamente modulado, em parte, pelos esteróides sexuais (SILVA, 2005).

Dentre os sintomas nesta fase da vida da mulher, De Luca e Pinaffi (1996) relatam que, a irregularidade menstrual pode ser o primeiro sinal de que as modificações hormonais estão ocorrendo no corpo da mulher, e que cerca de 80% das mulheres apresentam outros sintomas de intensidade variável durante o período, entre eles, o enfraquecimento dos ossos (osteoporose), que leva a uma diminuição da estatura e deformidade da coluna.

Os autores ainda informam, que o estrogênio também é relacionado ao equilíbrio entre as gorduras no sangue, colesterol e a hdl-colesterol, explicando “o porquê” de uma chance muito maior de ataques cardíacos ou doenças cardiovasculares. Ocorre também, que a falta de estrogênio leva a irritabilidade e a depressão, sintomas clássicos citados pela literatura, que afetam a psique feminina.

Baracat et al (1999), reafirma a idéia exposta anteriormente, no qual o estrogênio está associado a sentimentos de auto-estima, e que a falta dele pode causar depressão em graus variados. Cita ainda, que o estrogênio é responsável direto pela fixação do cálcio nos ossos, decorrendo que após a menopausa, grande parte das mulheres passa a perder o cálcio dos ossos, iniciando um processo de enfraquecimento esquelético chamado osteoporose.

Destarte, acrescenta que estudos recentes têm associado à falta de estrogênio ao Mal de Alzheimer, porém, nenhum dos estudos relatados é de natureza definitiva, e sobre este aspecto, ainda não existe nenhum consenso.

Muitos dos sintomas da menopausa variam de mulher para mulher e podem ser encarados como normais ou não, dependendo da sensibilidade de cada indivíduo.

Conceito de menopausa

O conceito de menopausa é muito semelhante entre os vários autores pesquisados (FERNANDES et al, 1999; BACARAT et al, 1999), diferindo apenas, na construção lingüística e gramatical, podendo ser conceituado como: Distúrbio endócrino de consumo de origem genética que se caracteriza pela deficiência de hormônios esteróides ovariano, decorrentes da falência funcional das gônadas que por exaustão folicular se manifesta em todas a mulheres de meia idade, sendo um fenômeno fisiológico e de manifestação universal. Não é um evento breve na vida da mulher, mas uma condição a ser suportada desde o momento em que seus ovários começam a surgir, persistindo até o fim da vida.

Muitos sintomas decorrentes da menopausa (fase do climatério) variam de mulher para mulher e podem ser encarados como normais ou não, dependendo da sensibilidade e dos valores de cada uma. A irregularidade menstrual pode ser o primeiro sinal de que as modificações hormonais estão ocorrendo no corpo da mulher. Fora isso, cerca de 80% das mulheres apresentam outros sintomas de intensidade variável durante o período, como as ondas de calor, conhecidas como fogachos, que se manifestam principalmente à noite e que nem sempre, está associada a suores intensos, sensação de tontura e palpitação. Outros sintomas são, segundo Fernandes et al, 1999, os abaixo citados:

- alteração dos órgãos sexuais, como secura na vagina, que pode causar dor e desconforto durante o ato sexual;
- alteração do controle urinário, levando ao aumento da freqüência de urinar ou à perda espontânea de urina;
- diminuição do tamanho e firmeza da mama, perda da elasticidade da pele, particularmente da face e do pescoço;
- alterações da cartilagem, causando dores das articulações e músculos;
- aumento da porosidade e enfraquecimento dos ossos (osteoporose), levando a uma diminuição da estatura e deformidade da coluna;
- alterações na composição das gorduras do sangue, facilitando o “endurecimento” das artérias (arteriosclerose), determinando maior risco de doenças do coração (infarto e hipertensão).

A presença dos sintomas mencionados acima, assim como as mudanças hormonais, não dependem da mulher e pode fazê-la sentir um estado variado de humor, variando-se do bem estar à tristeza ou depressão.

A perda da fertilidade, assim como os outros sintomas, são ocasionados pelas alterações progressivas e irreversíveis que ocorrem nos ovários, como resultado desse processo.

Dosagens hormonais são feitas quando necessário, sempre a juízo do médico, assim como

exames complementares variados, constituindo-se, o controle da terapia de reposição hormonal, uma maneira efetiva de se assegurar uma melhor qualidade de vida a mulher, fato este, ainda não conscientizado por grande parte das mulheres e médicos, no processo de aceitação ao tratamento da menopausa, tendo grande importância, as informações e aconselhamento, cuja eficiência depende da relação profissional-paciente (LIMA et al, 2001).

Endocrinologia da menopausa

Segundo Lima et al (2001), o ovário após o período da menopausa, não é um órgão completamente inativo, permanecendo apenas como uma glândula capaz de produzir essencialmente androgênios, tornando atóxicos, amarelos, enrugados e com peso inferior a 10g após a menopausa. O volume médio de um ovário normal situa-se em torno de 8cm³ antes da menopausa, e atinge valores de 3-5cm³ após 30 anos da menopausa.

Relatam ainda os autores, que microscopicamente, a cortical ovariana na pós-menopausa é fina, com ausência de folículos ou corpos lúteos atresicos. Essa ausência folicular reflete-se pela diminuição da produção de estradiol. Entretanto, o estroma ovariano, através de células teca-intersticiais, ainda é capaz de produzir androgênios.

Halbe (1997) afirma em seus escritos, que a produção estrogênica após a menopausa é quase exclusivamente proveniente da aromatização extraglandular da androstenediona. O principal estrogênio circulante nesta fase é o estroma, sendo a castração ovariana resultante da significativa redução do estroma. Os níveis de testosterona circulante também diminuem após a menopausa, com queda da taxa de produção diária de cerca de 20 a 30% (HALBE, 1997).

A perimenopausa é o termo técnico utilizado para definir a época em que mulheres normais, geralmente em torno dos quarenta anos, apresentam sintomas de deficiência estrogênica devido ao declínio da função ovariana. Esses sintomas consistem em uma perda do padrão regular dos ciclos ovulatórios e flutuações dos níveis sanguíneos dos hormônios ovarianos, persistindo até que a falência ovariana total ocorra. O ciclo menstrual pode variar nessa época, devido a alterações fisiológicas. Com o avançar da idade, os ciclos tornam-se mais curtos, primariamente devido ao encurtamento da fase folicular. A idade média de entrada na transição menopáusicas é em torno dos 45,5 anos de acordo com um estudo entre várias centenas de mulheres que tinham os registros de seus ciclos menstruais bem documentados (PINOTTI; FONSECA, 1995).

Finalmente, Wehba et al (1997), relatam que os sinais de perda da função ovariana podem ser identificados pela diminuição da fertilidade entre as mulheres após os 30-35 anos, fato este, que se torna marcante após os 40 anos. Os níveis de FSH começam a se elevar com o aumento da idade, e a associação entre FSH elevado e idade avançada é considerado, por estes autores, o pior fator prognóstico quanto à fertilidade de uma mulher (WEHBA et al, 1997).

A perimenopausa

A menopausa, bem como sua fase posterior, tem sido muito bem relatada e estudada na literatura de saúde, porém, muito pouco tem se produzido em relação à fase anterior à mesma.

Mais recentemente, muitos esforços tem sido realizados para melhorar a compreensão do que acontece durante os anos que precedem a menopausa, ou seja, principalmente aquele período mais próximo dela, que se inicia com as primeiras alterações da função ovariana e termina com a menopausa também conhecida como perimenopausa.

O climatério é definido como o período de transição entre a fase reprodutiva ou mecna e a fase não-reprodutiva ou senilidade, termo derivado do grego significando "período de crise ou mudança". Inicia-se em torno dos 40 anos de idade e termina ao redor dos 65 anos, durante ocorre à menopausa (HALBE, 1997).

Este período divide-se em duas fases: uma chamada de pré-menopausica do climatério, que vai dos 40 anos até a menopausa e na qual, até a sua primeira metade (45 anos), em geral não ocorre qualquer sinal clínico, embora seja acompanhada por mínimas alterações endócrinas, outra chamada de pós-menopausica do climatério, que se inicia com a menopausa e vai ate os 65 anos de idade (início da senibilidade) (HALBE, 1997).

Não se devem confundir esses dois períodos com os termos pré-menopausa e pós-menopausa, que são considerados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como os períodos que vão desde o início da vida fértil até a menopausa e desde a menopausa até o final da vida, respectivamente. A menopausa (do grego mens= "mês", pausi= "pausa") é definida

pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como a parada permanente da menstruação, em consequência da perda definitiva da atividade folicular ovariana ocorrendo, na maioria dos países industrializados, em torno dos 50 anos de idade (48-52 anos) (WHO/OMS, 2003).

Admite-se que já deva ter ocorrido um período de pelo menos 12 meses de ausência de fluxo, após a sua ocorrência, para que seja considerada como a última menstruação, ou seja, o seu diagnóstico e eminentemente retrospectivo (WHO/OMS, 2003).

Halbald e Wolfgang (2000) acrescentam, que o termo perimenopausa é o utilizado para designar o intervalo temporal da última menstruação ou sinais da menopausa até 01 ano da ocorrência destes sintomas. O termo transição menopausica compreende o período que vai do início da perimenopausa até a efetiva chegada da menopausa.

Pelo fato de a perimenopausa se confundir com esse período, na prática, são considerados como equivalentes.

Durante a perimenopausa, ocorre importantes modificações endócrinas, clínicas e metabólicas no organismo da mulher, que são relevantes para a abordagem diagnóstica e terapêutica das alterações deste período da vida.

Principais distúrbios (ou sintomas) relacionados com a menopausa

Quando se inicia a transição menopausica (em torno dos 45 anos), as alterações endócrinas intensificam-se, havendo agora uma repercussão maior sobre os ciclos menstruais, com ciclos encurtados (< 18 dias) ou com intervalos maiores que aqueles considerados normais (> 38 dias) (FERNANDES et al, 1999).

Na ovulação ocorrem muitos ciclos, o que justifica o medo de gestação e a necessidade de anticoncepção neste período, embora seja freqüentemente observada insuficiência lútea, com baixos níveis de progesterona e em cerca de 40% dos ciclos existe anovulação, repercutindo em aumentos nos intervalos menstruais. Em ambos os casos, o endométrio desca-ma-se na ausência ou insuficiência de uma fase secretora precedente, podendo conduzir a alterações endometriais não desejáveis como, por exemplo, as hiperplasias e o adenocarcinoma de endométrio (FERNANDES et al, 1999).

A transição menopausica é caracterizada por alterações hormonais em consequência de um rápido declínio do número de folículos ovarianos, é uma fase em que os ciclos menstruais tornam-se altamente variáveis em regularidade e características do fluxo, diferentemente do período reprodutivo, em que a extensão média varia muito pouco, ou seja, cai de 30 dias aos 25 anos para 28 dias aos 35 anos de idade (FERNANDES et al, 1999).

Existe uma ampla variação na freqüência com que as mulheres de diferentes grupos etários, níveis socioeconômicos e educacionais relatam a ocorrência desse tipo de sintomas associados ao climatério. A maioria dos estudos mostra que há um aumento na perimenopausa, sendo que mais de 50 % das mulheres nos países ocidentais industrializados os apresentam (HALBE, 1997).

São representados pelos clássicos sintomas neurovegetativos ou vasomotores como ondas de calor, com ou sem sudorese e uma variedade de sintomas neuropsíquicos. Podem aparecer, de forma isolada, na mulher que ainda menstrua regularmente ou, como ocorre com mais freqüência, junto com o início das alterações do ciclo menstrual.

De forma sucinta os sintomas durante o climatério podem ser elencados, conforme Cunha (1998), como: Sintomas gerais: Ondas de calor; suores noturnos, palpitações e exaqueca. Sintomas relacionados ao aparelho genital: Alterações menstruais, prurido vaginal, vaginite, distopias genitais e incontinência urinária, atrofia mamária e genital. Sintomas psíquicos: Irritabilidade, alteração de humor, depressão e instabilidade emocional. Os sintomas desse período freqüentemente não persistem até a senilidade e estão, nas populações em que são mais prevalentes, claramente associados ao climatério, pelo fato de sua incidência aumentar agudamente nas mulheres dessa faixa etária. No entanto, a associação com o climatério não significa que todos os sintomas são específicos dessa fase (HALBE, 1997).

Os sintomas vasomotores, que resultam do declínio ou flutuação dos níveis estrogênicos e ocorrem agudamente nessas circunstâncias, são típicos deste período. Os sintomas neuropsíquicos embora com certa freqüência nesta época, principalmente nos países ocidentais, não sejam específicos do climatério, também são encontrados em outras faixas etárias e, portanto, provavelmente sem relação estreita com a insuficiência estrogênica (FERNANDES; et al, 1999).

Conforme Bacarat et al (1999) além do mais, alguns sintomas são restritos a países ocidentais e a mulheres caucasianas, sendo que os poucos estudos feitos em outras populações

étnicas revelaram que o declínio estrogênico é universal, mas não a sintomatologia clínica, ou seja, nem toda mulher climatérica é afetada por sintomas da insuficiência estrogênica.

Relatam ainda, que entre os sintomas neurovegetativos, as ondas de calor ou fogachos constituem o sintoma mais característico do climatério. Apresentam-se como sensação transitória, súbita e intensa de calor na pele das partes superiores do corpo (tronco, pescoço e face). Os fogachos podem aparecer na perimenopausa em cerca de 40% das mulheres que ainda menstruam. Por outro lado, 60% a 85% das mulheres climatérica os apresentam, persistindo por mais de 5 anos em 57% e mais de 15 anos em até 10% delas.

Em relação à duração e frequência das ondas de calor, podem variar amplamente. Assim sendo, podem durar de alguns segundos até 30 minutos, sendo a duração média de alguns minutos. O uso de progestogênios tem a vantagem não só de corrigir as alterações menstruais como também de prevenir as hiperplasias e o adenocarcinoma de endométrio (CUNHA, 1998).

Alterações genitais no climatério

Os autores Fernandes et al (1999), relatam os seguintes sintomas decorrentes do climatério e que afetam os órgãos genitais, conforme expostos a seguir:

Vulva: Os fenômenos evolutivos soam marcantes. Há diminuição do pânículo gorduroso dos grandes lábios, da espessura da pele e do colágeno dérmico, da secreção das glândulas sudoríparas e sebáceas. Os pelos pubianos são escassos e quebradiços. Os pequenos lábios tornam-se proeminentes e as glândulas de Bartholin se atrofiam. O clitóris é normal podendo, às vezes, estar discretamente aumentado no início da pós-menopausa, em face dos níveis elevados de androgênios que advém do estroma ovariana e da supra-renal.

Vagina: Observa-se a redução da rugosidade e da elasticidade, bem como da espessura da mucosa, pois o epitélio passa a limitar a camada basal. Descreve-se progressivo estreitamento da vagina e a cintura genital mais comum e a secura, por diminuição da secreção glandular e da quantidade de muco cervical.

Útero: Diminuição global do órgão, que é mais intensa no corpo, retornando a relação corpo/colo para metade, como ocorre na infância, o colo diminui de tamanho, com estenose do canal. O endométrio torna-se atrofico, mas continua responsivo aos estímulos hormonais, endógenos ou exógenos. A atrofia endometrial predispõe a sangramentos.

Tuba Uterina: Torna-se fina, com diminuição da luz e atrofia das túnicas muscular e mucosa com ausência de secreção.

Assoalho Pélvico: O hipoestrogenismo acarreta, atrofia das estruturas responsáveis pela estática pélvica. Os aparelhos de suspensão e de sustentação, pela insuficiência circulatória, tornam-se frouxos e com menor elasticidade.

Trato Urinário: A deficiência heterogênea do climatério traz repercussões no trato urinário, ocasionando alterações responsáveis por numerosos sintomas. Demonstraram-se receptores de estrogênios na mucosa da uretra e do trigono vesical, assim como no tecido hormônio dependentes. Com o envelhecimento a uretra pode tornar-se rígida e o epitélio, delgado e friável. Processos antiinflamatórios da porção distal levam a fibrose e o estreitamento com obstrução uretral.

Osteoporose

A osteoporose é conceituada como sendo uma doença caracterizada por deterioração do tecido ósseo, com redução da massa óssea em níveis insuficientes para a função de sustentação, tendo como consequência elevado risco de fratura. Em 20% dos casos há uma doença secundária determinando a variedade involucional ou primária (LIMA et al, 2001).

A osteoporose constitui-se nos dias atuais em importante problema da saúde pública. Nos Estados Unidos, por exemplo, afeta mais de 25 milhões de pessoas, predispõe a mais de 1,3 milhão de fraturas ao ano, incluindo mais de 500.000 fraturas vertebrais, 250.000 fraturas de quadril e 240.000 fraturas de punho com custo estimado de 10 bilhões de dólares.

No Brasil a incidência da osteoporose não é clara, algumas tentativas são feitas visando estimá-la, tendo como base à extrapolação da incidência suposta de osteoporose sobre dados dos censos populacionais fornecidos pelo IBGE. Tendo em vista que essa enfermidade tem sua epidemiologia ligada à evolução da pirâmide populacional, essas estimativas para o futuro em nosso país oferecem perspectivas muito preocupantes (LIMA et al, 2001)

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000) referentes ao ano de 2000, revelam uma população de 169 milhões de brasileiros dos quais 13% são de idosos

(acima de 60 anos). Com base nesses dados estima-se uma população de 2,5 milhões de indivíduos com osteoporose. A fratura de quadril (5% população acima de 65-70 anos) estaria próxima de 105 mil casos anuais, com um custo estimado ao ano de 630 milhões de reais. Os resultados do tratamento da osteoporose estabelecida costumam serem precários, por essa razão, nos últimos anos, maior ênfase tem sido dada às medidas profiláticas, procurando-se evitar que as pacientes atinjam o estado de osteoporose, (com as fraturas subseqüentes) (LIMA et al, 2001).

Quando se atinge a menopausa, a quantidade de osso reabsorvida aumenta agudamente, enquanto a quantidade de osso formado aumenta moderadamente. Dessa forma cada ano perde-se de 1 a 3% de osso cortical e acima de 5% de osso trabecular. Essa erosão óssea mantém-se durante cerca de 10 a 15 anos e após, a perda óssea é consideravelmente diminuída. (DE LUCA; PINAFFI, 1996).

Estudos avaliando a densidade óssea em mulheres com idade entre 20 e 50 anos indicaram que se atinge o pico de massa óssea adulta ao final ou logo após se atingir o crescimento linear do esqueleto. O pico de massa óssea adulta não pode ser influenciado de maneira significativa por dieta ou exercícios em virtude de ser, em larga escala, geneticamente determinado. Na pós-menopausa o balanço negativo do cálcio e a diminuição que se observa na absorção intestinal, esta associada a uma maior eliminação desse mineral pelos rins, tornando-se difícil absorção de quantidades regulares de cálcio pelo sistema esquelético.

Admite-se também que a ingestão de cálcio em mulheres na pós-menopausa está além dos requerimentos nutricionais exigidos nesse período, que está em cerca de 1000 mg diários. Os fatores tradicionais de risco para a osteoporose incluem mulheres em geral de raça branca, com histórico familiar, de estatura baixa e magra (estrutura óssea frágil e delicada) (KLOETZEL, 1995).

O risco aumenta bastante se elas têm menopausa prematura ou cirúrgica e não são submetidas à terapia de reposição hormonal. Esses fatores podem ser referidos como iniciadores e inevitáveis. Existem outros, no entanto, que podem acelerar a perda óssea, sendo passíveis de controle para cada indivíduo que os apresenta. Entre esses se alinham os fatores nutricionais, a inatividade física, os hábitos de vida e vícios (DE LUCA; PINAFFI, 1996).

Alguma afecção médica e o uso de determinadas medicações podem estar associados à perda de massa óssea. Aparentemente existe um nível de massa óssea, abaixo do qual existe grave comprometimento da microarquitetura óssea, com elevado risco de fratura. As mulheres que chegam à menopausa com melhor patrimônio ósseo são as que têm menor risco para o desenvolvimento futuro de osteoporose. Para o diagnóstico da osteoporose em pacientes com sintomas, nas alterações sugestivas da baixa massa óssea em radiografias simples e para monitorar a eficácia do tratamento (KLOETZEL, 1995).

Diferentes técnicas têm sido empregadas para o estudo da massa óssea, especialmente nos locais de fratura. O estudo radiológico convencional é útil para o diagnóstico nas pacientes com sintomas da menopausa, não se prestando a avaliação de perdas iniciais ou no monitoramento das pacientes em tratamento (KLOETZEL, 1995).

Isto se deve ao fato que no exame radiológico tradicional, a osteoporose só irá ser detectada quando houver uma expressiva degradação da massa óssea, não sendo possível resultados diagnósticos satisfatórios logo no início do processo. Novos tipos de exames de imagem têm sido desenvolvidos nos últimos 20 anos, para se suprir essa lacuna (SILVEIRO et al, 1997).

Estudos têm sido feitos com a ultra-sonografia para avaliação de algumas regiões ósseas como as falanges, a patela e o calcâneo. Tem algumas vantagens sobre a densitometria, não expõe as pacientes à radiação, é disponível para uso portátil e é significativamente mais barato. Vem ganhando aceitação como medida da qualidade do osso, embora não se tenha claro exatamente qual característica física do osso podem ser avaliadas por esse método (DE LUCA; PINAFFI, 1996).

Em comparação com a hipertensão arterial, que é tida como "assassino" silencioso, a osteoporose é considerada como um "ladrão" silencioso. Insidiosamente, durante anos, subtrai do esqueleto suas reservas, tornando-o frágil que não raro, se quebra espontaneamente.

As fraturas, em geral decorrentes de mínimos traumatismos, constituem-se na consequência principal da osteoporose. Apresenta dor aguda na coluna podendo ser o primeiro sintoma da osteoporose, os fatores de piora da dor são a posição em pé ou sentado só melhorando deitada, como resultado das alterações posturais, as pacientes reclamam de cansaço fácil e intolerância ao esforço (KLOETZEL, 1995).

Tratamento e assistência de enfermagem

Várias são as maneiras para a melhoria dos sintomas da menopausa como caminhadas que aliviam a tensão e ainda ajuda a evitar problemas cardiovasculares e a reposição hormonal que muitas mulheres tem medo, hoje está muito mais segura com baixíssimas doses de hormônios que controlam os sintomas da menopausa deixando a menopausada viver, o que é essencial para ela, porém, vários estudos nos últimos anos vieram a recomendar a não reposição hormonal, devido ao aumento de risco de câncer e outras patologias, recomendando-se formas não químicas e naturais para o enfrentamento dos sintomas.

Normalmente, as abordagens a assistência de enfermagem nos sintomas decorrentes do climatério, são direcionados na melhoria da qualidade de vida da paciente, estruturando-se em três pilares fundamentais: prática moderada de exercícios físicos, alimentação balanceada (inclusive com complementos alimentares, se necessário) e acompanhamento por um profissional de saúde. A prescrição (médica) de reposição hormonal, devido aos riscos antes expostos, deve ser avaliada de forma bastante criteriosa, sendo uma das alternativas (não a única), caso os tratamentos anteriores não surtam efeito.

Considerações finais

Com este trabalho constatou-se que no mundo e no Brasil, tem-se buscado melhorar e estudar cada dia mais para todos terem a expectativa de um envelhecimento saudável, a que todos têm direito, a procura por essa melhoria de vida não pára. A todo momento existem pessoas procurando novas técnicas, novos avanços que possam trazer o máximo de benefícios para o seu bem estar.

Hoje há um grande número de pessoas chegando a idade avançada, e a expectativa de vida feminina esta aumentando cada vez mais, uma das fases que para muitas traz problemas, para algumas e para outras nem tanto, com o auxílio da tecnologia e informações médicas é quase impossível a mulher que na fase menopausica, não procure amenizar o efeitos da velhice sejam eles no campo estético ou na saúde.

Várias são as maneiras para a melhoria dos sintomas da menopausa como caminhadas que aliviam a tensão, ajudando a evitar problemas cardiovasculares e a reposição hormonal que muita mulheres tem medo, e hoje esta muito mais segura com baixíssimas dose de hormônios que controlam os sintomas da menopausa deixando a menopausada viver, o que é essencial para ela.

A osteoporose se constitui no principal sintoma do climatério, onde maiores atenções devem ser dadas, devido ao risco do enfraquecimento dos ossos e eventuais conseqüências à saúde da mulher decorrentes de quedas.

Demonstrou que com um pouco de informação e apoio existem maneiras de amenizar os sintomas da menopausa, mas que devem começar cedo, como uma alimentação balanceada, combinada com a prática de exercícios, no qual melhoram e até evitam várias doenças que podem se acumular com o tempo. Que este trabalho tenha tirado, se não todas, mas algumas dúvidas sobre a menopausa, ajudando a conhecer, a analisar e a divulgar, pois talvez esteja ai, uma ponta da curiosidade em se aprofundar mais nesse assunto.

Referências

- BARACAT, E. C.; HAIDAR, M. A.; LIMA, G. Síndrome do climatério. *Ars Curandi*, n.22, v.26, p.35-36,1999.
- CUNHA, B. A. Patologia do climatério e idade avançada. In: _____. *Ginecologia*. Rocca, 1998, p.127-132.
- DE LUCA L. A.; PINAFFI, R. Reposição hormonal na menopausa com antecedentes de câncer de mama. *Rev. Bras Mastrol*, v.6, n.04, p.129-132,1996.
- FERNANDES, C. E.; MELO, N. S.; WEHBA, S. Climatério Feminino-Fisiopatologia, Diagnostico e Tratamento, São Paulo: EPV, 1999, p.08-09.
- HALBALD, G.; WOLFGANG, H. Climatério em suas fases: principais aspectos clínicos relacionados. *Rev. Bras. Mastrol.*, v.11, n.03, p.89-90, 2000.
- HALBE H.W. Climatério descompensado. In: *Tratado de Ginecologia*. São Paulo, Roca, 1997, p.398-400.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico por faixa etária. Brasília: IBGE, 2000, p.25-26. Acessado em: 08/11/05. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000>.
- KLOETZEL, M. Menopausa e Climatério. Principais aspectos clínicos relevantes. *Rev. Bras. Mastrol.*, v.04, n.08, p.72-74, 1995.
- LIMA G. R.; SANTOS, R. H.; HAIDAR, M.; FERREIRA, J. E. R. Considerações sobre a síndrome do climatério. *Rev. Clin Terap*, v.10, n.01, p.360 -361,2001.
- PINOTTI, J. A.; FONSECA. Envelhecimento e Climatério. *Rev. Reprodução*, v. 05, p-21-23, 1995.
- SILVA, R. O. Cord. Climatério: Manual de orientação. São Paulo: FEBRAGO, 2005, p. 04-08.
- SILVEIRO, P. M. *Ginecologia Preventiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p.113-133.
- WHO/OMS – Organização Mundial de Saúde. Investigaciones sobre la Menopausia. Informe de um grupo científico de la OMS. Séries de informes técnicos – 704 – reedição/03. Genebra: OMS, 2003, p.12-14.
- WEHBA, S. et al. Climatério e a falência ovariana prematura folicular. *Bras Gi*, 97:1997, p.127-129
- WEHBA, S.; CARSOTTI, M. H; SILVEIRA, P. M. Terapêutica hormonal no Climatério. *Indicações e Repercussões endometriais*, São Paulo, 1997, p.197-198
- WOLFGANG, H. *Tratado de ginecologia*. São Paulo: Rocca, 2000, p.1890-1947.
-

Ensinando alunos a ler textos autênticos e facilitados em inglês

Adelaide Ferreira Margato

Resumo

O objetivo desta pesquisa é investigar, através de um estudo de caso, a importância do uso de estratégias de leitura que os alunos usam quando lêem em inglês textos autênticos e facilitados. Participaram do estudo de caso dois alunos, um forte e outro fraco. Ambos cursavam a 8ª série do ensino fundamental de uma escola pública em São Paulo. Fundamentam teoricamente este estudo Oxford (1990), Green e Oxford (1996), Faerch & Kasper (1980) e O'Malley & Chamot (1990).

Palavras-chave

estratégia, material autêntico e facilitado, professor, aluno

Abstract

This research aims at investigating by means of a case study, the importance of the use of reading strategies which students use when they read authentic and facilitated pedagogical materials in English. Two students, one of whom is good and the other weak are asked to take part in this case study. Both of them were students from 8th. série in a State school in São Paulo. The theoretical underpinnings for this study are: Oxford (1990), Green e Oxford (1996), Faerch & Kasper (1980) e O'Malley & Chamot (1990).

Key-words

strategy, authentic and facilitated pedagogical material, teacher, student

Ensinando alunos a ler textos autênticos e facilitados em inglês

I - Introdução

Considerando:

- 1) a afirmação de Costa (1987: 72): aprender línguas é aprender maneiras diferentes de pensar e sentir, enfim, de nos realizarmos como seres humanos;
- 2) a situação nas escolas brasileiras em que o aluno não aprende, não vê ligação entre o que precisa e o que faz na aula;
- 3) a sugestão de Rubin (1979: 16) ao analisar o grau de sucesso na aprendizagem de língua estrangeira: ao invés de apenas admirar o bom aluno, devemos isolar o que o bom aluno faz, quais são suas estratégias e dar seu conhecimento ao não bem sucedido ;
- 4) o papel da língua estrangeira na construção da cidadania como parte integrante da formação geral do indivíduo;
- 5) o número significativo de pesquisas sobre estratégias que os alunos empregam enquanto aprendem.

Decidi pesquisar, através de um estudo de caso, as estratégias que os alunos fracos e fortes usam, quando lêem textos autênticos e facilitados, em inglês respondendo à seguinte questão: há variação no uso de estratégias quando os alunos lêem em inglês textos autênticos e facilitados ?

É grande o número de pesquisas que trata com o uso de estratégias de leitura, porém meu estudo analisa também a variação no uso delas por alunos com um rendimento escolar diferente. Além disso, aparece como inovação. neste estudo de caso, a questão da escolha de material autêntico ou facilitado pelo professor de inglês para seu trabalho em sala de aula.

II - Fundamentação Teórica

Esse estudo de caso toma como embasamento teórico os ensinamentos de Oxford (1990) e Green e Oxford (1996). Para Oxford (1990;11), as estratégias de aprendizagem de línguas são instrumentos que o indivíduo usa porque existe um problema para se resolver, uma tarefa para executar, um objetivo para encontrar, ou um alvo para se atingir. No caso da pesquisa em questão, os alunos deveriam compreender textos escritos em língua inglesa. Green & Oxford (1996) não só enfatizam a importância das estratégias na aprendizagem de línguas, mas também as definem como ações específicas ou técnicas usadas por aprendizes de línguas, geralmente de forma intencional, para desenvolver suas habilidades na língua estrangeira.

Segue, a seguir, um apanhado teórico rápido das idéias desenvolvidas pelas pesquisadoras que embasam o estudo de caso. Para tanto, Oxford (1990) inicia a discussão com sua classificação de estratégias diretas e indiretas.

1) As estratégias diretas, segundo a autora, envolvem diretamente a língua alvo e requerem processo mental da linguagem. Em outras palavras, explica ela, as estratégias diretas podem ser comparadas ao ator que deve interpretar seu papel no palco usando a língua numa variedade de situações específicas. Oxford (op.cit) subdivide as estratégias diretas em três grupos:

1.1) estratégias relacionadas à memória: usadas para agrupar, usar imagens, rimas, movimentos físicos e revisões de forma estruturada;

1.2) estratégias cognitivas: usadas para raciocinar, analisar, resumir e praticar a língua;

1.3) estratégias compensatórias: usadas para compensar o conhecimento limitado, adivinhando o significado a partir do contexto, usando sinônimos e gestos para transmitir a mensagem.

2) As estratégias indiretas representam a segunda maior classe de estratégias. São aquelas que dão suporte indireto à aprendizagem, enfocando o planejamento, a avaliação, o controle da ansiedade, o aumento da cooperação e empatia. Segundo Oxford (op.cit), podem as estratégias indiretas serem associadas ao diretor da peça, aquele que coordena o trabalho e subdividem-se em:

2.1) estratégias metacognitivas - para avaliar o próprio progresso, planejar a execução de uma tarefa, buscar conscientemente oportunidades de praticar a língua, prestando atenção e monitorando erros;

2.2) estratégias afetivas - para reduzir a ansiedade, como auto-estímulo e auto-recompensa;

2.3) estratégias sociais - para perguntar, interagir com falantes nativos e demonstrar conscientização das diferenças culturais.

Vale acrescentar que as estratégias diretas e indiretas se sustentam, portanto, voltando à metáfora do diretor e ator, pode-se dizer que as funções tanto do diretor quanto do ator se completam e, neste sentido, tornam parte do aprendiz, na medida em que ele/ela assume uma responsabilidade crescente pela aprendizagem. O que isto significa?

Em primeiro lugar, explica Faerch & kasper (1980: 60) as estratégias devem ser olhadas como algo dinâmico e não estático, o que significa que uma estratégia pode interagir com a outra. Em segundo lugar, o professor, encorajando o aluno a assumir funções do diretor que, no passado, sempre foram do professor (corrigir erros e dirigir a aprendizagem), situa o aluno no centro do processo ensino-aprendizagem. Segundo Oxford (1990:11) tal mudança fortalece o papel do professor, tornando-o mais válido e criativo, sendo seu status não mais baseado na hierarquia, mas na qualidade e importância da sua relação com os alunos. Desta forma, a função do professor fica menos diretiva e mais facilitadora; por outro lado, o aluno, mais responsável, aprende mais. Tal situação nos leva a concluir que tanto professor quanto aluno se sentem mais bem sucedidos.

III - Metodologia

O modelo metodológico usado é de base qualitativa e tem uma abordagem sintética. Começo com o levantamento dos dados, o comportamento real para chegar a resultados que foram sugeridos pelos próprios dados. Daí sua natureza indutiva/heurística, que segundo Seliger & Shohamy (1989) permite aos dados definir sua forma e o fluxo da investigação.

O lugar da pesquisa é uma escola pública municipal de São Paulo e os sujeitos são duas alunas da 8a. série do ensino fundamental: uma considerada fraca e outra forte. Chamo a aluna forte de A1 e a aluna fraca de A2. Ambas estudam inglês porque é disciplina obrigatória do currículo. A proposta de dar aulas para as duas alunas nasceu da necessidade de analisar as estratégias que os alunos usam quando aprendem uma língua estrangeira.

Vale esclarecer que a clientela da escola em que as duas alunas estudam, é de classe média, quase toda proveniente de escolas públicas. Foram selecionados alunos da 8a série, portanto, dentro de uma faixa etária não superior a 15 anos, por dois motivos: primeiro, porque têm um conhecimento razoável de inglês, uma vez que estudam a língua há dois anos e, em segundo lugar, por sugestão da professora deles. Segundo ela:

são alunos mais calmos, mais maduros, já querem trabalhar, sabem que vão precisar do inglês, por isso mais motivados. (depoimento dado pela professora no início do curso)

A coleta de dados durou um mês e meio, portanto 10 aulas. Nesse período, atuei com os alunos uma vez por semana como professora (uma aula de 50 minutos). No início do trabalho, a idéia era utilizar, além de gravações de aulas, outras fontes como: entrevistas informais, questionários e diários reflexivos dos alunos. O objetivo era utilizar o modelo ideal de auto-reflexão apontado por Matsumoto (1996): combinação de retrospectiva individual(diári-

os) e pública (questionários e entrevistas). Porém, à medida que as aulas caminharam, as alunas demonstraram preferência pela entrevista informal em detrimento dos questionários e diários:

A2: é mais fácil passar o que eu estou sentindo, falando, sabe, eu vou ajeitando aqui e ali e a senhora entende, né? (entrevista gravada dada pelas alunas durante a pesquisa)

Concluindo, usei, como instrumentos de coleta de dados, gravações de aulas, questionário (apenas um, no início da pesquisa), diário reflexivo (apenas em um momento, na fase inicial das aulas) e entrevistas informais que aconteceram ao longo do trabalho, exatamente no fim de cada aula. As aulas e entrevistas foram gravadas e transcritas.

Assim, o método usado foi a retrospectiva que, apenas no início da pesquisa, aparece combinada (Matsumoto, 1996:142), por entrevistas e diários. Matsumoto (1996) embasa teoricamente tais idéias, enfatizando a importância dos estudos sobre estratégias que o aluno usa, pois revelam suas crenças, atitudes e percepções. Tem a autora uma preocupação em situar o leitor dentro de uma nova tendência na aprendizagem de línguas: as pesquisas de sala de aula de língua estrangeira empregam técnicas introspectivas e retrospectivas para investigar os processos mentais dos alunos no uso e na aprendizagem de língua estrangeira. (Matsumoto, 1996:143)

Para que a credibilidade e confiabilidade dos dados ficassem menos comprometidas, houve o cuidado de não avisar previamente os alunos sobre a reportagem (a entrevista) que deveriam fazer, no final de cada aula. Buscando fundamentação em Nunan (1992:124) sempre que possível os sujeitos não deveriam ser informados que iriam reportar sobre sua aprendizagem, a não ser depois de ter completado a realização da tarefa

Assim, a proposta foi um trabalho de ensino de leitura, usando material facilitado e autêntico, ou seja, deveria usar, em uma semana, material selecionado pela professora da classe, textos facilitados extraídos de livros didáticos e, na outra, material trazido pela pesquisadora, ou seja, textos autênticos extraídos de revistas e jornais. Sendo a aula particular e tendo um rendimento maior, foi possível à pesquisadora fazer seu trabalho de pesquisa e, simultaneamente, dar a aula prevista pela professora da classe, sem comprometer o andamento normal das alunas.

Para Hutchinson & Waters (1987) e o documento dos PCNs de LE (1998), um trabalho de leitura com textos autênticos significa uma grande fonte motivadora de aprendizagem. Sinallizam Hutchinson & Waters (1987) que:

aprender, especialmente a aprendizagem de uma língua é uma experiência emocional, e os sentimentos que o processo de aprendizagem evoca, refletem no sucesso ou fracasso da aprendizagem.

O objetivo, nessas dez aulas, como se vê, foi desenvolver a habilidade de leitura, que era também, na época da pesquisa, o grande foco do trabalho da professora da classe.

IV - Análise dos dados

Conforme apontado, Oxford (1990) será o grande pilar de sustentação da base teórica deste estudo. Para efeito didático, inicio a análise dos dados com a primeira divisão da autora:

1) Estratégias diretas subdivididas em:

1.1) de memória, também chamadas de mnemônicas cuja função específica é ajudar os alunos a armazenar nova informação. Segundo a autora, as estratégias de memória refletem princípios muito simples, como colocar as coisas em ordem, fazer associações e rever. Lembro que todos esses princípios envolvem significado.

No estudo de caso em questão, em uma das aulas com texto autêntico, apareceu a palavra *date* cujo significado despertou bastante a atenção dos alunos. Duas semanas depois, as alunas deveriam procurar um texto, que fosse do agrado delas, numa revista, para lerem juntas. Selecionaram um texto em que aparece a mesma palavra *date* trabalhada anteriormente. Sem dúvida, foi uma maneira de rever um significado já aprendido antes, à que Oxford chama de revisão estruturada ou espiral. Para a autora, olhar para a informação nova adquirida através da língua alvo, apenas uma vez, não é suficiente para o aprendiz, assim, urge que busque uma maneira de revê-lo.

1.2) As estratégias cognitivas são essenciais para aprender uma nova língua e variam desde repetir e analisar expressões até resumir. Segundo O'Malley & Chamot (1990) são mais diretamente relacionadas a tarefas de aprendizagem individual e envolvem manipulação direta ou transformação dos materiais de aprendizagem.

No estudo de caso em questão, as alunas usam muitas estratégias cognitivas, fato que comprova a grande popularidade do uso de tais estratégias entre os alunos. Ainda a mesma autora, subdivide-as em: praticar, receber e enviar mensagens, analisar, deduzir e criar es-

estrutura para o input e o output. As duas alunas, em proporções semelhantes, usam skimming para determinar as idéias principais do texto, lendo pela gravura ou títulos, identificando letras maiores ou em negritos como comprovam suas declarações:

A1: a foto que mostra cachorro no meio dos namorados ajudou

A2: olha o assunto principal aí ó, tá no título!

Usam scanning para encontrar detalhes específicos de interesse. As estratégias cognitivas ajudam os alunos a entender rapidamente o que eles ouvem ou lêem na nova língua, garantindo desta maneira encontrar rapidamente o assunto do texto. Segundo O'Malley & Chamot (1990), as estratégias cognitivas são sempre específicas a certas atividades de aprendizagem e incluem tanto usar operações quanto estágios na aprendizagem ou resolver um problema que requeira análise direta, transformação ou síntese dos materiais de aprendizagem

Voltando à Oxford (1990), para entender algo escrito na nova língua é conveniente quebrar a palavra nova, ou frase, ou até mesmo o parágrafo, em partes. No exemplo que segue, durante uma aula, as alunas da pesquisa não entendem a palavra unacceptable:

A1: Se você dividir aqui, ó: un - acceptable, então dá o significado!

A2: Não aceitável (gravação de aula)

Vê-se como a aluna quebra em partes, separa o prefixo un; assim, obtém o significado usando a cognição

Outro recurso bastante utilizado pelas alunas foi o dicionário bilíngüe, instrumento que tem, sem dúvida, prestado enorme auxílio na tradução. Segundo a autora, a tradução é bastante útil desde que usada com cuidado, sobretudo a tradução verbatim que, além de ser altamente cansativa, pode dar uma interpretação errada do material em língua estrangeira. Veja o depoimento da aluna A2 em uma de suas reflexões no seu diário:

não adianta traduzir palavra por palavra, ao pé da letra, vai ser mais difícil. Mas se eu pegar as partes principais, as palavras que eu sei, vou ligando até chegar a uma conclusão mais fácil.

1.3) As estratégias compensatórias permitem que os alunos usem a nova língua tanto para compreensão quanto produção, apesar das limitações de conhecimento. Os alunos podem entender muito, adivinhando, sem necessariamente compreender todos os detalhes. Para adivinhar, o aluno pode recorrer a :

• pistas lingüísticas como comprova a fala de uma delas, durante a aula :

P : e por que será que um casal quer levar o cachorro num primeiro encontro?

A1: Será que dá para descobrir pelo texto?

A2: tem um gelo aqui, ó, ice!

P: Pra quê?

A2: pra quebrá o gelo! (gravação de aula)

Segundo Oxford (op.cit: 93), o conhecimento prévio, que significa conhecer a cultura ou o tópico em discussão, conhecimento geral de mundo, de assuntos como política, negócios e literatura, ajudam os aprendizes de línguas a descobrir o significado do que é lido ou escrito.

Como comprova o próximo exemplo, o conhecimento do tópico em discussão leva a aluna A2 a adivinhar muita coisa num texto que trata de alimentação equilibrada:

eu já fiz regime e sei que é assim.(Gravação de aula)

• ou usar outras pistas como comprova aqui, em um depoimento dado numa entrevista ao final da aula:

P: Como você fez para ler e entender o manual todo?

A1: Tem coisas que eu chutei, outras fui por aquilo que a senhora ia falando, pelo seu jeito de falar! (gravação de entrevista informal ao final da aula)

Oxford (1990:92) define que a entonação do falante, expressão facial, ênfase e a linguagem corporal (gestos, postura e outros) ajudam os alunos a entender o que está escrito.

Em outros momentos, a dificuldade em entender as instruções do manual, obriga os alunos a solicitar mais do professor:

A1: lê professora, pelo seu jeito a gente entende melhor!

À medida que os alunos desempenhavam a contento as tarefas, o ato de adivinhar foi estimulado cada vez mais, durante as aulas, conduzindo o aluno, passo a passo, por diferentes estágios de adivinhação. Seguem exemplos em que:

• interrompo a história, quase no final, para que eles possam adivinhar o que irá acontecer. Nesse momento, usam a lógica, ou seu conhecimento de mundo.

P: Então, segundo o texto, ela está saindo com ele há dez meses. Que conselho ela pede para a revista?

A2: A mãe descobriu? Não! Já sei, se ela conta ou não para a mãe?(gravação de aula)

• o aluno antecipa o que vem depois, pelo que foi dito antes:

A1: é importante comer fibras todos os dias (gravação de aula)

A aluna foi capaz de antecipar o final, tendo em vista a discussão que o texto provocou, ora elencando os alimentos ricos em fibra, ora discutindo sobre uma boa alimentação.

• Nos exemplos abaixo, vemos o professor estimulando, passo a passo, através de diferentes estágios de adivinhação:

P: Bem, vamos lá, os pais são divorciados e a filha mora com a mãe, mas este ano...

A1: foi morar com o pai

P: e o resto, como será? Vejam aí no texto?

A1: não sei se estou feliz ou não

P: mas a mãe está preocupada...

A2: ...com ela e quer que volte a morar junto

P: Qual o conselho que ela pede para a revista?

A2: Será que eu devo ir? (gravação de aula)

Fica claro, no exemplo acima, o professor estimulando o aluno a adivinhar e, o aluno, por seu lado, apresentando êxito no entendimento do texto. Tal sucesso deve-se sobretudo a um conhecimento de mundo que o aluno traz para a sala de aula, uma lógica, enfim, aguçada pelo conhecimento sobre o tópico em discussão. Oxford (op.cit) sugere que o professor, em situações como essa, dê ao aluno um feedback sobre suas respostas, garantindo, assim, uma discussão sobre as diversas respostas dadas por eles, de modo que possam aprender também um com o outro.

2) Mudando o foco para as indiretas, no estudo de caso em análise, os alunos usam com bastante parcimônia estratégias metacognitivas, confirmando as idéias desenvolvidas por O'malley & Chamot (1990) a respeito do uso maior de estratégias cognitivas (diretas) pelos alunos do que metacognitivas (indiretas).

2.1) as estratégias metacognitivas, segundo a mesma autora, são muito importantes porque permitem que os alunos controlem sua própria cognição. É através delas que o aluno avalia seu progresso, planeja a execução de uma tarefa, busca conscientemente oportunidades de praticar a língua, prestando atenção e monitorando erros. Oxford (op.cit.) explica que as metacognitivas são essenciais para o sucesso da aprendizagem de línguas. Para a autora, a sobrecarga gerada nos alunos no ato de ler, pelo excesso de novidade, (vocabulário novo, regras complicadas, diferentes costumes sociais) provoca neles uma perda do foco que poderá ser reconquistada pelo uso consciente de estratégias metacognitivas. O próximo excerto extraído de uma entrevista, no final de uma das aulas, ilustra melhor:

P: Como vocês fizeram para responder estas questões? Como vocês conseguiram entender o texto?

A2: A gente está vendo isso daí (estratégias) faz um tempinho e a gente vai gravando e usando mais, tá fresco na cabeça. Então, está mais fácil traduzir e entender, estamos cada vez melhor, crescemos prá caramba! (gravação de entrevista).

Fica claro neste exemplo, o aluno se auto-avaliando. (atingindo um nível de proficiência muito razoável em leitura).

2.2) Estratégias afetivas referem-se a emoções, motivações, atitudes e valores. Emoções positivas e atitudes podem tornar a aprendizagem de língua mais agradável e efetiva. Veja o diálogo entre as alunas:

A1: O que aconteceu, que eu entendi mais?

A2: Porque a gente está discutindo juntas. Eu sou demais!(entrevista informal depois da aula)

Recorrendo a Oxford (1990:166), os alunos estão acostumados a ser recompensados por fontes externas como nota numa prova, elogio do professor, um diploma. No entanto, segundo a autora, os alunos precisam mais do que recompensas externas, ou seja, as recompensas mais significativas vêm de dentro deles próprios e diferem de um para o outro. Tais elogios são auto-encorajadores e recompensam o esforço gasto na execução da tarefa. Segundo Oliveira (1998), cabe ao professor encorajar os alunos, apelando para a criatividade e flexibilidade que todo profissional no trabalho com adolescentes deve ter.

A1: A professora tá sempre empurrando a gente!

A2: “Por isso que a gente vai, né (gravação de entrevista informal ao final da aula)

O professor, ao valorizar a atuação do aluno, aumenta consideravelmente a auto-estima do aprendiz e reduz, simultaneamente, sua ansiedade na realização da tarefa. Neste momento me veio à lembrança uma citação de Cacioppo (1992) numa entrevista dada e publicada por Goleman (1995:195) em que menciona:

as pessoas com quem a gente mantém contato cotidiano são os relacionamentos mais importantes na vida da gente, são importantes até para nossa saúde.

Podemos concluir que, em primeiro lugar, o professor é muito importante para o aluno, principalmente pelo relacionamento que mantém quase diário, segundo, fica claro que, quanto mais negativo for o relacionamento, mais ele interferirá na performance do aluno e no sucesso do professor.

2.3) Ao contrário do que muita gente pensa, as estratégias sociais são usadas para as quatro habilidades da língua e não somente para falar e ouvir. Mais uma vez, citando Oxford (1990), a linguagem é uma forma de comportamento social, é comunicação e, comunicação ocorre entre pessoas; portanto, aprender uma língua, envolve outras pessoas e as estratégias sociais são muito importantes nesse processo. Segue abaixo, relato da aluna A2, em uma entrevista no final da aula, em que ela evidencia a importância do trabalho em pares e a cooperação :

A2: tive a ajuda da colega e da senhora

Os alunos acreditam e gostam dessa forma de trabalho, quase individualizada. Neste sentido, argumentam :

mas só duas, mais não, aí atrapalha (gravação de entrevista)

V - Conclusão

Tendo em vista o curto espaço de tempo da pesquisa, pouco se pôde observar com relação à pergunta, lançada na introdução: há variação no uso de estratégias por alunos fortes e fracos em inglês quando lêem textos autênticos e facilitados?

De um modo geral, não se pode afirmar que existem variações no uso de estratégias, no processo de leitura em uma língua estrangeira, quer sejam utilizados textos autênticos ou facilitados. No entanto, alguns aspectos ficaram evidentes:

1) o uso significativo de estratégias cognitivas em detrimento das metacognitivas;

Devido ao enfoque dado à leitura e ao grande número de tarefas propostas de vocabulário ou leitura para encontrar detalhes, a tradução é apontada como a estratégia cognitiva mais usada pelos alunos, enquanto que a auto-avaliação e auto-monitoração aparecem como estratégias metacognitivas, em escala muito menor.

2) as duas alunas (fraca e forte) podem ser consideradas “good guessers”(bons adivinhadores) haja vista o grande número de estratégias compensatórias empregado por elas tanto na leitura de textos autênticos quanto facilitados. Notável foi observar que a aluna considerada fraca é a mais participativa e usa mais estratégias compensatórias do que a outra. Vale ainda registrar que foi visível o aumento de motivação para leitura, quando em contato com textos autênticos. Veja a fala das alunas em uma entrevista, depois de realizadas as tarefas:

A2: Este texto a gente tem vontade de ler

A1: É diferente da outra aula

A2: O assunto é legal!

3) Acredito que, com maior motivação para ler o texto, os alunos apresentam uma ousadia maior e se expõem mais, arriscando para adivinhar, e assim, entender o conteúdo do texto. A análise dos dados revela, com segurança, que as alunas usam mais estratégias compensatórias com textos autênticos do que com textos facilitados (a proporção é quase duas vezes mais!). Concluindo com Pride(1979:24)quando cita Carroll (1966:104) quanto mais significativo for o material a ser aprendido, maior será a facilidade na aprendizagem e retenção

4) Não se pode concluir com esse estudo que, entre alunos “fracos” e “fortes” haja variação no uso de estratégias; na verdade, a aluna apontada como “fraca” é a mais participativa. Citando Green e Oxford (1995) o bom aprendiz é aquele que aproveita as oportunidades para praticar a língua, adivinhando as palavras com alto grau de correção, lidando bem com situações que envolvem afetividade ou sentimento, percebendo a língua como um sistema de significados e estruturas e, finalmente, monitorando sua própria fala. As alunas mostraram consciência das estratégias que usam e do porquê usam, fato altamente significativo na comprovação do sucesso enquanto aprendizes. Segundo O’Malley & Chamot (1990)os alunos mal-sucedidos não sabem fazer isso, não sabem ligar essas estratégias “em cadeia”, de forma a progredir na sua aprendizagem.

VI - Considerações Finais

Freqüentemente, ao se colocar o ensino de inglês nas escolas, se reduz todo um universo de possibilidades e recursos a uma tarefa irrelevante e sem sentido. Os alunos não progredem, não aprendem nada de novo em termos de informação e não vêem a ligação entre o que realmente fazem para se comunicar e o que se realiza na aula.

Tentei, aqui, apontar alguns indicadores que julgo capazes de incorporar relevância e significado às aulas: o conceito de estratégias de aprendizagem/leitura e a importância do trabalho com textos autênticos.

Não parece adequado, nem faz sentido passar uma lista de estratégias para serem imitadas. Ao contrário, esse estudo pretende encorajar o aluno a olhar mais para seu próprio comportamento na sala de aula de língua estrangeira. Tal conscientização, segundo Faerch & Kasper (1980: 276), será um passo importante para se tornar um aluno bem sucedido.

VII - Referências Bibliográficas

BRASIL SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Programa de desenvolvimento profissional continuado/Ministério da Educação. PCN-LE, 1998.

COSTA, D. N. M. da - 1987 - Por que Ensinar Língua Estrangeira na Escola de 1o. grau , EDUC

ELLIS, R.1994. The Study of Second Language Acquisition OUP

KASPER, F.1987. Introspection in Second Language Learning, Multilingual Matter LTD

GOLEMAN, D.1995. Inteligência Emocional, editora Objetiva Ltda.

GREEN. & OXFORD,1995. A Closer Look at Learning Strategies , Tesol Quarterly vol.29 no.2 p.261

HUTCHINSON & WATERS, 1987. English for Specific Purposes

MATSUMOTO, K. 1996. Helping L2 learners reflect on their classroom learning - ELT Journal vol.50/2

NUNAN, D. 1992. Research Methods in Language Learning - Cambridge University Press

OLIVEIRA, V. B. de. 1998. Avaliação Psicopedagógica do Adolescente - Ed. Vozes

O'MALLEY & CHAMOT, 1990. Learning Strategies in Second Language Acquisition - Cambridge University Press

OXFORD, Rebeca,1990. Language Learning Strategies, what every teacher should know - , Heinle & Heinle Publishers

RUBIN, Joan What the good language learner can teach us. In PRIDE,J.B.1979. Sociolinguistic Aspects of Language Learning and Teaching , OUP

SELIGER H. W.& E. SHOHAMY. 1989.Second Language Research Methods - Oxford : Oxford University Press

WILLIS, J. 1996 A Framework for Task-based learning - Longman

A Importância dos Fatores Motivacionais no Processo Organizacional

Rogério Nascimento Venancio

Aluno da graduação em Administração, Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia. São Paulo. E-mail: venancio_timao@terra.com.br

Resumo

O homem quando executa alguma ação, ou toma alguma atitude, o faz devido à motivação. Essa motivação pode apresentar-se de diversas maneiras; portanto, o homem só fará alguma coisa se existir uma motivação, positiva ou não. Os fatores motivacionais no processo organizacional foram estudados e discutidos por diferentes pensadores durante os tempos, tendo como premissa básica a satisfação de uma necessidade. A motivação afeta a vida particular das pessoas, as organizações e dentro delas, custos, qualidade, lucros, além de todos os campos da vida humana. O presente artigo apresenta ainda, um estudo de caso em um estabelecimento bancário, onde identifica-se os principais fatores motivacionais para um melhor desempenho e a conseqüente melhoria dos resultados. Conclui que motivar alguém é criar uma disposição contínua em benefício de objetivos e estratégias pré-definidos, bem como, buscar a compreensão da relação pessoal interior do indivíduo com a realidade exterior.

Palavras-chave

Fatores Motivacionais nas Organizações. Motivação e Processo Organizacional.

Abstract

The man when he executes some action, or takes some attitude, makes it due to motivation. This motivation can be presented in diverse ways; therefore, the man alone will make some thing if to exist a motivation, positive or not. The motivacionais factors in the organizational process had been studied and argued for different thinkers during the times, having as basic premise the satisfaction of a necessity. The motivation affects the particular life of the people, the organizations and inside of them, costs, quality, profits, beyond all the fields of the life human being. The present article still presents, a study of case in a banking establishment, where it identifies to the main motivacionais factors for one better performance and the consequent improvement of the results. It concludes that to motivate somebody it is to create a continuous disposal in benefit of objectives and daily pay-defined strategies, as well as, to search the understanding of the interior personal relation of the individual with the exterior reality.

Keywords

Motivation's factors in the Organizations. Motivation and Organizacional Process.

A Importância dos Fatores Motivacionais no Processo Organizacional

Introdução

A quebra das fronteiras econômicas promoveu diversas mudanças e culminou na concorrência global da economia. Desde então, as organizações estão em permanente reestruturação a fim de se manterem competitivas, no intuito de buscar um diferencial que seja difícil de ser imitado, sustentado, em particular, no conhecimento compartilhado entre as pessoas que, com suas idéias fazem a diferença nas organizações.

Os gestores estão se conscientizando de que, para a empresa se manter competitiva no mercado, precisa dar maior ênfase às pessoas. Sendo assim, procuram criar um novo ambiente de trabalho propício à comunicação, à troca de informações e atendimento das necessidades de seus colaboradores dentro de suas políticas organizacionais.

Acredita-se que os fatores motivacionais estejam contidos dentro das próprias pessoas e que possam ser influenciado por fontes externas ao indivíduo ou por suas atividades no trabalho (BERGAMINI).

Entendendo a motivação como “um impulso do comportamento humano, que quando bem administrado, conduzirá os colaboradores a um ideal de futuro (...) e poderá levar a uma produtividade além de qualquer limite esperado” (CHIAVENATO), faz-se importante observar o nível de importância que os fatores motivacionais ocupam nos processos organizacionais.

Para alcançar o objetivo, foram utilizadas técnicas de pesquisa bibliográfica relacionadas ao tema Administração de Recursos Humanos e pesquisa de campo, que propiciou elementos para a elaboração de um pequeno estudo de caso.

1. Reflexão acerca das teorias motivacionais

Várias teorias foram construídas para tentar explicar o ponto fundamental que leva as pessoas a adotarem atitudes, pensar, agir e buscar suas metas e objetivos. Essas teorias de conteúdo da motivação “sempre procuraram dar uma visão geral das necessidades” (ROBBINS).

Será apresentada pequena síntese das teorias sobre motivação no trabalho mais conhecidas e discutidas:

a) Teoria da Hierarquia das Necessidades: Teoria motivacional baseada em um ordenamento seqüencial de necessidades humanas que os indivíduos procuram satisfazer em progressão seqüencial, começando com as necessidades fisiológicas e culminando na necessidade de auto-realização. A fonte da motivação está em certas necessidades que são biológicas ou instintivas, caracterizando os homens de maneira geral e possuindo uma base genética. O que faz as pessoas se comportarem e como o fazem é o processo de satisfação dessas necessidades. Uma vez satisfeita, a necessidade já não influencia o comportamento e outra necessidade surge para tomar o seu lugar. Assim, a vida é uma eterna busca de satisfação de necessidades.

b) Teoria da Equidade: É uma teoria de motivação baseada no processo da comparação social de examinar a relação de subsídios e recompensas entre a própria pessoa e um outro. É uma teoria de motivação no trabalho retirada do princípio da comparação social. A quantidade de esforço que um indivíduo predispõe-se a empenhar no trabalho é uma atribuição de comparação com os esforços dos outros, sugerindo que a motivação tem origem social e não biológica.

c) Teoria da Expectância: É uma teoria sobre motivação baseada no grau percebido de relação entre quanto esforço uma pessoa faz e o desempenho resultante desse esforço. É uma teoria cognitiva pois traz consigo a suposição de que qualquer pessoa toma decisões racionais e que seus esforços serão direcionados para atitudes e atividades que levem às recompensas desejadas.

d) Teoria do Reforço: é uma teoria de motivação baseada na programação de recompensas recebidas por comportamento expedido. Também conhecida por condicionamento operante e behaviorismo, a teoria teve origem no trabalho sobre o condicionamento de animais. Foi somente na década de 70 que se avaliaram as aplicações dessa teoria aos problemas motivacionais dos funcionários. A teoria possui três aspectos principais: estímulo, resposta e recompensa.

e) Teoria da Fixação dos Objetivos: É uma teoria que se baseia em “direcionar o esforço à obtenção de objetivos específicos que foram fixados” (MUCHINSKY). O ponto chave da teoria é a relação entre os objetivos, as intenções e o desempenho da tarefa. A proposta básica é que idéias conscientes regulam as ações das pessoas e os objetivos são tudo aquilo que se tenta alcançar. Assim, os objetivos assumem duas funções principais: é a base para a motivação e dirigem o comportamento. Uma vez os objetivos assumindo um comportamento pretendido, influenciam diretamente no desempenho das tarefas.

f) Teoria da Auto-Regulação: É uma teoria de motivação que se baseia na fixação de objetivos e no recebimento de feedback aprimorado que é monitorado para melhorar a possibilidade de obtenção do objetivo. A teoria da auto-regulação representa uma família de teorias que dividem algumas características comuns básicas. Os objetivos são o núcleo dessa teoria. Desta forma, acredita-se que as pessoas, de maneira consciente, fixam objetivos que governam seu comportamento para conquistá-los.

g) Teoria das Características de Cargo: É uma teoria de motivação “fundamentada na presença de dimensões ou características de cargos que requerem o dispêndio de esforço” (MUCHINSKY). A teoria das características de cargo propõe que o centro de controle da motivação não são as pessoas, mas o ambiente de trabalho. Por conseqüência, ela sugere que havendo um planejamento adequado dos cargos, o trabalho facilita a motivação nos colaboradores.

2. O comportamento humano nas organizações

As organizações são constituídas de pessoas. Elas podem ser analisadas como pessoas (com suas personalidades, aspirações, atitudes, valores, objetivos individuais, motivações etc) e como recursos (dotadas de habilidades, capacidades, destrezas e conhecimentos necessários para a realização de determinadas tarefas).

O homem é um ser social e se caracteriza por uma tendência a viver em sociedade e participar de vários grupos, vivendo em organizações. Possui características complexas em relação à sua natureza, às suas necessidades e potencialidades, como também, é diferente de si mesmo com relação ao fator tempo, na medida em que, adquirindo experiência e aprendizado, sua personalidade e comportamento se modificam (CHIAVENATO).

O ser humano está continuamente empenhado no ajustamento de várias situações, objetivando satisfazer suas necessidades e manter seu equilíbrio emocional. Desta forma, na organização ele busca satisfazer não somente suas necessidades mais básicas, mas também, às necessidades de fazer parte de um grupo social que o estime e à sua auto-realização.

Todo sistema social pode ser encarado em termos de grupos de pessoas, ocupadas com o intercâmbio de seus recursos com base em certas expectativas. Percebe-se que esses recursos são trocas, não apenas materiais, mas que incluem valores, sentimentos, idéias etc. Assim, tanto os indivíduos quanto as organizações possuem objetivos a serem alcançados.

3. Gestão da motivação

As organizações funcionam através de pessoas que delas participam e deste funcionamento, resultam diferenças quanto aos objetivos de cada qual.

Recentemente, surgiu a necessidade da gestão de pessoas. “A gestão de pessoas depende de vários aspectos como a cultura, estrutura, contexto ambiental, o negócio, a tecnologia e os processos internos da organização, entre outros” (CHIAVENATO).

Quando uma organização está realmente voltada para as pessoas sua cultura reflete essa crença, sendo que a gestão de pessoal deve contribuir para a eficácia organizacional da seguinte maneira: ajudando a organização no alcance de seus objetivos e realização da missão; proporcionando competitividade; proporcionando empregados bem treinados e motivados; aumentando a auto-realização e a satisfação dos empregados; desenvolvendo e mantendo a qualidade de vida no trabalho; administrando mudanças e mantendo políticas éticas e comportamento socialmente responsável.

4. Patologias motivacionais

Existe uma dimensão do comportamento humano que, impossível de ser gerido de forma consciente, é de grande importância, por englobar os aspectos da psicodinâmica motivacional (BERGAMINI),

Essa dimensão tem o poder decisivo de influenciar atitudes e respostas de comportamento dos indivíduos em praticamente todas as situações de vida. Assim, todas as reações exteriorizadas têm uma causa interna considerada como motivos da ação e como não poderia deixar de ser, tal fato ocorre também no contexto do trabalho.

O que se pode observar exteriormente, a título de comportamento manifesto, é, em realidade, inseparável daquilo que se esconde no mundo interior de cada um. As pessoas apresentam patologias diferenciadas, como produto de seus desequilíbrios.

Sob um aspecto mais amplo, o comportamento motivacional é ativado visando uma redução de tensão que surge devido à falta de atendimento de uma ou mais necessidades. Um estado de insatisfação duradouro pode promover um desequilíbrio orgânico que refletirá em sofrimento ou dor, podendo trazer a doença e talvez até a morte.

O ponto de equilíbrio em termos de ajustamento manifesta-se em um sentimento de potência relativa, nascida da confiança pessoal e que poderá ser traduzida na capacidade de aceitação da realidade individual e organizacional, mesmo que imperfeita.

Percebendo o trabalho como o referencial que liga o homem ao mundo da realidade, dando-lhe a possibilidade de que expectativas, idéias e visões pessoais tenham sentido e que existe a possibilidade de domínio sobre os impulsos pessoais, entende-se a verdadeira motivação como “um desejo natural das pessoas que se engajam nas atividades desse trabalho por amor a ele mesmo, tendo em vista a satisfação que ele pode oferecer” (BERGAMINI).

Vive-se uma era de realizações e conquistas, onde a preocupação excessiva com a profissão leva o indivíduo a uma má qualidade na vida emocional, devido à grande pressão psicológica que sofre. Os indivíduos podem ser levados “a ter medo do futuro, sentir-se incapaz e desprotegido, o que ocasionará um estado de impotência emocional, baixa estima e cansaço, denominado estresse” (CARVALHO & SERAFIM).

Nem sempre as pessoas conseguem êxito no processo de busca do ajustamento pessoal, especialmente na vida profissional. Na busca pelo ajustamento, é possível permanecer por períodos mais longos que o desejado em estado permanente de conflito, sob pressão duradoura que se torna perigosa para o equilíbrio emocional.

Ocorrendo uma situação de conflito, entram em ação dispositivos pessoais de defesa, que podem ser descritos como sintomas, que são dos mais variados tipos. O conjunto desses sintomas dá origem àquilo que se convencionou chamar de síndrome. As síndromes são classificadas de acordo com os diferentes tipos de defesa diante de situações conflitivas e são denominadas de estilos neuróticos.

Pessoas que possuem percepções distorcidas da realidade apresentam um elevado grau de sofrimento e impõem esse mesmo sofrimento as demais que com ela convivem. Assim, as síndromes são destrutivas para o próprio indivíduo quanto para o grupo de pessoas que a rodeiam.

Da mesma maneira que se podem classificar os indivíduos de acordo com seus estilos comportamentais, é possível caracterizar as organizações de acordo com sua psicoestrutura.

a) Organização Paranóide: No ambiente de permanente suspeita, as decisões são lentas e surgem após análises exaustivas e detalhadas. Ocorre centralização de poder e estas organizações pendem para o conservadorismo, percebendo como ameaça o desenvolvimento de novas estratégias e inovações de produtos.

b) Organização Compulsiva: As empresas compulsivas fazem seus planejamentos com o objetivo de monitorar de maneira mais rígida possível suas operações internas, a eficácia da produção, os custos e as atividades individuais. Mudanças são vistas como ameaças e impossíveis de acontecer, os detalhes e a meticulosidade são constantes e a imposição de regulamentos têm precedência a tudo o mais, não sendo permitido qualquer tipo de manifestação comportamental que denote espontaneidade e criatividade.

c) Organização Teatral: Nesse tipo de organização a estratégia adotada pode ser o reflexo do narcisismo exagerado do principal dirigente. Seu ambiente reflete hiperatividade, impulsividade e incredulidade diante das ameaças, dando a idéia de que tudo funciona ao sabor de impulsos pessoais. A estrutura interna da organização teatral, frequentemente é tipicamente rudimentar, deixando a sensação de que a desorganização é filosofia imperativa.

d) Organização Depressiva: Nessas organizações o topo da hierarquia assume o papel de guardião da empresa em vez de se mostrar como um grupo executivo preocupado com a dinâmica dos processos de decisão que buscam a renovação. A autoridade formal repousa na posição hierárquica e não na competência pessoal. Por outro lado, os colaboradores adotam formas igualmente passiva de ação, não apresentando disposição no envolvimento da busca pela eficácia pessoal.

e) Organização Esquizóide: A organização esquizóide possui um ambiente de desintegração onde as informações são utilizadas como fonte de poder e não como recurso promotor de integração e adaptação. Os colaboradores alimentam um clima de indiferença, onde não existe interesse nem pelos fatos presentes nem pelo futuro da organização. Existe um clima de atenção somente para aquilo que acontece dentro da empresa e não para o ambiente em que ela se insere.

5. Estudo exploratório dos fatores motivacionais

O estudo exploratório tem como objetivo demonstrar como os fatores motivacionais se manifestam no ambiente de trabalho. O grau de satisfação e motivação de uma pessoa é uma questão que pode afetar a harmonia e a estabilidade psicológica dentro do local de trabalho. Por isso, faz-se necessário investigar e analisar os fatores responsáveis pela motivação, considerando ser esta motivação um componente significativo dentro do processo organizacional.

O método utilizado para o desenvolvimento da pesquisa foi o descritivo quantitativo, porque se desejou fazer uma análise e reconhecimento dos principais fatores motivacionais e o nível de satisfação dos funcionários.

A perspectiva da pesquisa é sincrônica, pois se pretendeu fazer a análise em um único período, sem levar em conta suas alterações ao longo do tempo. Os dados foram coletados por amostragem, definindo-se como amostra o percentual de 10% do total de 204 funcionários, delimitando-se o número de 20 respondentes, escolhidos 2 funcionários por setor, um representante do sexo feminino e outro do masculino. Os dados foram colhidos em outubro de 2006 e todos os questionários foram entregues aos respondentes durante seu horário de expediente.

O universo de pesquisa foi a cidade de São Paulo, tendo sido objeto de estudo da pesquisa os fatores motivacionais e o nível de satisfação dos funcionários do Departamento Jurídico de um Banco Privado, onde foram utilizados dados primários, obtidos através do instrumento questionário. A confecção do instrumento baseou-se na elaboração de 17 questões fechadas mediante a utilização da escala tipo Lickert.

Com base na análise dos dados coletados na organização universo de estudo verificou-se que 50% dos sujeitos foram compostos por pessoas do sexo feminino e 50% pelo sexo masculino. O total de informantes foi de 20 pessoas, dentre os quais 60% encontra-se na faixa etária entre 20 e 29 anos, 20% de 30 a 39 anos, 10% de 40 a 49 anos e 10% acima de 50 anos. Quanto ao tempo de serviço 50% está na instituição entre 0 e 5 anos, 30% de 6 a 10 anos, e 20% acima de 16 anos. A escolaridade predominante é de nível superior (80%) seguindo-se de segundo grau (20%).

Dentre as variáveis relacionadas à integração (relacionamento entre pessoas da equipe) as respostas dos informantes revelaram média porcentual mais acentuada para indicar um ótimo nível de relacionamento.

Em relação à realização, houve um equilíbrio no que diz respeito à oportunidade de crescimento profissional e aos critérios utilizados para as promoções, onde os respondentes se mantiveram na escala de mais ou menos satisfeitos/realizados.

No aspecto da participação, onde se procurou apurar o nível de satisfação dos funcionários em sentirem que suas idéias e sugestões são ouvidas, observou-se o estabelecimento de um ponto médio, mesma pontuação obtida com relação às instalações físicas e equipamentos disponíveis para a realização de tarefas. No tangente à liderança, ocorreu uma tendência negativa nas relações com o superior imediato, estabelecendo-se alto índice de insatisfação.

Abordando a valorização e reconhecimento profissional, 60% se encontram reconhecidos e a houve atribuição da mesma média para o estado satisfatório em comparação com a quantidade de treinamento recebido.

Na questão do salário com relação ao cargo ocupado, 50% dos respondentes sentiram-se mais ou menos satisfeitos, seguindo-se de pouco satisfeitos (20%).

Na coleta de dados foi solicitado aos respondentes que listassem, por ordem de prioridade, os benefícios oferecidos que mais lhe agradavam e foram apontados: vale-refeição e participação nos lucros, vale-alimentação, seguro-saúde, assistência odontológica e vale-transporte.

Questionados ainda sobre os principais fatores motivacionais considerados prioritários até o número de cinco, obteve-se a seguinte classificação: salário somado a benefícios, estabilidade no Emprego, oportunidade de Crescimento, Integração da Equipe de Trabalho e ser valorizado e reconhecido pelo trabalho que executa.

Apesar dos pontos médios terem sido centrados no ponto médio "mais ou menos", houve demonstração de um nível satisfatório de motivação para o trabalho, substanciado no porcentual de 80% quando os respondentes afirmaram sentir-se satisfeitos na organização em que atuam.

Os funcionários entrevistados demonstraram forte tendência a considerarem suas atividades prazerosas, tendo relevado o fator financeiro a um índice abaixo da necessidade de realização. Assim, os resultados indicam um bom grau de motivação para o trabalho, embora as necessidades não tenham sido indicadas como totalmente satisfeitas.

Os dados da pesquisa demonstraram a existência de pessoas que se sentem motivadas pelo sucesso financeiro e outras se sentem felizes fazendo o que gostam, desde que isso lhes dê retorno financeiro necessário para uma sobrevivência digna. Assim, dependendo da importância que alguém atribua ao fato de possuir dinheiro, a remuneração pode satisfazer a necessidade de auto-realização.

Observou-se que o modelo de gestão de pessoas implantado na organização estudada é bem sucedido, sendo um fator de sucesso para o crescimento da instituição financeira.

O estudo demonstra que é através de uma eficiente administração de pessoal, entendida como processo permanente, que se torna possível vislumbrar a valorização do trabalhador na organização e a conseqüente valorização do trabalho.

Conclusão

A questão do processo organizacional e o conhecimento dos fatores motivacionais em constante interação é condição primordial para a compreensão do grau de satisfação dos funcionários e para o planejamento de ações que tenham por objetivo a eficácia no interior de qualquer organização.

Muitos foram os enfoques teóricos que pretenderam entender e direcionar o comportamento das pessoas nas organizações em geral, entretanto, observou-se que não existem fórmulas prontas de como resolver os problemas causados pela falta de motivação generalizada que se encontra difundida entre a maioria das organizações.

Percebe-se que o processo motivacional é intrínseco, pois cada pessoa desenvolve impulsos motivacionais distintos em momentos diferentes, assim, estas forças afetam diretamente a maneira de encarar o trabalho e a própria vida.

Compreender o modo como os indivíduos são motivados é extremamente complexo e a dificuldade reside no fato de que não há ferramentas que possam determinar com eficácia como os colaboradores se conduzirão com relação ao desenvolvimento de suas tarefas e, conseqüentemente, não há uma estratégia específica que faça com que todos permaneçam com seus níveis de motivação elevados.

Um aspecto observado diz respeito aos fatores motivacionais relacionados ao sucesso organizacional, como uma forma efetiva de alcançar a realização de um projeto ou uma gestão. Tanto sob o ponto de vista da administração, como dos funcionários, o sucesso é um tipo de motivação que não nasce sozinho, depende tanto da tecnologia adotada na organização como do desempenho e da qualidade exercida pelas pessoas que trabalham em torno de um mesmo objetivo.

Ao se estabelecer um modelo de gestão de pessoas é importante que se demonstre credibilidade e transparência nas ações, bem como, as recompensas que as pessoas terão caso desempenhem suas atribuições nos moldes e metas estipuladas pela organização, a fim de promover uma relação de sintonia entre as partes.

Entender a motivação humana implica no conhecimento da relação do mundo interior do homem, os seus sonhos e ansiedades, em termos de realidade exterior e de estrutura social.

Desta forma, é necessário que as organizações busquem parcerias com seus colaboradores, agregando novos conhecimentos para ambos, sustentando uma visão, uma imagem mental de um futuro possível, onde haverá possibilidade de rever valores e comportamentos, e ainda, redesenhar processos.

A motivação requer uma ação efetiva e continuada na criação de uma disposição mental de ambas as partes, que poderá trazer, sem dúvida alguma, um saldo positivo sobre a competitividade da organização.

Referências bibliográficas

- BERGAMINI, Cecília Whitaker. *Motivação nas Organizações*. São Paulo: Atlas, 1997.
- _____. A difícil administração das Motivações. IN *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 38, n. 1, p. 6-17, 1998.
- BERGAMINI, Cecília Whitaker & CODA, Roberto. *Psicodinâmica da vida organizacional: motivação e liderança*. São Paulo: Pioneira, 1990.
- CARVALHO, Antonio Vieira de. SERAFIM, OZILÉA c. Gomes. *Administração de Recursos Humanos*, volume 2. São Paulo: Pioneira, 1998, 2ª tiragem.
- CHIAVENATO, Idalberto. *Gerenciando Pessoas*. São Paulo: Makron Books, 1994, 3ª edição.
- _____. *Recursos Humanos – Edição Compacta*. São Paulo: Atlas, 1994, 3ª edição.
- _____. *Gestão de Pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- MORGAN, Gareth. *Imagens da Organização*. Tradução Cecília W. Bergamini e Roberto Coda. São Paulo: Atlas, 1996.
- MUCHINSKY, Paul M. *Psicologia Organizacional*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- ROBBINS, Stephen P.. *Comportamento Organizacional*. São Paulo: Atlas, 1998, 8ª edição.

Ricardo Meirelles
Doutorando em Letras pela FFLCH/USP e editor da Revista de Tradução Modelo 19. Professor
de Português Instrumental, Leitura e Produção de Texto, Comunicação Empresarial e
Cultura e Realidade Brasileira.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Escrita>

<http://www.academialetrasbrasil.org.br/histescrita.htm>

A escrita é o processo de registro de caracteres através de um meio, com a intenção de formar palavras e/ou outras amplas construções de linguagem. O(s) instrumento(s) usados nesse registro, e o meio no qual o registro é feito, podem ser quase infinitos, e podem ser realizados através de qualquer instrumento capaz de produzir marcas numa superfície que os aceite; a atividade intelectual envolvida em gerar as letras, palavras e frases seria chamada de “escrita”

A escrita também é usada para descrever a arte da criação de um trabalho mais abrangente de literatura. Essa é uma extensão de seu significado original, que incluiria o acto de escrever textos mais longos..) Nesse contexto a escrita pode se referir à produção fictícia, não-fictícia,

Na maioria das vezes, a intenção da escrita é a produção de textos que serão alvos da atividade de leitura. No mundo ocidental isso significa dispor caracteres conjuntamente com o intuito de formar palavras e frases. Em culturas que usam ideogramas, cada símbolo usado representa uma palavra ou conceito, e pode ser colocado junto a outros, formando frases.

Origem da escrita

Geralmente a linha divisória entre a pré-história e a história é atribuída ao tempo em que surgiram os registros escritos. A importância da escrita para a história e para a conservação de registros vem do fato de que estes permitem o armazenamento e a propagação de informações não só entre indivíduos (privilegio também da linguagem), mas também por gerações.

Acredita-se que a escrita tenha se originado a partir dos simples desenhos de ideogramas: por exemplo, o desenho de uma maçã representaria uma maçã, e um desenho de duas pernas poderia representar tanto o conceito de andar como de ficar em pé. A partir daí os símbolos tornaram-se mais abstratos, terminando por evoluir em símbolos sem aparente relação aos caracteres originais. Por exemplo, a letra M em português na verdade vem de um hieróglifo egípcio que retratava ondas na água e representava o mesmo som. A palavra egípcia para água contém uma única consoante: /m/. Aquela figura, portanto, com o tempo, veio a representar não somente a idéia de água, mas também o som /m/. Um processo simbólico que possibilitou ao homem expandir sua mensagem para muito além do tempo e do espaço de propagação da mesma, criando mensagens que se manteriam inalteradas por séculos e que poderiam ser proferidas a quilômetros de distância.

A escrita se desenvolveu de forma independente em várias regiões do planeta, incluindo o Oriente Médio, a China, o vale do rio Indo (atual Paquistão), a América Central e a bacia oriental do mar Mediterrâneo. Os sistemas de escrita evoluíram de forma autônoma e não sofreram influências mútuas. A escrita mais antiga é a cuneiforme, que foi criada há cerca de 6 mil anos na Mesopotâmia (atual Iraque). Os mais antigos documentos que sobreviveram são rótulos (em potes de alimentos), listas de plantas, animais, deuses e reis. A escrita monumental com o nome de um soberano - como nas enormes lajes de pedra da América Central - indicava seu status e realçava seu poder.

Em geral, a escrita e a sua interpretação ficavam restritas às camadas sociais dominantes: aos sacerdotes ou à nobreza.

História da Escrita

Na Pré-História o homem buscou se comunicar através de desenhos feitos nas paredes das cavernas. Através deste tipo de representação (pintura rupestre), trocavam mensagens, passavam idéias e transmitiam desejos e necessidades. Porém, ainda não era um tipo de escrita, pois não havia organização, nem mesmo padronização das representações gráficas.

Aproximadamente ao ano 4.000 a.C. na Mesopotâmia, surge o primeiro alfabeto a que temos conhecimento; através de desenhos simplificados “pictogramas” expressavam suas realidades.

Foi somente na antiga Mesopotâmia que a escrita foi elaborada e criada. Por volta de 4000 a.C, os sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme. Usavam placas de barro, onde cunhavam esta escrita. Muito do que sabemos hoje sobre este período da história, devemos as

placas de argila com registros cotidianos, administrativos, econômicos e políticos da época. Entre 3250 e 1950 a.C. através dos sumérios surge a escrita cuneiforme; gravavam figuras sobre tábuas de argila utilizando-se de estilete. Grandes movimentos políticos e religiosos. Templos Politeístas. Os sumérios foram dominados pelos acadianos por volta de 2300 a.C. Em 2050 recuperam sua autonomia. Contudo, novamente perdem a soberania para o povo semita do norte “amoritas”. Parte é conquistada por povos originários da Pérsia “elamitas”. Entre 2600 e 1450 os cretenses, descendentes de povos arianos, utilizam-se de dois tipos de escrita pictográfica em placas de argila. Dedicam-se ainda à cerâmica, esportes e à dança. Vários são os seus deuses, inclusive humanos.

Hititas, originários do Cáucaso, criam o reino de “Capadócia” – atual Turquia. Diversos são os seus deuses; - politeístas, cultuam divindades da natureza. Os hititas criam e estabelecem uma escrita hieroglífica e outra cuneiforme. São dominados pelos gregos “equeus” - após expandirem pela Síria, Babilônia e Egito.

Com as cidades-estados, ao longo do rio Nilo, habitadas por tribos nômades, têm início a civilização egípcia. Isto, próximo aos anos 3.200 a.C. – Povo politeísta. Acreditam no retorno da energia vital após a morte. Dessa forma, desenvolvem o processo de mumificação de corpos. Contudo, privilegiam os faraós “líderes vitalícios” e seus familiares. Gozavam do direito à mumificação também, alguns líderes prestigiados pelo faraó. Com ideogramas figurativos dão início a escrita hieroglífica. Os persas os dominam em 525 a.C, pondo fim a independência egípcia. Em 30 a.C. passa a integrar o Império Romano, antes porém, por volta de 322 a.C. integrara o império Macedônio. Os egípcios antigos também desenvolveram a escrita quase na mesma época que os sumérios. Existiam duas formas de escrita no Antigo Egito: a demótica (mais simplificada) e a hieroglífica (mais complexa e formada por desenhos e símbolos). As paredes internas das pirâmides eram repletas de textos que falavam sobre a vida do faraó, rezas e mensagens para espantar possíveis saqueadores. Uma espécie de papel chamada papiro, que era produzida a partir de uma planta de mesmo nome, também era utilizado para escrever.

Foram desenvolvidos pólos gregos em filosofia, dramaturgia e poesia, ao lado da sistematização da história, artes plásticas, arquitetura e narrativas mitológicas como a Teogonia, principal fonte de origem sobre deuses. Ainda, com o surgimento das cidades-estados (polis) – cidades politicamente ativas no século VIII a.C. é organizada a primeira Olimpíada na cidade de Olímpia. Das cidades políticas gregas, destacaram-se: Atenas “democrática e comercial” e Esparta “oligárquica e agrícola”. Utilizavam-se de mão de obra escrava em todos os setores da economia, sustentada sobretudo pelo comércio marítimo. Os principais cultivos eram: oliveiras, videiras e trigo. Nessa mesma época, 2000 a.C. - chegam a Canaã “Palestina” – Terra Prometida por Deus, os judeus, liderados por Abraão, dando-se início a civilização hebraica, criando a primeira religião monoteísta “judaísmo”. São os precursores da Literatura, através da Bíblia e do Talmude.

Arianos em 1750 a.C. invadem o norte da Índia e dominam os dravidianos, originando a civilização hindu. Usam formas geométricas em gravuras, cerâmica e edificações. Reproduzem animais e motivos religiosos nas cerâmicas. Politeístas. Os sacerdotes ditam a ordem e pregam a castidade como forma de pureza. O Hinduísmo, fundamentado nos Vedas “textos sagrados”, ao lado do Budismo, que passou a influenciar na religião a partir do século VI a.C. dividem as buscas religiosas. Utilizam-se do comércio fluvial, metalurgia e têm agricultura avançada.

O Rei amorita Hamurabi da Macedônia, adota a restauração de templos e transcrição de obras históricas literárias mesopotâmicas para o acadiano. O reino mesopotâmico se estende da Suméria até o golfo Pérsico. Babel é instituída capital do estado centralizado despótico e hereditário. Babel se transforma no maior centro comercial e econômico da Mesopotâmia. Surge o Código de Hamurabi, mais antigo conjunto de leis penais da história. O fim do império chega com a destruição de Babel pelos hititas. Isto, entre 1728 e 1513 a.C.

É conhecido o primeiro Reino Dinástico Chinês. O Rei é tido como pai de todos os súditos. Isto, por volta de 1600 a.C. Os súditos, buscando maior autonomia administrativa e sobrevivência, através de guerras civis, dividem o reino em mil e quinhentos principados. Aos chineses devemos os avanços em agricultura, metalurgia de cobre e bronze, o comércio e a fabricação de seda, tecidos e cerâmica. Também, são os inventores da pólvora, papel e bússola. Desenvolvem ainda, os sistemas monetários e de pesos e medidas. Sua literatura é rica e utilizam-se de uma escrita com ideogramas. Cafúcio “Kung Fu-tseo” e Lao-tsé têm

suas filosofias transformadas em religiões no século VI a.C. O budismo foi difundido no século I a.C.

A civilização olmeca “1300 a.C.” tem ascensão no golfo do México. Seu domínio alcança o litoral do Pacífico, El Salvador e Costa Rica. Centros cerimoniais como o de San Lorenzo e o de La Venta, marcam sua arquitetura. Esculpem em pedra a imagem de seus líderes. Adotam a escrita Pictográfica. Os maias e os astecas, civilizações dos séculos seguintes, herdaram as bases culturais dos olmecas.

As primeiras obras da História que se tem informação são os dois poemas atribuídos a Homero: *Ilíada* e *Odisseia*. Os dois poemas narram as aventuras do herói Ulisses e a Guerra de Tróia. Na Grécia Antiga os principais poetas foram: Píndaro, Safo e Anacreonte. Esopo ficou conhecido por suas fábulas e Heródoto, o primeiro historiador, por ter escrito a história da Grécia em seu tempo e dos países que visitou, entre eles o Egito Antigo.

Encontramos no poeta grego Homero, a narração da guerra travada entre gregos e troianos, no episódio conhecido como “Guerra de Tróia”. Esta guerra teve origem nos altos impostos cobrados pelos troianos para a passagem de especiarias no porto de Tróia, estrategicamente localizado no estreito de Dardanelos, entre os mares Egeu e de Mármara. Os gregos, insatisfeitos, em ação pelo exército, destrói Tróia, tomando o controle sobre o comércio marítimo na região. 1250-1240 a.C.

O alfabeto latino se origina de uma versão de um sistema de escrita modificado pelos gregos, anteriormente criado pelos fenícios; - povo semita de origem da costa norte do mar Vermelho – atual Líbano. Utilizam a mesma forma egípcia de organização em cidades-estados, porém, com a evolução de “independentes” entre si, sob administração geral de um único Rei. Este, indicado pelas famílias poderosas. Algumas destas cidades-estados foram: Ugarit, Biblos, Sídon e Tiro. Os fenícios adotavam vários Deuses, politeístas; utilizavam-se de cultos com sacrifícios humanos. Dão início às primeiras navegações, colonizando a costa mediterrânea. A hegemonia fenícia é detida quando de sua conquista pelos romanos. Tudo isto, entre 3000 e 146 a.C. Já em Roma Antiga, no alfabeto romano havia somente letras maiúsculas. Contudo, na época em que estas começaram a ser escritas nos pergaminhos, com auxílio de hastes de bambu ou penas de patos e outras aves, ocorreu uma modificação em sua forma original e, posteriormente, criou-se um novo estilo de escrita denominado uncial. O novo estilo resistiu até o século VIII e foi utilizado na escritura de Bíblias lindamente escritas.

Vários estilos que se praticam até hoje, como a satura, são originários da civilização romana. Entre os escritores romanos do século I a.C. podemos destacar: Lucrécio (*A Natureza das Coisas*); Catulo e Cícero. Na época de 44 a.C. a 18 d.C., durante o império de Augusto, corresponde uma intensa produção tanto em poesia lírica, com Horácio e Ovídio, quanto em poesia épica, com Virgílio autor de *Eneida*. A partir do ano 18, tem início o declínio da História do Império Romano, com as invasões germânicas. Neste período destacam-se os poetas Sêneca, Petrônio e Apuleio.

Após a invasão dos bárbaros germânicos, a Europa se isola, forma-se o feudalismo e a Igreja Católica começa a controlar a produção cultural. A língua (latim) e a civilização latina são preservadas pelos monges nos mosteiros. A partir do século X começam a surgir poemas, principalmente narrando guerras e fatos de heroísmo.

Na Alta Idade Média, no século VIII, Alcuíno, um monge inglês, elaborou outro estilo de alfabeto atendendo ao pedido do imperador Carlos Magno. Contudo, este novo estilo também possuía letras maiúsculas e minúsculas.

É a época das *Canções de Gesta*, narrativas anônimas, de tradição oral, que contam aventuras de guerra vividas nos séculos VIII e IX, o período do Império Carolíngio. A mais conhecida é a *Chanson de Roland* (*Canção de Rolando*) surgida em 1100. Quanto à prosa desenvolvida na Idade Média, destacam-se as novelas de cavalaria, como as que contam as aventuras em busca do Santo Graal (*Cálice Sagrado*) e as lendas do rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda.

Com o passar do tempo, esta forma de escrita também passou por modificações, tornando-se complexa para leitura. Contudo, no século XV, alguns eruditos italianos, incomodados com este estilo complexo, criaram um novo estilo de escrita. No ano de 1522, um outro italiano, chamado Lodovico Arrighi, foi o responsável pela publicação do primeiro caderno de caligrafia. Foi ele quem deu origem ao estilo que hoje denominamos itálico.

É o período histórico do trovadorismo e das poesias líricas palacianas. O amor impossível e platônico transforma o trovador num vassalo da mulher amada, exemplo do amor cortês. Neste período, também foi comum o poema satírico, representado pelas cantigas de escárnio (crítica indireta) e de maldizer (crítica direta).

O homem passa a ser mais valorizado com o início do humanismo renascentista. A literatura mantém características religiosas, mas nela já se podem ver características que serão desenvolvidas no Renascimento, como a retomada de ideais da cultura greco-romana. Na Itália, podemos destacar: Dante Alighieri autor da Divina Comédia, Giovanni Boccaccio e Francesco Petrarca. Em Portugal, destaca-se o teatro do poeta de Gil Vicente autor de A Farsa de Inês Pereira.

O classicismo tem como elemento principal o resgate de formas e valores da cultura clássica, ou seja greco-romana. O mais importante poeta deste período histórico foi Luís de Camões que escreveu Os Lusíadas, narrando as aventuras marítimas da época dos descobrimentos. Destacam-se também os franceses François Rabelais e Michel de Montaigne. Na Inglaterra, o poeta de maior sucesso foi William Shakespeare se destaca na poesia lírica e no teatro. Na Espanha, Miguel de Cervantes faz uma sátira bem humorada das novelas de cavalaria e cria o personagem Dom Quixote e seu escudeiro, Sancho Pança, na famosa obra Dom Quixote de La Mancha.

As idéias da Contra-Reforma marcaram profundamente esta época, principalmente nos países de tradição católica mais forte como, por exemplo, Espanha, Itália e Portugal. Na França, a oratória sacra é representada por Jacques Bossuet que defendia a origem divina dos reis. Na Espanha, destacam-se os poetas Luís de Gôngora e Francisco de Quevedo. Na Inglaterra, marca significativamente a poesia de John Donne e John Milton autor de O Paraíso Perdido.

Época da valorização da razão e da ciência para se chegar ao conhecimento humano. Os filósofos iluministas fizeram duras críticas ao absolutismo. Na França, podemos citar os filósofos Montesquieu, Voltaire, Denis Diderot e D'Alembert, os organizadores da Enciclopédia, e Jean-Jacques Rousseau. Na Inglaterra, os poetas Alexander Pope, John Dryden, William Blake. Na prosa pode-se observar o pleno crescimento do romance.

Obras e autores deste período da História: Daniel Defoe autor de Robinson Crusoe; Jonathan Swift (As Viagens de Gulliver); Samuel Richardson (Pamela); Henry Fielding (Tom Jones); Laurence Sterne (Tristram Shandy). Nessa época, os contos de As Mil e Uma Noites aparecem na Europa em suas primeiras traduções.

No Romantismo há uma valorização da liberdade de criação. A fantasia e o sentimento são muito valorizados, o que permite o surgimento de obras de grande subjetivismo. Há também valorização dos aspectos ligados ao nacionalismo.

Poetas principais desta época: Almeida Garret, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Giacomo Leopardi, James Fenimore Cooper, Edgar Allan Poe.

Movimento que mostra de forma crítica a realidade do mundo capitalista e suas contradições. O ser humano é retratado em suas qualidades e defeitos, muitas vezes vítimas de um sistema difícil de vencer.

Principais representantes: Gustave Flaubert autor de Madame Bovary, Charles Dickens (Oliver Twist), Charlotte Brontë (Jane Eyre), Emily Brontë (O Morro dos Ventos Uivantes), Fiodor Dostoievski, Leon Tolstói, Eça e Queirós, Cesário Verde, Antero de Quental e Émile Zola, Eugênio de Castro, Camilo Pessanha, Arthur Rimbaud, Charles Baudelaire.

Escreva o que eu digo. Há três regras de ouro: criatividade é fulcral; quanto mais curto, melhor; e nunca por palavras caras. Quando meter mãos à obra, não esqueça estes princípios

Por Patricia H. Westheimer

Normas editoriais para publicação

A *Revista Santa Rita* tem por finalidade publicar artigos acadêmicos de seus professores, seus alunos e outros colaboradores no intuito de difundir o conhecimento, promover a integração acadêmica e estabelecer um espaço no qual o professor possa manifestar o resultado sua produção intelectual e profissional. A *Revista Santa Rita* é publicada semestralmente e sua difusão é tanto interna quanto externa.

Os textos enviados serão submetidos ao Corpo Editorial, que dispõe de plena autoridade sobre a conveniência da publicação e poderá decidir pela aceitação ou não do trabalho e eventualmente sugerir alterações de estrutura ou conteúdo ao(s) autor(es). As idéias e conceitos serão de exclusiva responsabilidade de seus autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da revista.

Os trabalhos deverão ser entregues em disquete - de preferência em Word 6.0 ou maior - sem qualquer tipo de formatação, acompanhados de uma cópia impressa em lauda padrão; ou deverão ser enviados para o endereço eletrônico: rsr@santarita.br, gravados em formato .doc e acompanhados por uma autorização de publicação em separado que deverá ser ratificada após a aceitação do trabalho.

O envio dos trabalhos implica a cessão imediata e sem ônus dos direitos de publicação para a revista. O autor continua a deter todos os direitos autorais para publicações posteriores do artigo, devendo, se possível, fazer constar a referência à publicação na revista.

Os créditos dos autores deverão ser apresentados abaixo do título do trabalho, contendo nome do(s) autor(es), nome da instituição de origem, titulação e profissão.

Os textos deverão ser regidos de acordo com as normas da ABNT, digitados em fonte Arial 12, com espaçamento 1 ½, justificado. As notas explicativas devem ser apresentadas no final do texto. Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos bem como a exatidão das referências bibliográficas e toda a revisão ortográfica são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).

O artigo deverá ser estruturado da seguinte forma: título, créditos, resumo e palavras-chave (e os seus correspondentes em outra língua - inglês, francês, espanhol ou alemão) e o texto, que poderá se esturar em: considerações iniciais (temática, justificativa, objetivos e metodologia), argumentação teórica, resultados, conclusão, referências bibliográficas, notas de fim.

Os artigos devem ter no mínimo 5.000 e no máximo 25.000 palavras, e as resenhas, no máximo 3.000 palavras. O resumo deve ter no máximo 300 palavras. Ilustrações devem vir prontas para serem impressas, dentro do padrão geral do texto e no espaço a elas destinado e deverão ser identificadas com título ou legenda. As referências bibliográficas devem estar de acordo com as normas da ABNT (NBR 6023), por exemplo:

Livros no todo:

SELESKOVITCH, Danica & LEDERER, Marianne. *Interpréter Pour Traduire*. 1.ed. Paris: Didier Érudition, 1984.

Partes de livros:

PINTO, Álvaro Vieira. "A definição da pesquisa científica". Em *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979. p. 441-459.

Trechos em obra coletiva:

SEWELL, Penelope & HIGGINS, Ian. Introduction. In: SEWELL, Penelope & HIGGINS, Ian (eds.), *Teaching Translation in Universities. Present and Future Perspectives*, London: CILT, 1996. p. 9-14.

Artigos de periódicos:

CHESTERMAN, Andrew. From 'Is' to 'Ought': Laws, Norms and Strategies in *Translation Studies*. Target, Amsterdam, v. 5.1, p. 1-20, 1993.

O Corpo Editorial não se obriga a publicar toda e qualquer colaboração que lhe for remetida. Os textos que não estiverem de acordo com as Normas Editoriais serão devolvidos para que sejam feitas as devidas alterações. Os trabalhos recusados serão devolvidos aos autores desde que requeridos.

Apoio Cultural: